

A Nova Era

2007

Número 2018
Ano LXXX
Franca — SP — Brasil

JANEIRO
2007



Fundado por José Marques Garcia em 15 de novembro de 1927

Impresso
Especial

1.74.18.1051-2-DR/SPI
Allan Kardec

...CORREIOS...

Órgão mensal de
divulgação espírita

www.jornalanovaera.com.br

Em que fase de espírita está você?

*Nosso Editorial enfoca a questão das
várias fases assumidas pelo espírita em
relação ao entendimento e ação dentro da Doutrina que abraça.*

A profissionalização do Espiritismo

*Será que já não estamos em plena era da profissionalização dos serviços espíritas?
Esta é uma indagação efetuada por Wilson Garcia em comentário a matéria
de José Passini sobre o polêmico tema da profissionalização do espiritismo.*

Página 3



- Filme comprova reencarnação
- A segunda versão de O Profeta

Temas espíritas continuam
atingindo fortemente a mídia,



direta ou indireta-
mente,
como é o
caso da
reedição
da famosa
novela O Profeta e o filme
Minha vida na outra vida



Página 3

Ainda nesta edição

- O espírito na sua real expressão
 - Ano Novo
 - Perigos do Espiritismo
- Um mal chamado impiedade
 - A doutrina espírita
- A porta larga e a porta estreita
 - Reencarnação
- Mensagem de São Francisco de Assis
 - A grande pergunta
- Chico Xavier na memória de cada um
 - Espiritismo e Vida
- A reencarnação explica a existência dos gênios da humanidade

Fases do espírita

Em matéria intitulada 'Período de Luta', publicada na *Revista Espírita* de dezembro de 1863, Allan Kardec preconizou seis fases ou períodos distintos para o Espiritismo, iniciando pelo *período da curiosidade*, caracterizado sobretudo pelos fenômenos de efeitos físicos das mesas girantes, seguido pelo *período filosófico*, marcado pela publicação de *O Livro dos Espíritos*, ocasião em que o Espiritismo tomou um caráter completamente diferente e foram entrevistados o seu objetivo e a sua extensão.

Kardec deixou registrado que desde então foi dirigida uma verdadeira cruzada contra o Espiritismo, principiando o *período da luta* com o auto-de-fé de Barcelona, ocorrido a 9 de outubro de 1861, luta essa que causaria a eclosão do *período religioso*, a ser logo sucedido pelo *período intermediário*, consequência natural do precedente. Finalmente, Kardec previu o sexto e último período, por ele chamado de período da *regeneração social* e que deveria abrir a era do século vinte.

Entretanto, daqui do limiar do terceiro milênio, verificamos com indissociável tristeza que em muitos locais o Espiritismo ainda está parado no *período religioso*, quando Kardec havia imaginado que essa *fase religiosa* e o *período intermediário* estariam superados dentro do século dezenove, possibilitando que a Doutrina Espírita ingressasse no século vinte no seu *período de regeneração social*. Mas, à parte essa lamentação, o propósito real destas reflexões é o de constatar que os períodos do Espiritismo podem perfeitamente ser comparados às fases pelas quais passa todo espírita, independentemente de ter nascido ou não em família espírita, como veremos em seguida.

Com efeito, na *fase da curiosidade*, a pessoa mostra maior interesse em assistir aos fenômenos de efeitos físicos, como por exemplo objetos lançados à distância, movimentos de móveis, lâmpadas que apagam e acendem, geralmente produzidos por Espíritos levianos ou zombeteiros, mas que têm o objetivo de despertar a atenção dos assistentes para a realidade do mundo extrafísico, deixando patente que os mortos continuam vivendo e

que podem interferir no mundo físico através da mediunidade.

Então, profundamente impressionado com isso, o futuro espírita vai procurar conhecer as obras básicas da codificação espírita, em especial *O Livro dos Espíritos*, quando entrará na *fase filosófica*, porque encontrará explicações lógicas e racionais para os grandes enigmas da humanidade: *Quem sou eu? De onde vim? O que estou fazendo aqui? Para aonde irei depois da morte?* Assimilando as respostas, o sujeito

perceberá que está na hora de mudar de hábitos e de vida, passando para a *fase da luta* interior, da proclamada reforma íntima, pois estará convicto de que a morte é apenas uma forma inevitável de enfrentar o tribunal da consciência.

Essa luta determinará um novo progresso na vida do espírita, que o conduzirá à quarta fase, à *fase religiosa*. Passará então a frequentar 'religiosamente' uma Casa Espírita, assistirá às reuniões de estudos e participará dos debates, fará sua primeira exposição doutrinária, tomará e aplicará passes e água fluidificada, integrará grupos de desenvolvimento mediúnico e de desobsessão, e quando pensar que tudo está resolvido, que já pode esperar a morte para entrar na sonhada colônia espiritual, descobrirá que apenas isso não basta, que é preciso mais trabalho para justificar a sua encarnação.

Muitos desistem aqui e chegam até mesmo a abandonar a vida espírita. Acontece que a quinta fase — chamada *período intermediário* —, é consequência natural da religiosa e exige que a pessoa reflita mais profundamente sobre a moral do Cristo, a qual Allan Kardec, no seu extraordinário poder de síntese, resumiu na bandeira do Espiritismo: *Fora da caridade não há salvação!* Mas essa caridade deve ser entendida no seu verdadeiro sentido, conforme está na questão 886 de *O Livro dos Espíritos*, pois consiste em sermos benevolentes para com

Depois de fixada a posição em que estivermos, deveríamos aproveitar esse momento de transição milenar para refletirmos sobre a necessidade inapelável de alcançarmos logo a última fase, inaugurando, com cem anos de atraso, o período de regeneração social no século vinte e um. (...)

todos, indulgentes para as imperfeições dos outros, de perdoarmos todas as ofensas, valendo lembrar ainda que a caridade não pode e nem deve ficar restrita à esmola, bem como que o verdadeiro homem de bem procura elevar seus inferiores, tratando-os da mesma forma que trata os seus iguais e os seus superiores.

Diante disso, é hora de indagarmos: será que estamos na *fase da curiosidade* e ainda somos 'caçadores' de fenômenos de efeitos físicos? Ou será que paramos na *fase filosófica*, duvidando da realidade espírita? Ou ingressamos na *fase da luta* e ali estacionamos diante das dificuldades? Ou nos apegamos à *fase religiosa*, ignorando que devemos seguir em frente para atingir a *fase intermediária*? Certamente poucos estarão na *fase de regeneração*, porque estariam antecipando-se à própria Terra, que ainda não é um mundo de regeneração.

Depois de fixada a posição em que estivermos, deveríamos aproveitar esse momento de transição milenar para refletirmos sobre a necessidade inapelável de alcançarmos logo a última fase, inaugurando, com cem anos de atraso, o período de *regeneração social* no século vinte e um, quando finalmente todos os obstáculos à implantação da ordem de coisas ditadas por Deus, para a transformação da Terra, terão desaparecido. Isto porque a nova geração que está surgindo acatará essas idéias e estará com a força necessária para preparar o caminho que vai possibilitar a vitória definitiva da união, da paz e da fraternidade entre os homens, confundidos todos numa mesma crença pela prática da lei evangélica. Assim serão verificadas todas as palavras do Cristo, que certamente serão cumpridas agora em que, sem nenhuma dúvida, "os tempos preditos são chegados".

Eliseu F. da Mota Jr.



REDAÇÃO

Rua José Marques Garcia, 675
Caixa Postal, 65

CEP 14401-080 - FRANCA - SP BRASIL
FONES (0XX16) 3723-2000 - 3721-6974
FAX (0XX16) 3722-3317

Este Jornal é democrático.
Contudo, os artigos
assinados não exprimem,
necessariamente, a sua opinião.

Site do Jornal: jornalanovaera.com.br

E-mail - editora@kardec.org.br ou

jornal@kardec.org.br

Assinatura anual: R\$ 30,00

ESCOLAS **PESTALOZZI**®

Uma boa educação é para sempre.

Unidade I - 3711-0100 - Unidade II - 3720-0050
Conservatório Musical e Escola de Dança - 3722-2807



anglo
SISTEMA DE ENSINO

Educação Infantil
Ensino Fundamental
Ensino Médio

www.pestalozzi.com.br

A profissionalização do Espiritismo

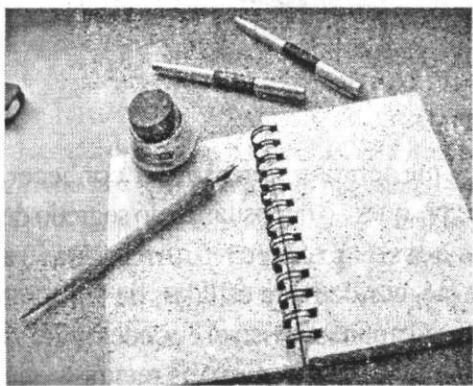
Wilson Garcia - Recife-PE

Em texto prometido para "O Pensador", do primeiro bimestre de 2005, divulgado antecipadamente na Internet, José Passini aborda com preocupação a possibilidade da profissionalização do Espiritismo e lembra a questão moral do "daí de graça".

O professor José Passini fala com conhecimento de causa e tem um argumento de fato forte na questão da profissionalização, sempre perigosa se olhada do ponto de vista das práticas doutrinárias. Como ex-reitor da Universidade Federal de Juiz de Fora, Passini conhece bem os meandros da educação e da academia. Mas existe uma questão contextual que merece ser respondida: a profissionalização do Espiritismo já não se encontra em andamento, de forma talvez irreversível? Se sim, não seria crível admitir que o último reduto desta profissionalização está na condução das atividades do centro espírita?

O Espiritismo brasileiro vive um dilema de difícil solução: buscar ou não no próprio seio da sociedade capitalista os meios capazes de dotá-lo de condições mais eficientes para dialogar com a sociedade, entendendo-se aí a sua própria visibilidade social através da divulgação. O fato é que está perfeitamente consensado hoje que em diversas áreas nada se consegue sem o suporte dos recursos econômicos, financeiros e profissionais. O meio jornalístico impresso no Espiritismo não se desenvolve por falta dessas três condições, sendo que é o meio mais antigo de que dispõem os espíritas, ao lado do livro. Nossos jornais de banca, criados para alcançar a massa, há muito se encontram estagnados em patamares baixíssimos, impossibilitados de alcançar seus reais objetivos.

O meio livro encontrou mais recentemente um



desenvolvimento expressivo, mas isso deu justamente pela entrada no mercado de empresários-livreiros e uma visão empresarial-profissional deste mercado, junto a todas as mazelas de um capitalismo que tem por objetivo o máximo lucro. Eis porque o dilema existencial do Espiritismo padece de sérias e quase ins

solúveis dúvidas, aumentadas com a profissionalização do mercado livreiro, e isso é tão verdadeiro quanto se verifica que a entrada dos livreiros profissionais forçou as editoras espíritas, quase todas assentadas sobre a filosofia do trabalho sem fins lucrativos, a buscarem sua própria profissionalização. Nenhuma delas, porém, alimenta mais a fantasia de um trabalho editorial eficiente e totalmente amador.

Outros setores do espiritismo brasileiro encontram-se hoje a caminho da profissionalização. Se será total ou parcial essa profissionalização é questão a se verificar no futuro. Os centros espíritas cresceram em tamanho e quantidade de frequentadores e tiveram que profissionalizar certos compartimentos, como segurança, limpeza, alimentação, estacionamento, secretaria etc.; as entidades federativas também; as livrarias, muitas vezes as grandes fontes de renda das instituições, tiveram que se profissionalizar e aquelas que não o fizeram ou desapareceram, ou se encontram em situações extremamente difícil; os clubes do livro resistem bravamente à profissionalização, mas não se desenvolvem além de um determinado patamar comercial (se é que se pode chamar de comercial a atividade que desenvolvem); hospitais, creches e casas de repouso não tiveram sequer tempo de resistir: a lei os obrigou a se profissionalizar, sob pena de sofrer punições de órgãos públicos controladores e de prote

ção ao consumidor; empresas e indústrias diversas, organizadas para gerar recursos financeiros a instituições sem fins lucrativos, seguiram pelo mesmo caminho da profissionalização para sobreviver. Os empreendimentos na área da educação estão também aí para mostrar que sem profissionalização não se avança. Em alguns locais onde projetos educacionais puderam ser desenvolvidos a profissionalização foi conseqüente e às vezes até extrema: famílias inteiras se profissionalizaram e passaram a viver — dignamente, diga-se de passagem —, dos resultados financeiros das instituições criadas.

Um dos mais notórios e antigos serviços prestados pelos espíritas, com qualidade reconhecida, encontra-se no setor da saúde. Embora também bem nascido do casamento da caridade com o colaboracionismo, a profissionalização não tardou a chegar aí. Instituições psiquiátricas, especializadas em crianças excepcionais ou de apoio à terceira idade, precisam de um corpo médico e de profissionais de variada especialização, condição em que o colaboracionismo se torna impraticável na maioria das situações.

O desafio que o aumento da visibilidade social impõe aos espíritas não deixa alternativa para os seus empreendimentos: ou se profissionalizam ou morrem. Às vezes nem nascem. A televisão, o rádio e agora a Internet só permitem sonhar, nada além disso, a não ser que se consiga recursos capazes de sustentar os projetos e esses recursos são aqueles que o capitalismo aponta. Não há outro caminho. Não há porque o sistema é esse. Diz-se que a Internet democratiza um pouco essa questão. Pode ser, mas não se iluda ninguém, aqueles que comandam a Internet são os grandes capitalistas ou conglomerados, pois apenas eles dispõem de recursos para se tornarem visíveis lucrativamente. Os demais lutam para serem conhecidos de uns poucos. O espaço mais congestionado e, conseqüentemente, mais difícil de atrair webnavegadores.

Eis porque vale o questionamento: será que já não estamos em plena era da profissionalização dos serviços espíritas? Neste caso, qual o o setor do Espiritismo que de fato sobreviverá a ela e, ao mesmo tempo, conseguirá visibilidade expressiva?

Extraído do Jornal

Comunica Ação Espírita de out/06

A segunda versão de O Profeta

Foi na edição de março de 1978 que a Folha Espírita estampou em sua primeira página chamada da matéria que tratava dos fenômenos de **O Profeta**, novela de Ivani Ribeiro exibida na Rede Tupi de televisão.

A autora, que declarava não ser a novela espírita, ressaltava que o enredo e a dinâmica do tema que empolgava o Brasil estava centralizado em um sensitivo ou paranormal, interpretado pelo ator Carlos Augusto Strazzer. A matéria informava que muitas perguntas são feitas desses fenômenos: "Onde estariam esses poderes ou dons fundamentados? Nós podemos mudar uma previsão? É possível impedir a morte de alguém marcado para morrer?"

O texto ainda apontava que, para Kardec, "nada tem de sobrenatural o dom da predição, mais do que uma imensidade de outros fenômenos". Ele se fundamenta, conforme lembrava a matéria, "nas propriedades da alma, na lei das relações do mundo visível, que o Espiritismo veio

dar a conhecer". "A faculdade mediúnica é inerente à alma, pois o homem encarnado só tem a possibilidade de comunicar-se com os chamados 'mortos' através da mediunidade", dizia o texto.

Com várias questões para ser analisadas, **O Profeta** havia surgido como tema de debate, e a matéria apontava que, sem dúvida, quando isso acontece, aprendemos sempre mais. Pois é, quase 30 anos depois, a nova versão da novela, agora exibida pela TV Globo, traz o personagem Marcos (agora Thiago Fragoso) um pouco diferente da novela original de Ivani Ribeiro. Segundo as autoras Duca Rachid e Thelma Guedes, que têm sua trama supervisionada pelo já consagrado Walcy Carrasco, na novela original, o personagem era um homem urbano, até um pouco irreverente, como eram os jovens da década de 70. Era irônico e uma pessoa que não sofria com a questão do dom que possuía. Ele era até um pouco inconseqüente com essa questão. Ele falava as



coisas e não se importava com o que suas previsões poderiam vir a provocar. Agora, o Marcos vive nos anos 50 e é um pouco diferente. É um rapaz do interior que vai para São Paulo e acaba se corrompendo na cidade grande. E ele sofre com o dom.

De acordo com Duca, a novela é espiritualista.

"Ela surgiu no esteio da aparição do Uri Geller e, como a Ivani era superantena e inteligente, aproveitou o 'entortar' das colheres que mobilizou todo o Brasil e fez uma novela com um paranormal. Na novela original, havia diversas visões do que era o dom dele", diz.

O mais importante é que outro tema, desta vez do dom da premonição, aparece para a discussão do público. Ele é um complemento do que já vem sendo colocado aos telespectadores. E, claro, todos sairão ganhando com a discussão e aprenderão mais.

Folha Espírita de novembro/06

Léon Denis
Da obra: "No Invisível"

Perigos do Espiritismo

Depois de haverem longo tempo negado a realidade dos fenômenos espíritos, numerosos contraditores, subjugados pela evidência, mudaram agora de tática e afirmam: Sim, o Espiritismo é verdadeiro, mas a sua prática é inçada de perigos.

Não se pode contestar que o Espiritismo ofereça perigos aos imprudentes que, sem estudos prévios, sem preparo, sem método nem proteção eficaz, se entregam às investigações ocultas. Fazendo da experimentação um passatempo, uma frívola diversão, atraem os elementos inferiores do mundo invisível de cujas influências fatalmente padecem.

Esses perigos, entretanto, têm sido muito exagerados. Em todas as coisas há precauções a adotar. A Física, a Química e a Medicina exigem também prolongados estudos, e o

ignorante que pretendesse manipular substâncias químicas, explosivos ou tóxicos, poria em risco a saúde e a própria vida. Não há uma só coisa, conforme o uso que dela fazemos, que não seja boa ou má. É sempre injusto salientar o lado mau das práticas espíritas, sem assinalar os benefícios que delas resultam e que sobrepujam consideravelmente os abusos e as decepções.

Nenhum progresso, nenhuma descoberta se efetua sem perigos. Se ninguém tivesse, desde a origem dos tempos, ousado aventurar-se no Oceano, porque a navegação é arriscada, que teria daí resultado? A Humanidade, fragmentada em diversas famílias, permaneceria insulada nos continentes e teria perdido todo o proveito que auferia das viagens e permutas. O mundo invisível é também um vasto e profundo oceano semeado de escolhos, mas repleto de vida e de riqueza. Por trás da cortina do alémtúmulo se agitam multidões inúmeras

que temos interesse em conhecer, porque são depositárias do segredo de nosso próprio futuro. Daí a necessidade de estudar, de explorar esse mundo invisível e ponderar-lhe as forças, os inexauríveis recursos que contém, recursos ao pé dos quais os da Terra parecerão um dia bem restritos.

Quando mesmo, ao demais, nos desinteressessemos do mundo invisível, nem por isso ele se desinteressaria de nós. Sua ação sobre a Humanidade é constante. Estamos submetidos às suas influências e sugestões. Querer ignorá-lo é conservar-se inerte diante desse mundo, ao passo que, por um estudo metódico, aprendemos a atrair as forças benfazejas, os socorros, as boas influências que ele encerra; aprendamos a repelir as más influências, a reagir contra elas pela vontade e pela prece. Tudo depende do modo de emprego e da direção dada as nossas forças mentais. E quantos males há, cuja origem nos escapa, porque queremos

ignorar essas coisas, males que poderiam ser evitados por um estudo aprofundado e consciencioso do mundo invisível!

Em sua maior parte, os nevróticos e os alucinados tratados sem êxito pela medicina oficial, não são mais que obsessos, passíveis de ser curados pelas práticas espíritas e magnéticas.

Deus colocou o homem no centro de um oceano de vida, de um reservatório inesgotável de forças e potência. E deu-lhe a inteligência, a razão e a consciência, para aprender a conhecer essas forças, a assenhorear-se delas e as utilizar. Por esse exercício constante é que a nós mesmos nos desenvolveremos e chegaremos a afirmar o nosso império sobre a Natureza, o domínio do pensamento sobre a matéria, o reino do Espírito sobre o mundo.

É esse o mais elevado objetivo a que possamos consagrar a nossa vida. Em vez de afastar dele o homem, ensinemos-lhe a caminhar ao seu encontro, sem hesitação. Estudemos, scrutemos o Universo em todos os seus aspectos, sob todas as suas formas.

Saber é o supremo bem, e todos os mais provêm da ignorância.

Extraído do site: Portal do Espírito

Um mal chamado *impiedade*

Não seremos felizes sem mútua benevolência

deixamos de usar misericórdia diante dos equívocos alheios?

E o mais curioso: muitas vezes somos impiedosos conosco mesmo. Erramos com conhecimento de causa, reconhecemos o erro e entramos num processo de culpa de largas proporções. Ora, tanto num como noutro caso, é preciso o esforço da indulgência, da benevolência, do perdão, para que alcancemos o estágio de equilíbrio diante das situações conflitantes. Isto nos remete a outro trecho da mesma obra acima referida:

"(...) O mal-estar se torna geral. A quem responsabilizar, senão a vós mesmos, que procurais sem cessar destruir-vos uns aos outros? Não podeis ser felizes sem a mútua benevolência. E como a benevolência pode coexistir com o orgulho? O orgulho! Está aí a fonte de todos os vossos males. (...) Por que tendes em tão grande estima o que brilha e encanta os olhos em detrimento do que toca o coração? (...) Quando a consideração que se concede às pessoas é medida pelo peso do ouro que elas possuem, ou pelo nome que trazem, que interesse

podem ter estas pessoas em se corrigirem de seus defeitos? (...) O trecho é de Adolfo, Bispo de Alger — Marmande, 1862 — e está em O Evangelho Segundo o Espiritismo (capítulo VII, item 12).

O trecho nos traz a palavra benevolência, que significa: disposição bondosa de promover a felicidade do outro, por generosidade. E apresenta um detalhe extraordinário: Não podeis ser felizes, sem a mútua benevolência! (que destacamos).

Eis o exercício que nos cabe prioritariamente nos dias atuais. Nós que dizemos amar, que lutamos pela expansão do pensamento espírita, estamos esquecidos do dever principal, entre nós mesmos. Por quê? Que direito detemos de julgar, interferir, impor? Que autoridade possuímos? Somos todos aprendizes, novatos e inexperientes.

Estas reflexões surgiram com o trecho colhido na Revista Espírita de março de 1867 (Edicel, tradução de Júlio Abreu Filho). Diz o texto assinado por Um Espírito e intitulado Solidariedade, em transcrição parcial: "(...) O homem não

é um ser isolado, é um ser coletivo. O homem é solidário do homem. É em vão que procura o complemento do seu ser, isto é, a felicidade em si mesmo ou no que o rodeia isoladamente: não pode encontrá-lo senão no homem ou na humanidade. Então nada fazeis para ser pessoalmente feliz, tanto que a infelicidade de um membro da humanidade, de uma parte de vós mesmo, poderá vos afligir. (...) E, mais adiante, essa conclusão notável: "(...) O Espiritismo bem compreendido é para a vida o que o trabalho material é para a vida do corpo. Ocupai-vos dele com este objetivo e ficai certos de que quando tiverdes feito, para o vosso melhoramento moral, a metade do que fazeis para melhorar a vossa existência material, tereis feito a humanidade dar um grande passo".

Ora, as últimas linhas do trecho transcrito trazem a chave da questão: o aprimoramento moral redundará no respeito ao próximo que, por sua vez, traz a essência dos ensinamentos dos Evangelhos e elimina a crueldade, a indiferença, a impiedade, enfim, que tantos danos têm causado à tranquilidade e progresso humanos.

Orson Peter Carrara

Um trecho de O Evangelho Segundo o Espiritismo chama a atenção, entre tantos outros, é óbvio. Transcrevo o final do trecho, que está identificado no final da própria transcrição parcial: "(...) Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade". — O Espírito da Verdade, Paris 1860 — em O Evang. Seg. o Espiritismo (capítulo VI, item 5), na edição IDE, com tradução de Salvador Gentile.

Ora, segundo o dicionário, impiedade quer dizer crueldade, desumanidade, ausência de misericórdia. E o mais interessante é que o autor do convite dirige-se aos espíritos, especificamente, como se pode apreender do parágrafo em questão.

É que ainda somos um tanto cruéis com os equívocos, tombos, desacertos e dificuldades de nossos irmãos de ideal. Se alguém erra, por qualquer motivo, somos apressados na crítica, no julgamento precipitado e nem consideramos as décadas de acertos ou contingente de esforços daquele irmão que tanto lutou para, agora, num momento difícil, equivocar-se. Basta fazer um retrospecto de memória: quantas vezes

O espírita na sua real expressão

O espírita sempre fará o bem: procurará mitigar corações angustiados, acalmar desesperados, operar reformulações morais, auxiliar de todos os modos os necessitados.

A Terra, pelas suas características morais, é planeta onde imperam os queixosos, os que carregam o amargor das desesperações, os cultivadores da violência, os ambiciosos em todos os sentidos, os que amanham os prazeres sexuais... prazerosamente.

Há ainda os pessimistas contumazes, espalhando os seus miasmas incessantemente entre todos os que lhes compartilham a vida.

Outros mais persistem em acalantar no íntimo seus males, suas doenças descrevendo-as com sofreguidão, vinculados que se acham mentalmente a elas.

Viciados procuram entremostrear a própria destinação, como se a ela estivessem irremediavelmente fadados, firmando-se numa condição interior de auto-compaixão, sem empreender o mínimo esforço pela sua libertação.

Existem os instabilizados emocionais imprimindo-se uma posição de vítimas do destino, malgrado persistam na posição fixa de irresponsabilidade, como se ignorassem os males que a si mesmo praticam.

O panorama é aparentemente desanimador para o trabalhador do bem, tal o volume de carentes nas mais variadas condições de dor e sofrimento à sua frente, todos aguardando comiserção e socorro, os quais, entretanto, se negam a aceitá-los quando alguém por eles se interessa. Some-se, ainda, a esta avalanche dos mendigos de amor e de paz os que se

comprazem em viver assim, hipotéticas vítimas da vida e da Lei Divina, herdeiros, dessarte, de si mesmos, de seu passado, quando estagiaram na preguiça, no ódio, no desejo de vingança, na cata angustiante do poder, do prazer carnal.

Profundamente relevante, ao convivermos com eles, é não nos deixarmos, primeiramente, identificar com o morbo que carregam, e, segundo, é acautelarmos no sentido de mantermos em nós um clima de oração, procurando a necessária inspiração sobre o que fazer de melhor para ajudar com acerto.

Imperfeitos como ainda somos, torna-se até natural nos vermos mergulhados nas águas turvas da mistura do verdadeiro amor com sentimentalismo injustificável, servindo-se do Evangelho, e com Ele se justificando, como se fosse refúgio de espíritos portadores de caracteres irresponsáveis.

Fora assim e se transformaria a ordem da Vida, em nome de um amor a serviço dos caprichos dos enfraquecidos e apalermados.

JESUS, em momento algum de seu Evangelho, mostrou-se usando de falsa piedade ou estimulando a indolência. ELE, que é o Construtor do Orbe, Administrador da Terra, não poderia ser confundido como um acolhedor de ineptos.

A excelência de Seu dinamismo imperou em todos os Seus movimentos. Suas atitudes foram sempre firmes e Seu caráter diamantino em momento algum mostrou-se tíbio ou ressaltou a apologia da covardia.

Dando preferência à morte, aceitou-a para que não houvesse a mistura da Sua missão elevada com o desperdício das elevadas questões que viera propor.

Aceitou o julgamento arbitrário, a traição de um

amigo, a convivência com a gente tida como de "má vida", para que assim pudesse exemplificar o valor da Verdade que viera trazer, aproveitando para lecionar vigilância, oração, dignidade, além de demonstrar cabalmente que as aparências físicas não refletem as realidades primordiais da existência.

JESUS nunca se mostrou fraco, nada obstante tendo de absorver o vinagre e o fel da ignorância dos homens, sempre pregando a esperança, até a Sua ressurreição em triunfo.

Seu Evangelho é um repositório de força, vitalidade, vida, consolação, pelo fato de caracterizar-se pela exuberância em suas linhas das expressões de meiguice e ao mesmo tempo de estoicismo, numa mistura inconfundível de profundo equilíbrio em todos os sentidos.

O espírita vai-se mostrando como aquele que luta pela sua transformação moral numa batalha sem quartel, envidando esforços inconfundíveis para vencer as imperfeições que ainda carrega.

O Espiritismo liberta da ignorância quando lhe oferta os ensinamentos de JESUS como roteiro de vida ética-moral, quando mostra que ele vive entre irmãos, que devem os seus atos representar a vivência da caridade, quando o induz a ser bom, generoso e compreensivo com todos.

A Doutrina Espírita, desta forma, prescreve dignidade na luta, inspirada nas heróicas ações de JESUS, ELE que é roteiro seguro para a construção de um mundo mais justo e de uma humanidade mais ditosa.

Adésio Alves Machado

Extraído do site: www.ger.org.br

Ano Novo

Hoje é o dia que dá início a um novo ano.

É o dia primeiro. Todos queremos iniciar mais um ano com esperanças renovadas. É um momento de alegria e confraternização.

As rogativas, em geral, são para que se tenha muito dinheiro no bolso, saúde pra dar e vender.

Mas será que se tivermos tudo isso teremos a garantia de um ano novo cheio de felicidade?

Se Deus nos dá saúde, o que normalmente ocorre é que tratamos

de acabar com ela em nome das festas. Seja com os excessos na alimentação, bebidas alcoólicas, tabaco, ou outras drogas não menos prejudiciais à saúde.

Não nos damos conta de que a nossa saúde depende de nós.

Dessa forma, se quisermos um bom ano, teremos que fazer a nossa parte.

Se pararmos para analisar o que significa a passagem do ano, perceberemos que nada se modifica externamente.

Tudo continua sendo como na véspera. Os doentes continuam doentes, os que estão no cárcere permanecem encarcerados, os infelizes continuam os mesmos, os criminosos seguem arquitetando seus

crimes, e assim por diante.

Nós, e somente nós podemos construir um ano melhor, já que um feliz ano novo não se deseja, se constrói.

Poderemos almejar por um ano bom se desde agora começarmos um investimento sólido, já que no ano que se encerra tivemos os resultados dos investimentos do ano imediatamente anterior e assim sucessivamente.

Poderemos construir um ano bom a partir da nossa reforma moral, repensando os nossos valores, corrigindo os nossos passos, dando uma nova direção à nossa estrada particular.

Se começarmos por modificar

nossos comportamentos equivocados, certamente teremos um ano mais feliz.

Se pensarmos um pouco mais nas pessoas que convivem conosco, se abirmos os olhos para ver quanta dor nos rodeia, se colocarmos nossas mãos no trabalho de construção de um mundo melhor, conquistaremos, um dia, a felicidade que tanto almejamos.

Só há um caminho para se chegar à felicidade. E esse caminho foi mostrado por quem realmente tem autoridade, por já tê-lo trilhado. Esse alguém nós conhecemos como Jesus de Nazaré, o Cristo.

No ensinamento "amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo" está a chave da felicidade verdadeira.



Jesus nos coloca como ponto de referência. Por isso recomenda que amemos o próximo como a nós mesmos nos amamos.

Quem se ama preserva a saúde. Quem se ama não bombardeia o seu corpo com elementos nocivos, nem o espírito com a ira, a inveja, o ciúme etc.

Quem ama a Deus acima de todas as coisas, respeita sua criação e suas leis. Respeita seus semelhantes porque sabe que todos fomos criados por ele e que ele a todos nos ama.

Enfim, quem quer um ano novo repleto de felicidades, não tem outra saída senão construí-lo.

Importa que saibamos que o novo período de tempo que se inicia, como tantos outros que já passaram, será repleto de oportunidades. Aproveitá-las bem ou mal, depende exclusivamente de cada um de nós.

O rio das oportunidades passa com suas águas sem que retornem nas mesmas circunstâncias ou situação.

Assim, o dia hoje logo passará e o chamaremos ontem, como o amanhã será em breve hoje, que se tornará ontem igualmente.

E, sem que nos demos conta, estaremos logo chamando este ano que se inicia de ano passado e assim sucessivamente.

Que todos possamos aproveitar muito bem o tesouro dos minutos na construção do amanhã feliz que desejamos, pois a eternidade é feita de segundos.

Site Momento Espírita

A doutrina espírita

O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que dimanam dessas mesmas relações

O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele não-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo alude em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que ele disse permaneceu ininteligível ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil.

Se a Doutrina Espírita fosse de concepção puramente humana, não oferecería por penhor senão as luzes daquele que a houvesse concebido. Ora, ninguém, neste mundo, poderia alimentar fundadamente a pretensão de possuir, com exclusividade, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se houvessem manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, porquanto fora mister acreditar, sob palavra, naquele que dissesse ter recebido deles o ensino. Admitida, de sua parte,

sinceridade perfeita, quando muito poderia ele convencer as pessoas de suas relações; conseguiria sectários, mas nunca chegaria a congregar todo o mundo.

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Incumbiu, pois, os Espíritos de levá-la de um pólo a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas vêem e ouvem a mesma coisa. Constitui isso uma garantia para cada um e para todos. Ao demais, pode fazer-se que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inexaurível, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos dessender-se nela. Faltem os homens para difundí-la: haverá sempre os Espíritos, cuja atuação a todos atinge e aos quais ninguém pode atingir.

Assim como a Ciência propriamente dita tem por objetivo o estudo das leis do princípio material, o objeto espe-

cial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo.

O Espiritismo, longe de negar ou destruir o Evangelho, vem, ao contrário, confirmar, explicar e desenvolver, pelas novas leis da Natureza, que revela, tudo quanto o Cristo disse e fez; elucida os pontos obscuros do ensino cristão, de tal sorte que aqueles para quem eram ininteligíveis certas partes do Evangelho, ou pareciam inadmissíveis, as compreendem e admitem, sem dificuldade, com o auxílio desta doutrina; vêem melhor o seu alcance e podem distinguir entre a realidade e a ale-

goria; o Cristo lhes parece maior: já não é simplesmente um filósofo, é um Messias divino.

Demais, se se considerar o poder moralizador do Espiritismo, pela finalidade que assina a todas as ações da vida, por tornar quase tangíveis as consequências do bem e do mal, pela força moral, a coragem e as consolaciones que dá nas aflições, mediante inalterável confiança no futuro, pela idéia de ter cada um perto de si os seres a quem amou, a certeza de os rever, a possibilidade de confabular com eles; enfim, pela certeza de que tudo quanto se fez, quanto se adquiriu em inteligência, sabedoria, moralidade, até a última hora da vida, não fica perdido, que tudo aproveita ao adiantamento do Espírito, reconhece-se que o Espiritismo realiza todas as promessas do Cristo a respeito do Consolador anunciado. Ora, como é o Espírito de Verdade que preside ao grande movimento da regeneração, a promessa da sua vinda se acha por essa forma cumprida, porque, de fato, é ele o verdadeiro Consolador.

Extraído de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" e "A Gênese". Ambos de Allan Kardec.

A porta larga e a porta estreita

O Nazareno deixou-nos o grande ensinamento de que na Casa do Pai há várias moradas. E elas estão em qualquer parte do universo, portanto, a Terra é uma delas. E habitamos eternamente nelas enquanto espíritos que somos. Mas justamente porque somos imortais, nós já estamos na eternidade.

Segundo alguns filósofos, entre eles Huberto Rohden, podemos dividir os indivíduos, espiritualmente falando, em três categorias: profanos, virtuosos e iniciados.

Profanos são aqueles desinteressados pelas coisas da área espiritual, embora não sejam necessariamente materialistas propriamente ditos. Estão naquela fase de nem desejarem sequer, ainda, entrar pela chamada Porta Estreita, de que falam os Evangelhos. Todavia, vai chegar o dia

em que eles vão despertar também para isso, mas por eles mesmos, como o personagem da Parábola do Filho Pródigo, pois Deus respeita o nosso livre-arbítrio que Ele próprio nos deu, deixando por conta nossa o quando, o onde e o como desse nosso despertar para as coisas do alto, do nosso Eu Interior.

A categoria dos virtuosos constitui-se dos espiritualistas que procuram por em prática os princípios do bem e da moral. Porém, praticam-nos com dificuldades, sacrificando a sua própria vontade. É a essa categoria que pertence a maioria de todos nós, que queremos passar pela Porta Estreita, mas só conseguimos, por enquanto, a passagem pela Porta Larga.

Já a terceira categoria compõe-se de uns poucos indivíduos do tipo de Chico Xavier, Madre Teresa de Calcutá, Gandhi, Luther King e Irmã Dulce

da Bahia. Elas fazem o bem, prazerosamente, como quem está com fome e saboreia uma apetitosa comida.

O Mestre disse que o seu jugo é suave. E essas pessoas sentem essa realidade, já vivenciando estes seus conselhos: "Se alguém lhe der um tapa no rosto, apresente-lhe a outra face". "Se alguém tomar-lhe a capa, dê-lhe também a túnica". "Não resistais ao maligno". Encontram-se elas já no estágio de inofendibilidade, isto é, neutralidade diante das ofensas que se lhes fazem. E, por isso, elas até nem têm nada que perdoar a ninguém, pois que ninguém consegue ofendê-las. E, obviamente, já têm passagem garantida pela Porta Estreita, pois quase sempre elas estão voltadas para o mundo do seu Eu Interior, o mundo do Reino dos Céus, que lhes é bastante para a sua felicidade.

Essas idéias de nossa evolução

espiritual trazem subjacente em seu bojo a da reencarnação, ou seja, a de que, um dia, todos se salvarão, pensamento este coincidente também com o da Igreja atual, de que a salvação é para todos, com o de parte do Islamismo (Sufismo e Bahaísmo) e, igualmente, com o das grandes religiões orientais, cujos adeptos representam cerca da metade da população da Terra.

Com efeito, se isso não fosse também a Doutrina do Homem de Nazaré, Ele não se intitularia o Salvador do Mundo, mas, sim, só de meia dúzia de almas!

E não poderia ser diferente, pois, se Deus quer que todos se salvem, o que poderia obstaculizar a sua vontade infinita?

José Reis Chaves

A Nova Era

SUPLEMENTO CULTURAL E BIBLIOGRÁFICO • JANEIRO • 2007



Eis o que divulgava A Nova Era em sua edição de 25.1.1957



ÓRGÃO DE PROPRIEDADE DA
CASA DE SAÚDE
ALLAN KARDEC

ANO XXVII
N. 965

Redação: Rua José Marques Garcia, 451-Oficinas: Av. Major Nísio 277-C. Postal, 65-FRANCA

Diretor de 15-11-927 a 21-6-942: José Marques Garcia

Diretor: Dr. Tomaz Novellino — Gerente: Vicente Riolinho — Redator: Dr. Agnelo Morato

Diz um ditado que um inimigo pespegando-nos pelas costas um ponta-pé e obrigando-nos, por isso, a dar para diante alguns passos, faz-nos mais bem que o amigo dileto que, pela frente, nos aperta cordialmente a mão.

Percebemos a veracidade dessa assertiva nos acontecimentos verificados, por vezes, nos arraiais espíritas. Trabalhamos, nós, os adeptos da III Revelação, nas lides doutrinárias; esforçamo-nos, com boa vontade, por crescer espiritualmente; estudamos e vivemos em boa camaradagem. Toda vez, porém, que a Doutrina amada sofre adulterações e interpretações desleais e zombeteiras, vibra fortemente a alma daquele que na verdade bebeu a água da vida, sacode de si o torpor comodista em que se encontra, todas as suas potências anímicas adormecidas são despertas e postas em atividade, e de pé, e alerta, e confiante, olhos fitos no mais rico tesouro de sua existência, apresta-se ele para a defesa da verdade sacrossanta que abraçou.

Quando a desgraça atinge uma família, por mais desunidos que sejam os seus membros, unem-se eles para corrigir ou atenuar a desdita comum; quando a Pátria é ultrajada nivelam-se classes sociais, esquecem-se divergências políticas ou religiosas e labutam todos para a conquista do mesmo fim que é a vitória. Quando, também, tenta-se ferir a Doutrina do Espírito da Verdade, verdadeiras bênçãos se dão. Como os cristãos logo após a partida do Divino Mestre, une-se em doce fraternidade, como um só ser, toda a família

O feitiço contra o feiticeiro

M. A. R. Novellino

espírita. Pequenas indiferenças são esquecidas, igualam-se os desnivelamentos sociais; o menos intelectual põe sua esperança no mais douto e este ganha forças na confiança do mais simples; o jovem apoia-se na experiência do mais velho enquanto o mais idoso estriba-se na vitalidade do mais moço. Um só coração, um só ideal, um só alento! Passa a tempestade e de novo volta a reinar a bonança e ao dealbar do dia radioso depois da noite de treva, os filhos do Evangelho, fortificados pela luta, mais conscientes de suas responsabilidades e mais amantes de sua Doutrina, reiniciam suas atividades com mais vigor, mais energia e mais amor que antes.

Pode-se ver que após as grandes arrancadas as obras do Espiritismo crescem e ganham vigor como planta a que se chegou adubo ou massa a que se junta levêdo. Assim tem sido, assim continuará a ser, vendo-se o acerto da sabedoria popular quando reza: — Vira-se o feitiço contra o feiticeiro.

Mas, afinal, que é o Espiritismo para nós outros? Fonte de renda? Meio de vida? Caminho certo para se assegurar vantagens sociais? Nada disso; ele é, ou melhor, deve ser para nós a própria razão de nossa vida. Tudo que lhe pudermos oferecer é nada em face do que ele nos oferta. Busquei-o, eu, quando minh'alma desalentada e farta de água loquosa e suja incapaz

de satisfazê-la em sua sede devoradora, ansiou pela linfa cristalina e pura que a dessedentasse; procuraste-o, tu, quando a enfermidade venceu teu orgulho e matando em ti os preconceitos do mundo conseguiu fazer-te elevar aos céus a alma chorosa em rogativa humildade; achou-o o nosso irmão quando a partida de um bem amado, ferindo-lhe a alma sensível, obrigou-o procurar uma causa justa para a dor que não compreendia e um bálsamo de alívio para a chaga dolorosa que o pungia.

"Pela dor ou pelo amor", costuma-se dizer; assim vão as criaturas engrossando as fileiras espíritas, já que o Espiritismo não é religião de herança mas vem como efeito da necessidade e da compreensão.

Ave, pois, a luta sublime que redime e vitaliza! Ave a batalha redentora que nos desperta do marasmo rotineiro e proclama forte a necessidade da união e do trabalho! Ave a força que vence a inércia de nossa desatenção para com a grandeza da dádiva que o Senhor nos ofertou! Ave a trovada que apavora mas que saneia os ares de miasmas deletérios!

Ave a dor, ave a luta que nos desperta a atenção atormentada! O nosso amor e conhecimento, o nosso pensamento em prece de amizade para aquele que, empurrando-nos pelas costas, nos obriga a caminhar alguns passos na senda do nosso verdadeiro destino!

CULTURA

Versátil lança filme em DVD que comprova a reencarnação

Depois do sucesso de Pinga-Fogo, que em três meses já vendeu 3 mil DVDs nas principais lojas e livrarias do País e está partindo para sua segunda edição, a principal distribuidora de filmes brasileiros e europeus lança Minha Vida na Outra Vida, best-seller que comprova caso de reencarnação

Oceano Vieira de Melo, 55, é um autodidata, jornalista, pesquisador espírita e produtor cultural. Mas foi depois de atuar como editor durante 18 anos da principal publicação do mercado de cinema e home video, o Jornal do Vídeo, revista mensal dirigida aos empresários dos cinemas e videolocadoras, que fundou, em 1999, a Versátil Home Video, a principal distribuidora do Brasil especializada em filmes clássicos, de arte, produções européias e brasileiras.

"Desde o início de suas atividades, a Versátil tem se primado por lançar grandes filmes, em DVDs impecáveis, com máxima qualidade de áudio e vídeo, dando prioridade às versões restauradas e remasterizadas, embalagens de luxo com design artístico e o melhor conteúdo extra do mercado, com documentários, making ofs, entrevistas, as biografias mais completas, storyboards, etc.", revela com satisfação. E não é para menos. Tudo isso já rendeu à Versátil prêmios como o Rubens Edwald Filho, por ter lançado coleções dos mestres italianos, e o de Melhor DVD de filme brasileiro e Melhor Autoração por Deus e o Diabo na Terra do Sol, no 1.º Prêmio DVD Brasil, a mais importante premiação do mercado brasileiro.

Em seu catálogo de mais de 300 títulos já lançados em DVD, destacam-se as obras-primas de grandes mestres do cinema que tiveram papel fundamental na história da Sétima Arte, como Federico Fellini, Luchino Visconti, Roberto Rossellini, François Truffaut, Glauber Rocha e cineastas contemporâneos consagrados, como Franco Zeffirelli, Bernardo Bertolucci, Giuseppe Tornatore, entre outros. As opções de gêneros são várias, mas em algumas delas destacam-se filmes espíritas, que começam a ganhar cada vez mais espaço, como Allan Kardec, o Educador, dirigido por Edson Audi, e o recém-lançado Pinga-Fogo com Chico Xavier, que tem o DVD, produção e direção assinada pelo próprio Oceano Vieira de Melo. Neste mês, Oceano espera repetir a dose de sucesso, lançando Minha Vida na Outra Vida, com Jane Seymour e dirigido por Marcus Cole. Baseado em fatos reais e adaptado do best-seller Yesterday's Children, ele comprova um caso de reencarnação.

Folha Espírita — Do que trata Minha Vida na Outra Vida?

Oceano Vieira de Melo — O filme não é ficção, é caso real. A história é extraordinária e quem o assiste chega às lágrimas de emoção, principalmente se for espírita, pois ela comprova um dos pilares do

Espiritismo, que é a reencarnação. Será o filme da vida de muitas pessoas. Com produção americana, Minha Vida na Outra Vida foi exibido para milhões de pessoas nos Estados Unidos pela rede de TV CBS.

FE — A versão em DVD terá cenas extras, como aconteceu em Pinga-Fogo com Chico Xavier?

Oceano — Sim, haverá muitos extras, como entrevistas com Zalmiro Zimmermann, presidente da Associação dos Magistrados Espíritas; Hércio Arantes, editor do Anuário Espírita; Nestor João Masotti, presidente da Federação Espírita Brasileira e Secretário Geral do Conselho Espírita Internacional; e de Décio Iandoli Jr. e Marlene Nobre, médicos, escritores, cientistas e pesquisadores da Ciência Espírita. E, ainda trechos dos livros da Codificação, em que Kardec pergunta aos espíritos e as respostas são diálogos, usando-se palavras no filme e nos livros de Kardec, como reencarnação, reencarnei, evolução do espírito, etc. Esses diálogos do roteiro do filme foram traduzidos e adaptados para o português para se encaixarem nas palavras criadas por Allan Kardec, sem mudar o sentido do roteiro.

FE — E por falar em Pinga-Fogo, como estão as vendas do DVD duplo?

Oceano — Já estamos na segunda edição, menos de três meses depois de seu lançamento. Ele é um sucesso, porque como todo documentário ou DVD histórico as vendas são pífias, e Pinga-Fogo vendeu três vezes mais em pouco tempo. Além do mais, as grandes lojas e livrarias como Fnac, Saraiva, Cultura, Submarino e DVD World estão a toda hora fazendo repique de vendas. Até eles se surpreenderam com as excelentes vendas de Pinga-Fogo. Eu não...

FE — Quais os outros títulos que a Versátil já colocou no mercado e que têm apelo espírita?

Oceano — O Espiritismo de Kardec aos dias de hoje; Bicentenário de nascimento de Allan Kardec, DVD duplo gravado durante as comemorações dos 200 anos do Codificador, em Paris; Bicentenário de nascimento de Allan Kardec na sede histórica da FEB, também DVD duplo; Allan Kardec, o Educador; Giordano Bruno e O Processo de Joana D'Arc, estes dois últimos filmes normais sobre grandes vultos da humanidade que foram injustiçados pela religião dominante da época. Uma acreditava na reencarnação e a outra morreu na fogueira por ouvir vozes. Nestes dois DVDs acrescentamos extras espíritas, explicando o que eram aquelas vozes, e, no caso de Giordano Bruno, gravamos um extra em Praga, na República Tcheca, mostrando a capela ecumênica de Jan Hus, um dos reformadores. Jan Hus reencarnou em 1804



em Lyon, França, como Hippolyte Léon Denizard Rivail, nosso Allan Kardec. Também colocamos em DVD o filme Joelma 23º Andar, baseado no livro Somos Seis, de Chico Xavier.

FE — Como esse nicho de filmes começou a fazer parte do acervo da Versátil, ao lado de clássicos do cinema europeu?

Oceano — Criamos um selo, o Video Spirite, que em latim quer dizer "eu vejo espíritos", em homenagem à Revue Spirite, criada em 1858 por Allan Kardec. Esse selo está voltado ao lançamento de DVDs espíritas ou que tenham alguma ligação com a história do Espiritismo, por entender que o público geral não tinha acesso às maravilhas da Doutrina Espírita. Geralmente, o que as distribuidoras de DVDs oferecem são filmes espiritualistas, mas sempre com roteiros e cenas que nada têm a ver com Espiritismo e, o que é pior, nunca citam a grandeza de Allan Kardec. Para essa gente, esse extraordinário homem nunca existiu. Eu, sendo um produtor cultural que trabalha para trazer o que de melhor existe em termos de cultura européia e de filmes humanistas para a mídia DVD, por ser espírita e pesquisador da Doutrina, me dediquei a "garimpar" o que existe em filmes e documentários para disponibilizar ao grande público, seja ele espírita ou não.

Cláudia Santos

Extraído do Jornal Folha Espírita

Farmácia Oficinal
23 anos

Manipulação de Fórmulas, Homeopatia e Medicamentos com entrega em domicílio

Rua Voluntários da Franca, 1840
Rua Diogo Feijó, 1963 — 3723-3126
Posto Galo Branco — 7:00 horas às 00:00 horas

VIGAL®

Fone: PABX (16)3727-4344

Avenida Brasil nº 3300
Jardim Paulistano - CEP 14.402-440

INFORMAÇÕES & CONVITES:

peglev

SUPERMERCADOS
TODO TEMPO AO SEU LADO

www.peglev.com

Estação	3723-2888
Ponte Preta	3724-2888
Santa Cruz	3724-3099
Av. Brasil	3703-2888
Portinari	3725-2888

FAMÍLIA



Maternidade adotiva, um exercício de amor

O pediatra e homeopata Marco Antônio Pereira dos Santos é pai de dois filhos biológicos, mas seguiu a tradição dos pais, que haviam adotado quatro, e dos irmãos, que também dedicaram a essa tarefa, adotando outros sete. Assim, segundo relata, faz parte de uma família com "mais ou menos" 25 filhos de "maternidade adotiva". Membro do Projeto Acalanto, um grupo de pessoas da comunidade, pais e filhos adotivos ou não, que, voluntariamente, se propõem a desenvolver um trabalho de esclarecimento, estímulo e encaminhamento à adoção, em São Paulo (SP), ele fala, abaixo, do exercício da maternidade e do quanto é importante estar uma criança no seio da família.

Folha Espírita — O que é a maternidade adotiva?

Marco Antônio dos Santos — A adoção é um termo ligado à possibilidade de uma mãe que não tem condições biológicas naturais, por infertilidade, por uma série de situações, de, juridicamente, conseguir filhos. Ou seja, ela tem um contexto muito mais jurídico, do que social, uma vez que, conduzido o trâmite legal, essa maternidade se torna igual à outra comum. Biologicamente, a mãe não conseguiu ter um filho, mas após o processo jurídico da adoção, aquele filho passa a ter direitos iguais a um herdeiro biológico.

FE — E ela é uma maternidade especial?

Santos — Sim, é especial porque, apesar de não ser uma maternidade biológica, gestada no útero, o é no coração, na mente. As pessoas que se envolvem, tanto o pai quanto a mãe e a família, têm de ter uma vontade forte e compromisso com esse ideal, porque as dificuldades jurídicas, familiares, sociais e psicológicas devem ser levadas em conta e são importantes. A maternidade biológica pode ser um acidente, pode não ter sido desejada, e a vontade de Deus pode se expressar independentemente da nossa. Então, através da fertilidade natural da mãe, o plano espiritual pode programar aquela reencarnação mesmo que não seja de forma consciente da mãe naquele momento. O momento em que a mãe sabe que está abrigando um novo ser é de reflexão, de compromisso com a vida, e a partir daí se estabelece a maternidade biológica. No caso da maternidade adotiva, é uma gestação diferente, em que não há alteração do corpo da mulher, mas, sim, toda uma preparação, que pode ser feita, inclusive, por grupos de adoção como o nosso,

Projeto Acalanto, onde as pessoas vão freqüentar, ouvir palestras e se preparar para as dificuldades que podem surgir, já que a maternidade e a paternidade adotivas são diferentes da biológica.

FE — Qual a proposta básica do Acalanto?

Santos — Evitar a institucionalização de menores e prevenir o seu abandono e marginalização. Para isso, promove um elo entre as crianças desassistidas e núcleos familiares estruturados, aptos e ampará-las.

FE — Como a adoção chegou à sua vida?

Santos — Eu já tinha dois filhos biológicos e quis ampliar esse relacionamento abrindo a possibilidade de resgatar pendências que eu tenha deixado em outras vidas e que se manifestaram através da maternidade.

FE — Você já foi criticado por conta disso?

Santos — A crítica é natural da ignorância, porque quando você não vive uma experiência é natural que você critique aquela pessoa, que talvez queira viver aquela experiência. Meus pais já tinham adotado, e depois, meus irmãos e eu. Temos mais ou menos 25 pessoas ligadas à experiência adotiva em nossa família, todas elas agradáveis e que nos estimulam a repeti-la.

FE — Como funciona isso espiritualmente? O espírito escolhe quem vai reencarnar e adotar outro?

Santos — É sempre uma programação diferente em cada caso. Naquelas pessoas que já trabalham mais com a idéia adotiva eles incluem a adoção no seu planejamento familiar. Várias pessoas têm o desejo secreto de adotar, mas, ao chegar aqui na Terra, em razão das dificuldades econômicas, sociais e familiares, elas se esquecem um pouco desse projeto, que fica escondido em suas mentes como um desejo secreto que pode ser transformado depois.

FE — Afinal, todas as mulheres encarnadas precisam ser mães?

Santos — Essa é uma excelente pergunta. Existem quatro oportunidades, como espírito, para os serviços ligados à maternidade. Se eu for homem encarnado não posso ser mãe, se for desencarnado também, tanto homem quanto mulher. Ou seja, como mulher encarnada, tenho a única possibilidade de ser mãe, com um índice de 25%. Assim, biologicamente, nasço com os implementos próprios da maternidade — seios, útero, ovário, etc. Isso é uma certa orientação da espiritualidade que aquele indivíduo deve aproveitar aquela encarnação para evoluir mais rapidamente. E a maternidade é uma oportunidade de evolução maravilhosa.

FE — Então, o encontro da família adotiva não é casual?

Santos — Na maioria das vezes, para não dizer todas, é um planejamento superior. Veja bem, se uma criança nasce para ser filho biológico de A+B, mas, infelizmente, é abandonada, pode haver uma reengenharia, sim. Tem gente que prefere deixar aquele compromisso pendente, mas em uma próxima encarnação terá de resolvê-lo. É como uma matéria da faculdade: você não pode passar de um ano para outro se deixar uma pendência. Essa visão é muito mais ampla que a lei do carma, da reencarnação, de causa e efeito, que nos abriga a ser pais. Não existe obrigação, existe a lei do amor, que nos oferece uma oportunidade.

FE — Como o tratamento espiritual pode ajudar nessas pendências?

Santos — A convivência adotiva não é fácil. Aqueles que pensam que é só adotar e as estão resolvendo estão errados. A adoção começa ali, não termina ali. Ou seja, a partir de determinado momento a criança passa a ser filho. Você vai com ela para casa construir uma família, algo que não é tão simples. Quando temos filhos biológicos é mais difícil ainda, porque temos de encaixar aquele elemento num planejamento que já existia. Além do lado idealista existe o econômico, psicológico e afetivo, que precisam ser bem dimensionados. Mas eu diria que é uma experiência importante, que a casa espírita ajuda muito, através do passe, da água fluidificada, de tratamento desobsessivo. Assim como existe programação espiritual positiva, às vezes, também pode existir negativa, ou seja, podem não querer que aquela criança chegue à nossa casa. Ela pode trazer os "amigos" que querem evitar a sua convivência harmônica. Tratamentos psicológico, pediátrico e homeopático ajudam bastante.

FE — Que mensagem o senhor daria para aqueles que querem adotar, mas têm dúvidas e medo?

Santos — É uma experiência importante na vida do espírito, vai lhe trazer muito amadurecimento, oportunidade de exercitar a maternidade, além dos laços biológicos. Nós precisamos amar a todos, sentir que Deus é nosso pai e todos nós somos irmãos. Então, a maternidade ou paternidade adotiva é um exercício de amor.

Conheça mais sobre o trabalho do Projeto Acalanto acessando o site www.adocao.com.br/ACALANTO ou fale com a entidade através do telefone: (11) 3976-1160.

Camila de Andrade
Extraído da Folha Espírita de novembro/06

CAFÉ
TIO PÉPE®
Da fazenda para você.

O CAFÉ TIO PÉPE,
nos seus 21 anos, agradece à
Família Espírita
pelo seu indispensável apoio

Rua Estevão Leão Bourroul, 1622 - CEP 14400-750
Franca - SP - Brasil - fone: (16) 3722-0050
e-mail tiopepe@francanet.com.br
www.cafetiopepe.com.br

MARITU

Oração para o ano que termina



**Mestre,
estenda-nos tua mão...**

...Tantos jovens mal amados
Em busca da esperada
compensação...
Tantas mulheres sofridas
Oprimidas
Querendo em vão ser ouvidas e
atendidas...
Cansadas do não...
A todo homem alquebrado,
Que sempre foi durão,
A criança que não quer ser
adulto.
Ao adulto que quer em vão
Ser outra vez criança...
Ao rico que recorda com saudade
O tempo do tostão,
Ao pobre exasperado e faminto
Em busca do pão...

Ao negro que sonha
Com a liberdade
que tinha em seu país,
Ao sueco,
Que não se habilita
A andar no sol, sem camisa, por
aí...

Mestre, estenda-nos tua mão...
Somos fracos e sofremos tanto...
Por nossos risos, nossas dores,
Nosso luxo,
Nossa fraqueza imensa,
Nossa fortaleza aparente,
Nossa saúde impotente,
Nossa sorte, nossas vidas...
Misericórdia para nós,
Carentes, prepotentes,
Presentes e ausentes...

Mestre, nesse ano,
Vou nascer outra vez...
O que errei, partiu.
O que acertei, ficou.
Mais um ano,
(Pois vamos lentamente)
De paciência e compreensão:
Saber ouvir e mais calar,
Saber falar sem ofender,
Saber andar sem oprimir,
Saber parar e respirar,
Saber amar sem sufocar,
E enxergar o que é real,
E meditar o natural,
Compreender sem repreender,
E ajudar sem mais cobrar...
Mestre, por mais um ano,
Espere por nós!

Boa vontade

Tendo um homem
adquirido uma fazenda,
encontrou-se dias depois com
um dos seus vizinhos.

— O Senhor comprou essa
propriedade? — perguntou-lhe o
vizinho em tom agressivo.

— Comprei-a sim, meu
amigo!

— Pois sinto dizer-lhe que
vai ter sérios aborrecimentos.
Com as terras, comprou uma
questão nos tribunais.

— Como assim? Não
compreendo!

— Vou explicar. Existe uma
cerca, construída pelo
proprietário anterior, fora da
linha divisória. Não concordo
com a posição dessa cerca.
Desejo defender os meus direitos
e vou demandar.

— Peço-lhe que não faça
semelhante coisa. Acredito na
sua palavra. Se a cerca não está
no lugar certo, vamos
desmanchá-la e colocá-la no
devido lugar.

— O Senhor está falando
sério?

— É claro que estou!

— Pois se é assim, a cerca



ficará como está. Faço mais
questão de sua amizade do que
todos os alqueires de terra!

Os dois vizinhos tornaram-
se amigos inseparáveis e essa
amizade foi de grande utilidade
para ambos.

*Recebamos, sempre, com
simpatia e boa vontade
aqueles que se aproximam de
nós. A simpatia e boa vontade
repousam na mansidão. A
mansidão é uma das virtudes
mais importantes da alma
verdadeiramente cristã. Uma
amizade conquistada é de
grande valia para nosso
espírito.*

*Extraído do livro: Lendas do Céu
e da Terra, Malba Tahan*



Caixinha de beijos



Certo dia um homem chegou em casa e ficou muito irritado com sua filha de três anos. Ela havia apanhado um rolo de papel de presente dourado e literalmente desperdiçado fazendo um embrulho.

Porque o dinheiro andasse curto e o papel fosse muito caro, ele não poupou recriminações para a garotinha, que ficou triste e chorou.

Naquela mesma noite, o pai descobriu num canto da sala, no local onde a família colocara os presentes para serem distribuídos no dia de natal, um embrulho dourado não muito bem feito.

Na manhã seguinte, logo que despertou, a menininha correu para ele com o embrulho nas mãos, abraçou forte o seu pescoço, encheu seu rosto de beijos e lhe entregou o presente.

— Isto é pra você, paizinho — foi o que ela disse.

Ele se sentiu muito envergonhado com sua furiosa reação do dia anterior. Mas, logo que abriu o embrulho, voltou a explodir. Era uma caixinha vazia.

Gritou para a filha:

— Você não sabe que quando se dá um presente a alguém, a gente coloca alguma coisa dentro da caixa?

A criança olhou para ele, com os olhos cheios de

lágrimas, e disse:

— Mas, papai, a caixinha não está vazia. Eu soprei muitos beijos dentro dela. Todos para você, papai!

O pai quase morreu de vergonha. Abraçou a menina e suplicou que ela o perdoasse.

Dizem que o homem guardou a caixa dourada ao lado de sua cama por anos. Sempre que se sentia triste, chateado, deprimido, ele tomava da caixa um beijo imaginário e recordava o amor que sua filha havia posto ali.

De uma forma simples, cada um de nós, humanos, temos recebido uma caixinha dourada, cheia de amor incondicional de nossos pais, de nossos filhos, de nossos irmãos e amigos.

Entretanto, nem sempre nos damos conta. Estamos tão preocupados com o ter, com valores do mundo, que as coisas pequenas não são percebidas por nós.

Assim, a esposa não valoriza o ramalhete de flores do campo que o marido lhe enviou, no dia do aniversário. É que ela esperava ganhar uma valiosa jóia e não aquela insignificância.

O marido nem agradece o fato da esposa, no dia em que comemoram mais um ano de casados, esperá-lo com um jantar simples, a dois, em casa. Ele estava esperando

uma comemoração em grande estilo, ruidosa, cercado de amigos e muitos comes e bebes.

Os pais não dão importância para aquele cartão meio amassado que os pequenos trazem da escola, pintado com as mãos de quem apenas ensaia a arte de dominar as tintas e os pincéis nas mãos pequeninas.

Eles estão mais envolvidos com as contas que a escola está cobrando e acreditam que pelo tanto que lhes custa a mensalidade escolar, os professores deveriam ter-lhes enviado um presente de valor.

É, muitos de nós não encontramos os beijos na caixinha dourada. Só vemos a caixinha vazia.

O amor é feito de pequeninas coisas. Não exige fortunas para se manifestar.

Por vezes, é um ato de renúncia, como a daquele homem que no dia de Natal, em plena guerra, conseguiu apenas uma laranja para a ceia dele e da esposa.

Então a descascou, colocou em um prato, criando uma careta com os gomos bem dispostos e entregou para a esposa, com um beijo e um pedaço de papel escrito: Feliz Natal!

E ficou observando-a comer, com vagar, feliz por ver os olhos dela brilharem e ela se deliciar com a fruta tão rara naqueles dias, naquele local.

Em verdade, em verdade, te digo que, se um homem não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus. Jesus

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.

Não obraria Deus com equidade, nem de acordo com a Sua bondade, se condenasse para sempre os que talvez hajam encontrado, oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que os animava, obstáculos ao seu melhoramento. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa.

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.

O homem, que tem consciência da sua inferioridade, haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele. Sustém-no, porém, e lhe reanima a coragem a idéia de que aquela inferioridade não o deserdará eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora haver tão tarde ganho uma experiência

de que já não mais pode tirar proveito? Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência.

Se uma única existência tivesse o homem e se, extinguindo-se-lhe ela, sua sorte ficasse decidida para a eternidade, qual seria o mérito de metade do gênero humano, da que morre na infância, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna e

com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão duras, a que se vê submetida a outra metade? Semelhante ordem de coisas não corresponderia à justiça de Deus.

Com a reencarnação, a igualdade é real para todos.

O futuro a todos

sem exceção e sem favor para quem

quer que seja. Os retardatários só de si mesmos se

podem queixar. Forçoso é que o ho-

mem tenha o merecimento de seus atos, como tem deles a responsabilidade.

Aliás, não é racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Não se vêem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação? Alguns não há que parecem trazer do berço a astúcia, a felonía, a perfídia, até pendor para o roubo e para o assassinio, não obstante os bons exemplos que de todos os lados se lhes dão? A lei civil as absorve de seus crimes, porque, diz ela, obraram sem discernimento. Tem razão a lei, porque, de fato, elas obram mais por instinto do que intencionalmente. Donde, porém, provirão instintos tão diversos em crianças da mesma idade, educadas em condições idênticas e su-

REENCARNAÇÃO

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à idéia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações.

jeitas às mesmas influências? Donde a precoce perversidade, senão da inferioridade do Espírito, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso? As que se revelam viciosas, é porque seus Espíritos muito pouco hão progredido. Sofrem então, por efeito dessa falta de progresso, as consequências, não dos atos que praticam na infância,

mas dos de suas existências anteriores. Assim é

que a lei é uma só para todos e que todos são atingidos pela justiça de Deus.

Nenhuma relação

essencial

guardando o

corpo que a

alma toma

n u m a

encarnação

com o de que se

revestiu em

encarnação anterior,

visto que aquele lhe

pode vir de procedência

muito diversa da deste, fora

absurdo pretender-se que, numa série

de existências, haja uma semelhança

que é inteiramente fortuita. Todavia, as

qualidades do Espírito freqüentemente

modificam os órgãos que lhe servem

para as manifestações e lhe imprimem

ao semblante físico e até ao conjunto

de suas maneiras um cunho especial. É

assim que, sob um envoltório corporal

da mais humilde aparência, se pode de-

parar a expressão da grandeza e da dig-

nidade, enquanto sob um envoltório de

aspecto senhoril se percebe freqüentemente a da baixeza e da ignomínia. Não é pouco freqüente observar-se que certas pessoas, elevando-se da mais ínfima posição, tomam sem esforços os hábitos e as maneiras da alta sociedade. Parece que elas aí vêm a

achar-se de novo no seu elemento. Ou-

tras, contrariamente, apesar do nascimento e da educação, se mostram sempre deslocadas em tal meio. De que modo se há de explicar esse fato, senão como reflexo daquilo que o Espírito foi antes?

No esquecimento das existências anteriormente transcorridas, sobretudo quando foram amarguradas, não há qualquer coisa de providencial e que revela a sabedoria divina? Nos mundos superiores, quando o recordá-las já não constitui pesadelo, é que as vidas desgraçadas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, a lembrança de todas as que se tenham sofrido não agravaria as infelicidades presentes? Concluamos, pois, daí que tudo o que Deus fez é perfeito e que não nos toca criticar-Lhe as obras, nem Lhe ensinar como deveria ter regulado o Universo.

Gravíssimos inconvenientes teria o nos lembrarmos das nossas individualidades anteriores. Em certos casos, humilhar-nos-ia sobremaneira. Em outros nos exaltaria o orgulho, peando-nos em consequência, o livre-arbítrio. Para nos melhorarmos, dá-nos Deus exatamente o que nos é necessário e basta: a voz da consciência e os pendores instintivos. Priva-nos do que nos prejudicaria. Acrescentemos que, se nos recordássemos dos nossos precedentes atos pessoais, igualmente nos recordaríamos dos outros homens, do que resultariam talvez os mais desastrosos efeitos para as relações sociais. Nem sempre podendo honrar-nos do nosso passado, melhor é que sobre ele um véu seja lançado. Isto concorda perfeitamente com a doutrina dos Espíritos acerca dos mundos superiores à Terra. Nesses mundos, onde só reina o bem, a reminiscência do passado nada tem de dolorosa. Tal a razão por que neles as criaturas se lembram da sua antecedente existência, como nos lembramos do que fizemos na véspera. Quanto à estada em mundos inferiores, não passa então, como já dissemos, de mau sonho.

Extraído de "O Livro dos Espíritos" de Allan Kardec.

Leia e estude Kardec!

BIT CAR
AUTO CENTER
Funilaria - Pintura e Cristalização

Parceria com sua Seguradora

Tecnologia de Ponta... Saída do Trevo Franca/
Qualidade e Preço, é só aqui Patrocínio Paulista - Km 1
Bitão Tel. (16) 3701-6500

Xororó
ARTIGOS DE PESCA E LAZER

Av. Presidente Vargas, 127
Av. Orlando Dompiéri, 2090
Franca - SP
Tels.: (0**16) 3723-8446 e
3704-3236

Lembre-se de seus amigos e seja lembrado por eles!

LIVRO ESPÍRITA:

presente ideal. Você encontra na Livraria A Nova Era
Fone: (16) 3721-6974

FÁBIO LIPORONI

Escritório de Contabilidade
à suas ordens.

Encaminhamento de
Aposentadoria e Pensões.

TRAVESSA HIGINO ARCHETTI, SALA 17
CENTRO - CEP 14440-720 - FRANCA-SP



Mensagem de São Francisco de Assis

Esta Mensagem foi psicografada por Francisco Cândido Xavier, dirigida a Pietro Ubaldi, em 17 de agosto de 1951, na residência de Dr. Rômulo Joviano, em Pedro Leopoldo, MG, na presença de doze pessoas, ao mesmo tempo em que, sentado à mesma mesa, Pietro Ubaldi recebia mais uma mensagem canalizada de Jesus Cristo.



O Calvário do Mestre não se constituía tão somente de secura e aspereza...

Do monte pedregoso e triste jorravam fontes de água viva que dessedentaram a alma dos séculos.

E as flores que desabrochavam no entendimento do ladrão e na angústia das mulheres de Jerusalém atravessaram o tempo, transformando-se em frutos abençoados de alegria no celeiro das nações.

Colhe as rosas do caminho no espinheiro dos testemunhos...

Entesoura as moedas invisíveis do amor no templo do coração...

Retempera o ânimo varonil, em contato com o rocio divino da gratidão e da bondade!...

Entretanto, não te detenhas. Caminha!...

É necessário ascender.

Indispensável o roteiro da elevação, com o sacrifício pessoal por norma de todos os instantes.

Lembra-te, Ele era sozinho! Sozinho anunciou e sozinho sofreu. Mas erguido, em plena solidão, no madeiro doloroso por devotamento à humanidade, converteu-se em Eterna Ressurreição.

Não temos outra diretriz senão a de sempre:

Descer auxiliando para subir com a exaltação do Senhor.

Dar tudo para receber com abundância.

Nada pedir para nosso Eu exclusivista, a fim de que possamos encontrar o glorioso NÓS da vida imortal.

Ser a concórdia para a separação.

Ser luz para as sombras, fraternidade para a destruição, ternura para o ódio, humildade para o orgulho, bênção para a maldição..

Ama sempre.

É pela graça do amor que o Mestre persiste conosco, os mendigos dos milênios derramando a claridade sublime do perdão celeste onde criamos o in-

ferno do mal e do sofrimento.

Quando o silêncio se fizer mais pesado ao redor de teus passos, aguça os ouvidos e escuta.

A voz Dele ressoará de novo na acústica de tua alma e as grandes palavras, que os séculos não apagaram, voltarão mais nítidas ao círculo de tua esperança, para que as tuas feridas se convertam em rosas e para que o teu cansaço se transubstancie em triunfo.

O rebanho aflito e atormentado clama por refúgio e segurança.

Que será da antiga Jerusalém humana sem o bordão providencial do pastor que espereita os movimentos do céu para a defesa do aprisco?

É necessário que o lume da cruz se reacenda, que o clarão da verdade fulgure novamente, que os rumos da libertação decisiva sejam traçados.

A inteligência sem amor é o gênio infernal que arrasta os povos de agora às correntes escuras e terríficas do abismo.

O cérebro sublimado não encontra socorro no coração embrutecido.

A cultura transviada da época em que jornadeamos, relegada à aflição ameaça todos os serviços da Boa Nova, em seus mais íntimos fundamentos.

Pavorosas ruínas fumegarão, por certo, sobre os palácios faustosos da humana grandeza, carente de humanidade, e o vento frio da desilusão soprará, de rijo, sobre os castelos mortos da dominação que, desvairada, se exhibe sem cogitar dos interesses imperecíveis e supremos do espírito.

É imprescindível a ascensão.

A luz verdadeira procede do mais alto e só aquele que se instala no plano superior ainda mesmo coberto de chagas e roído de vermes, pode, com razão, aclarar a senda redentora que as gerações enganadas es-

queceram. Refaz as energias exauridas e volta ao lar de nossa comunhão e de nossos pensamentos.

O trabalhador fiel persevera na luta santificante até o fim.

O farol no oceano irado é sempre uma estrela em solidão. Ilumina a estrada, buscando a lâmpada do Mestre que jamais nos faltou.

Avança.... Avancemos...

Cristo em nós, conosco, por nós e em nosso favor é o Cristianismo que precisamos reviver à frente das tempestades, de cujas trevas nascerá o esplendor do Terceiro Milênio.

Certamente, o apostolado é tudo. A tarefa transcende o quadro de nossa compreensão.

Não exijamos esclarecimentos.

Procuremos servir.

Cabe-nos apenas obedecer até que a glória Dele se entronize para sempre na alma flagelada do mundo.

Segue, pois, o amargurado caminho da paixão pelo bem divino, confiando-te ao suor incessante pela vitória final.

O Evangelho é o nosso Código Eterno.

Jesus é o nosso Mestre Imperecível.

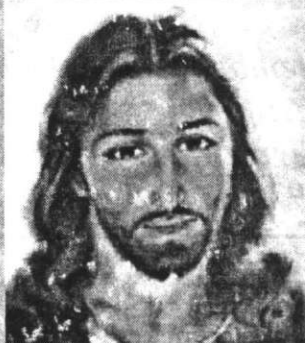
Agora é ainda a noite que se rasga em trovões e sombras, amedrontando, vergastando, torturando, destruindo...

Todavia, Cristo reina e amanhã contemplaremos o celeste despertar

Fonte: Arquivos do boletim Luz do Evangelho

A grande pergunta

Chico Xavier, ditado pelo espírito de Emmanuel



Em lamentável indiferença, muitas pessoas esperam pela morte do corpo, a fim de ouvirem as sublimes palavras do Cristo.

Não se compreende, porém, o motivo de semelhante propósito. O Mestre permanece vivo em seu Evangelho de Amor e Luz.

É desnecessário aguardar ocasiões solenes para que lhe ouçamos os ensinamentos sublimes e claros.

Muitos aprendizes aproximam-se do trabalho santo, mas desejam revelações diretas. Teriam mais fé, asseguram displicentes, se ouvissem o Senhor, de modo pessoal, em suas manifestações divinas. Acreditam-se merecedores de dádivas celestes e acabam considerando que o serviço do Evangelho é grande em demasia para o esforço humano e põem-se à espera de milagres imprevistos, sem perceberem que a preguiça sutilmente se lhes mistura à vaidade, anulando-lhes as forças.

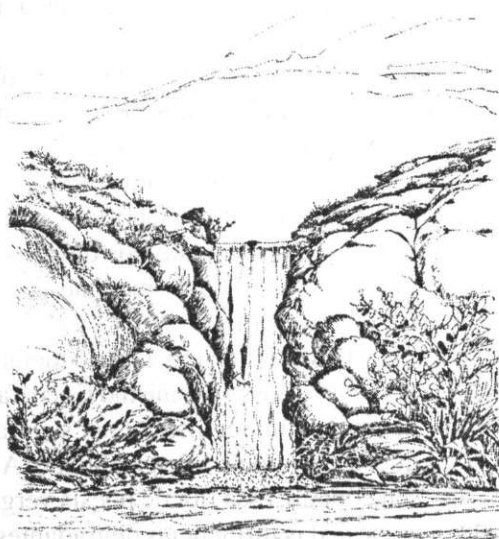
Tais companheiros não sabem ouvir o Mestre Divino em seu verbo imortal. Ignoram que o serviço deles é aquele a que foram chamados, por mais humildes lhes pareçam as atividades a que se ajustam.

Na qualidade de político ou de varredor, num palácio ou numa choupana, o homem da Terra pode fazer o que lhe ensinou Jesus.

É por isso que a oportuna pergunta do Senhor deveria gravar-se de maneira indelével em todos os templos, para que os discípulos, em lhe pronunciando o nome, nunca se esqueçam de atender, sinceramente, às recomendações do seu verbo sublime.

Textos extraídos do livro: *Chico Xavier, casos inéditos*, de Weimar Muniz de Oliveira

Apreciação infeliz



No relato dos casos de Chico, tidos e havidos até agora como inéditos, temos primado pelo máximo de zelo quanto às fontes dos mesmos, sempre fidedignas e também quanto ao ineditismo e à fidelidade, esforçando-nos para remover os naturais acréscimos, levados pelo entusiasmo.

Por outro lado, jamais levamos ao conhecimento do público alguns casos muito interessantes, para a divulgação dos quais necessitaríamos de autorização dos protagonistas.

A necessidade deste prólogo se

faz, ao ensejo, para que fique patentado e registrado, sob testemunho dos caros leitores, o elevado índice de responsabilidade de que nos achamos imbuídos nesse mister, quando se trata de tornar público caso atinente ao querido Chico, modesto, seguro e flexível medianeiro dos Espíritos responsáveis pela complementação da obra de Allan Kardec.

A informação ora dada, de repercussão nacional, tudo faz para se conter nos parâmetros propostos: seriedade, fidelidade e responsabilidade.

O fato tem origem numa reportagem publicada na Revista ISTO É/SENHOR e na entrevista da Rede Manchete de Televisão, TV Regional do Triângulo Mineiro, de 29 de setembro de 1991, quando da fala de Dom Benedito de Ulhoa Vieira, Arcebispo de Uberaba, sobre a personalidade do médium.

Dom Benedito tentara, ao ser entrevistado, desfigurar a personalidade de Chico Xavier, ao contrário do procedimento de Dom Alexandre Gonçalves do Amaral,

antecessor de Dom Benedito na Arquidiocese Uberabense, ora na inatividade pastoral, quando teve a oportunidade de considerá-la um "homem de bem".

Conta-se, por fontes impolutas, que toda a comunidade de Uberaba se rebelara contra a declaração do Arcebispo.

Conta-se, ainda, que em uma reunião de entidade da mesma profissão de fé do entrevistado, convocada especialmente para apreciar-lhe a declaração, os presentes condenaram-na, por unanimidade e com ênfase, concluindo que o prelado havia sido muito infeliz com relação a Francisco Cândido Xavier.

Por aí se tem uma idéia do nível do conceito de que desfruta o Chico e do carinho que o povo de Uberaba lhe tributa, independentemente de cor religiosa.

Nosso amigo e confrade Chico chegou àquele ponto culminante e desejado do ser: não pertence a ninguém. Pertence a todos.

O Chico seria, então, o que representam as grandes obras, que, depois d'algum tempo, caem no domínio público: patrimônio da humanidade.

Veneno para baratas

Estou autorizado pelo professor Múcio de Melo Álvares, diretor do Instituto Araguaia, desta capital, e meu particular amigo, a dar publicidade do seguinte caso, de que foi um dos protagonistas, no recinto da própria casa de Chico, em Uberaba.

Estando em visita ao Chico, Múcio foi até à cozinha beber água, quando viu uma enorme barata correndo sobre o piso. Tentou matá-la, mas não conseguiu.

Em seguida, disse à Dinorah, secretária de Chico, que iria levar um inseticida, de nome Diazenon, que, misturado num pouco d'água, deveria ser aplicado debaixo dos móveis, da

geladeira, da pia e das caixas de esgoto, o qual dizimaria todas as baratas da casa.

Múcio ofereceu-se para colaborar no extermínio do repulsivo inseto, pensando estar prestando um excelente serviço e praticando um elevado ato de fraternidade. Não conversara com o Chico a respeito, nem poderia suspeitar que ele estava a par do diálogo que tivera com Dinorah.

Mais tarde, porém, indo amistosa e animada a conversação, quando não mais se pensava no problema, o Chico, sem mais nem menos, tocou no assunto, dizendo, lá com suas próprias palavras:

— Professor, eu não quero que se ponha qualquer espécie de veneno



para as baratas, porque tenho os meus gatos e não pretendo praticar nenhum gaticídio, não!

E não mais se falou em Diazenon...

"Se eu pudesse, mandaria pintar nas fachadas de todas as casas a seguinte frase: Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei."

Chico Xavier

Realmente

A tempestade espanta. Entretanto, acentuar-nos-á a resistência se soubermos recebê-la.

A dor dilacera. Mas aperfeiçoar-nos-á o coração, se buscarmos aproveitá-la.

A incompreensão dói. Contudo, oferece-nos excelente oportunidade de compreender.

A luta perturba. Todavia, será portadora de incalculáveis benefícios, se lhe aceitarmos o concurso.

O desespero destrói. Diante dele, porém, encontramos ensejo de cultivar a serenidade.

O ódio enegrece. No entanto, descortina bendito horizonte à revelação do amor.

A aflição esmaga. Abre-nos, todavia, as portas da ação consoladora.

O choque assombra. Nele, contudo, encontraremos abençoada renovação.

A prova tortura. Sem ela, entretanto, é impossível a aprendizagem.

O obstáculo aborrece. Temos nele, porém, legítimo produtor de elevação e capacidade.

Do livro *Agenda Cristã*
Chico Xavier/André Luiz

O Espiritismo e a Mulher

Encontram-se, em ambos os sexos, excelentes médiuns; é à mulher, entretanto, que parecem outorgadas as mais belas faculdades psíquicas. Daí o eminente papel que lhe está reservado na difusão do novo Espiritualismo.

Malgrado às imperfeições inerentes a toda criatura humana, não pode a mulher, para quem a estuda imparcialmente, deixar de ser objeto de surpresa e algumas vezes de admiração. Não é unicamente em seus traços pessoais que se realizam, em a Natureza e na Arte, os tipos da beleza, da piedade e da caridade; no que se refere aos poderes íntimos, à intuição e adivinhação, sempre foi ela superior ao homem. Entre as filhas de Eva é que obteve na antiguidade as suas célebres videntes e sibilas. Esses maravilhosos poderes, esses dons do Alto, a Igreja entendeu, na Idade Média, aviltar e suprimir, mediante os processos instaurados por feitiçaria. Hoje encontram eles sua explicação, porque é sobretudo por intermédio da mulher que se afirma a comunhão com a vida invisível.

Mais uma vez se revela a mulher em sua sublime função de mediadora que o é em toda a Natureza. Dela provém a vida; e ela a própria fonte desta, a regeneradora da raça humana, que não subsiste e se renova senão por seu amor e seus ternos cuidados. E essa função preponderante que desempenha no domínio da vida, ainda a vem preencher no domínio da morte. Mas nós sabemos que a morte e a vida são uma, ou antes, são as duas formas alternadas, os dois aspectos contínuos da existência.

Mediadora também é a mulher no domínio das crenças. Sempre serviu de intermediária entre a nova fé que surge e a fé antiga que definha e vai desaparecendo. Foi o seu papel no passado, nos primeiros tempos do Cristianismo, e ainda o é na época presente.

O Catolicismo não compreendeu a mulher, a quem tanto devia. Seus monges e padres, vivendo no celibato, longe da família, não poderiam apreciar o poder e o encanto desse delicado ser, em quem enxergavam antes um perigo.

A antiguidade pagã teve sobre nós a superioridade de conhecer e cultivar a alma feminina. Suas faculdades se expandiam livremente nos mistérios. Sacerdotisa nos tempos védicos, ao altar doméstico, intimamente associada, no Egito, na Grécia, na Gália, às cerimônias do culto, por toda a parte era a mulher objeto de uma iniciação, de um ensino especial, que dela faziam um ser quase divino, a fada



protetora, o gênio do lar, a custódia das fontes da vida. A essa compreensão do papel que a mulher desempenha, nela personificando a Natureza, com suas profundas intuições, suas percepções sutis, suas adivinhações misteriosas, é que foi devida a beleza, a força, a grandeza épica das raças grega e céltica.

Porque, tal seja a mulher, tal é o filho, tal será o homem. É a mulher que, desde o berço, modela a alma das gerações. É ela que faz os heróis, os poetas, os artistas, cujos feitos e obras fulguram através dos séculos. Até aos sete anos o filho permanecia no gineceu sob a direção materna. E sabe-se o que foram as mães gregas, romanas e gaulesas. Para desempenhar, porém, tão sagrada missão educativa, era necessária a iniciação no grande mistério da vida e do destino, o conhecimento da lei das preexistências e das reencarnações; porque só essa lei dá à vida do ser, que vai desabrochar sob a égide materna, sua significação tão bela e tão comovedora.

Essa benéfica influência da mulher iniciada, que irradiava sobre o mundo antigo como uma doce claridade, foi destruída pela lenda bíblica da queda original.

Segundo as Escrituras, a mulher é responsável pela proscrição do homem; ela perde Adão e, com ele, toda a Humanidade; atraiçoa Sansão. Uma passagem do Eclesiastes a declara "uma coisa mais amarga que a morte". O casamento mesmo parece um mal: "Que os que têm esposas sejam como se não as tivessem" — exclama Paulo.

Nesse ponto, como em tantos outros, a tradição e o espírito judaico prevaleceram, na Igreja, sobre modo de entender do Cristo, que foi sempre benévolo, compassivo, afetuoso para com a mulher. Em todas as circunstâncias a escuda ele com sua proteção; dirige-lhe

suas mais tocantes parábolas. Estende-lhe sempre a mão, mesmo quando decaída. Por isso as mulheres reconhecidas lhe formam uma espécie de cortejo; muitas o acompanharão até a morte.

A situação da mulher, na civilização contemporânea, é difícil, não raro dolorosa. Nem sempre a mulher tem para si os usos e as leis; mil perigos a cercam, se ela fraqueja, se sucumbe, raramente se lhe estende mão amiga. A corrupção dos costumes fez da mulher a vítima do século. A miséria, as lágrimas, a prostituição, o suicídio — tal é a sorte de grande número de pobres criaturas em nossas sociedades opulentas.

Uma reação, porém, já se vai operando. Sob a denominação de feminismo, um certo movimento se acentua legítimo em seu princípio, exagerado, entretanto, em seus intuitos; porque ao lado de justas reivindicações, enuncia propósitos que fariam da mulher, não mais mulher, mas cópia, paródia do homem. O movimento feminista desconhece o verdadeiro papel da mulher e tende a transvia-la do destino que lhe está natural e normalmente traçado. O homem e a mulher nasceram para funções diferentes, mas complementares. No ponto de vista da ação social, são equivalentes e inseparáveis.

O moderno Espiritualismo, graças às suas práticas e doutrinas, todas de ideal, de amor, de equidade, encara a questão de modo diverso e resolve-a sem esforço e sem estardalhaço. Restitui a mulher seu verdadeiro lugar na família e na obra social, indicando-lhe a sublime função que lhe cabe desempenhar na educação e no adiantamento da Humanidade. Faz mais, reintegra-a em sua missão de mediadora predestinada, verdadeiro traço de união que liga as sociedades da Terra às do Espaço.

A grande sensibilidade da mulher a constitui o médium por excelência, capaz de exprimir, de traduzir os pensamentos, as emoções, os sofrimentos das almas, os altos ensinamentos dos Espíritos celestes. Na aplicação de suas faculdades encontra ela profundas alegrias e uma fonte viva de consolações. A feição religiosa do Espiritismo a atrai e lhe satisfaz as aspirações do coração, as necessidades de ternura, que estendem, para além do túmulo, aos entes desaparecidos. O perigo para ela, como para o homem, está no orgulho dos poderes adquiridos, na suscetibilidade exagerada. O ciúme, suscitando rivalidades entre médiuns, torna-se muitas ve-

zes motivo de desagregação para os grupos.

Daí a necessidade de desenvolver na mulher, ao mesmo tempo que os poderes intuitivos, suas admiráveis qualidades morais, o esquecimento de si mesma, o júbilo do sacrifício, numa palavra, o sentimento dos deveres e das responsabilidades inerentes à sua missão mediatrix.

O Materialismo, não ponderando senão o nosso organismo físico, faz da mulher um ser inferior por sua fraqueza e a impele à sensualidade. Ao seu contato, essa flor de poesia verga ao peso das influências degradantes, se deprime e envilece. Privada de sua função mediadora, de sua imaculada auréola, tornada escrava dos sentidos, não é mais um ser instintivo, impulsivo, exposto às sugestões dos apetites mórbidos. O respeito mútuo, as sólidas virtudes domésticas desaparecem; a discórdia e o adultério se introduzem no lar; a família se dissolve, a felicidade se aniquila. Uma nova geração, desiludida e céptica, surge do seio de uma sociedade em decadência.

Com o Espiritualismo, porém, ergue de novo a mulher a inspirada fronte; vem associar-se intimamente à obra de harmonia social, ao movimento geral das idéias. O corpo não é mais que uma forma tomada por empréstimo; a essência da vida é o espírito, e nesse ponto de vista o homem e a mulher são favorecidos por igual. Assim, o moderno Espiritualismo restabelece o mesmo critério dos Celtas, nossos pais; firma a igualdade dos sexos sobre a identidade da natureza psíquica e o caráter imperecível do ser humano, e a ambos assegura posição idêntica nas agremiações de estudo.

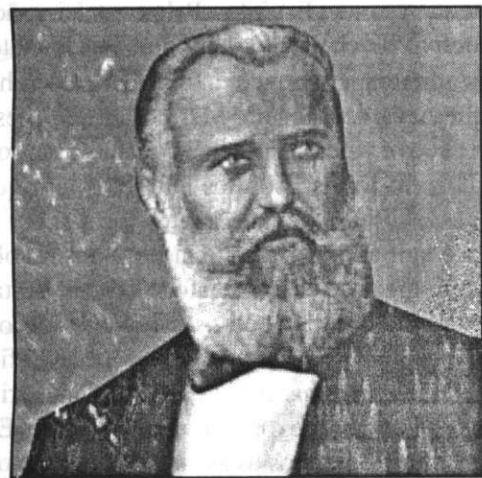
Pelo Espiritismo se subtrai a mulher ao vértice dos sentidos e ascende à vida superior. Sua alma se ilumina de clarão mais puro; seu coração se torna o foco irradiador de ternos sentimentos e nobilíssimas paixões. Ela reassume no lar a encantadora missão que lhe pertence, feita de dedicação e piedade, seu importante e divino papel de mãe, de irmã e educadora, sua nobre e doce função persuasiva.

Cessa, desde então, a luta entre os dois sexos. As duas metades da Humanidade se aliam e equilibram no amor, para cooperarem juntas no plano providencial, nas obras da Divina Inteligência.

Léon Denis

Extraído do livro *No Invisível*.

Espiritismo e Vida



O Espiritismo, meus irmãos, é a luz que verte do Alto na grande noite da Humanidade, para nos apontar o caminho na escuridão.

O Espiritismo, é Jesus de volta, que nos vem convidar a reflexões muito profundas a respeito do que somos — Espíritos imortais — de como estamos — corpos transitórios — e para onde vamos — na direção da pátria, conscientizando-nos que a lei que deve vigor em todas as nossas atitudes é a lei de amor. Este amor, porém, que é lei natural e está em todo o Universo, porque é a lei do equilíbrio.

Quando, realmente, nos deixarmos penetrar pela proposta de Jesus, quando legitimamente nos permitirmos mimetizar pelo Seu dólido olhar, feito de mi-

sericórdia e de compaixão, uma nova conduta se estabelecerá em nossas vidas, e aprenderemos, por fim, a seguir com equilíbrio pela estrada libertadora. O Espiritismo, anunciado pelo Mestre, chega na hora predita para atender o rebanho aturdido que, treme-lhado, aguarda o cajado do Bom Pastor.

Ele veio, meus filhos, e convocou-nos a uma nova ordem de pensamento e de conduta. A Sua voz, de quebrada em quebrada, chegou até estes dias, para que tivéssemos um roteiro de segurança, para não mais incidirmos ou reincidirmos nos delitos a que nos vinculamos.

Da primeira vez, iludidos, fascinados, atormentados, deformamos-Lhe os ensinamentos, adaptando-os aos nossos interesses escusos. Mas Ele não cessou de nos enviar embaixadores encarregados de recordar-nos Seu amor inefável até quando Allan Kardec nos trouxe desvelado, o Evangelho para vestir nossa alma com a luz mirífica das estrelas.

Tenhamos cuidado com a prática espírita!

O Consolador não se deterá, mesmo que os homens coloquem pelos caminhos impedimentos à sua marcha, dificuldades ao processo evolutivo, porque Cristo vela!

O Espiritismo, meus filhos, é doutrina dos Espíritos para os homens.

Espíritos, por sua vez reencarnados, comprometidos com a instalação na Terra do reino do amor, da justiça e da caridade.

Tende tento!

Meditai profundamente na palavra de ordem e de razão que deflui do Evangelho vivo e, se por certo, estais sendo chamados para o rebanho, esforçai-vos para atender ao convite, e lutai até o sacrifício para serdes escolhidos.

Recebeis farta messe de luz; distribuí-a pelo mundo estróina.

Sois aquinhoados com o conhecimento libertador; passai-o adiante através da voz eloquente dos vossos atos e pela palavra austera dos vossos sentimentos.

Jesus espera! Como nós confiamos nEle e Lhe pedimos apoio, Ele confia em nós, e nos pede fidelidade.

Os Espíritos amigos, vossos anjos guardiães e companheiros de jornada, aqui estamos para sustentar-vos nos testemunhos, para dar-vos força, para que possais vencer com idealismo, de maneira estóica.

Não adieis o momento de ajudar, não procrastineis a hora de servir e, integrados na falange do bem, cantai, cantai ao Senhor, mesmo que lágrimas escurram pelos vossos olhos e dores macerem vossos corações.

Cantai um hino de júbilo e de liberdade, demonstrando que na cruz os braços estão abertos para afagar, dando testemunho que pode aquilatar o valor de quem ama.

Que o Senhor de bênçãos vos abençoe, e que a paz prossiga convosco, suavizando vossas lutas e dores! São os votos do servidor humílimo e paternal de sempre,

Bezerra de Menezes
Psicografia de Divaldo Franco

A reencarnação explica a existência dos gênios da humanidade

Não obstante, as exceções demonstram, nos gênios como nos idiotas, a independência do reencarnante em relação às matrizes genéticas. — Joanna de Ângelis

Como a ciência atual não admite a reencarnação, lança mão, para explicar a genialidade, das exceções, como ilustra a reportagem da revista "VEJA", edição nº 1977, do dia 11/10/2006. Vamos a uma parte do texto: "Dos vencedores do Prêmio Nobel nas categorias medicina, química e física anunciados na semana passada, um chama atenção não apenas pela importância do trabalho, mas pelo sobrenome. O bioquímico americano Roger Kornberg, ganhador do Nobel de Química, é filho de Arthur Kornberg, um dos vencedores de 1959 em medicina. Os Kornberg são a décima família a ter mais de um membro entre os vencedores do Nobel. A façanha ressuscita um antigo debate sobre se genialidade é ou não hereditária. Entre todos os clãs de cientistas, a história dos Curie é a que mais alimenta essa discussão. Quatro familiares conquistaram a maior honraria acadêmica."

Mais abaixo a reportagem é mais lógica quando revela: "Em que medida a herança genética determina o sucesso de uma pessoa, no entanto, permanece uma controvérsia. Nos anos 70, o milionário americano Roberto Graham criou um banco de sêmen de ganhadores de Prêmio Nobel, com a finalidade de gerar novos gênios. Como encontrou poucos voluntários — menos de cinco — Graham incluiu também amostras de professores e estudantes universitários com altas notas nos testes de QI. Dos mais de 240 bebês nascidos desse

material, quinze foram localizados décadas depois. Nenhum deles se tornou um gênio ou teve uma carreira brilhante."

Como todas as explicações seriam mais lógicas se os ensinamentos da Doutrina Espírita fossem analisados com menor preconceito...

Recordemos Joanna de Ângelis no livro "Temas da Vida e da Morte", 1ª ed. FEB, psicografia de Divaldo: "As leis de Mendel, estudadas largamente, vieram contribuir de modo eficaz para o equacionamento de muitos enigmas nos diversos capítulos da hereditariedade. No entanto, se complementam os conceitos do Transformismo e do Evolucionismo, não interpretam inúmeros quesitos da realidade da vida biológica. É inegável que os caracteres adquiridos são transmissíveis e que os filhos, os descendentes em geral, herdaram de pais e ancestrais as parencas físicas, a morfologia, as posturas e outros sinais de identificação, o mesmo não ocorrendo nas áreas psíquica, psicológica e emocional." (grifo nosso)

Continua a venerável Mentora: "Pais geniais e antepassados doutos não geram, necessariamente, filhos sábios, tanto quanto artistas e guerreiros não procriam símiles. De igual forma, homens incultos e viciosos não reproduzem vidas caóticas semelhantes, exceto quando degenerescências físicas impõem limitações e distúrbios de variada ordem."

Valendo-nos dos ensinamentos dos Espíritos responsáveis pela Codificação ao abordarem no Livro dos Espíritos o assunto sobre idéias inatas, lembramos que "os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem. Libertado da matéria, o Espírito os conser-

va. Durante a encarnação, ele pode esquecê-los em parte momentaneamente, mas a intuição que deles guarda ajuda o seu adiantamento. Sem isso, deveria sempre recomençar. O Espírito parte, em cada nova existência, do ponto em que chegou na existência anterior." — questão nº 218. Na pergunta seguinte, quando Allan Kardec indaga a origem das faculdades extraordinárias de indivíduos que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, a resposta nos esclarece que trata-se de "Lembrança do passado; progresso anterior da alma, mas do qual não tem consciência. O corpo muda, mas o Espírito não muda, embora troque de vestimenta."

Fico a imaginar o quanto a ciência seria mais racional e mais lógica se a verdade da reencarnação já fosse aceita, mesmo que como tese a ser demonstrada. No entanto, ainda se procura na matéria as explicações que a matéria não nos pode dar de maneira completa, de maneira que sacie a sede de esclarecimentos que as desigualdades da vida fazem desfilar diante de nossos olhos a cada dia, cobrando as razões que não confrontem a Justiça perfeita de um Criador absolutamente imparcial, com os aparentes privilegiados que possamos conhecer.

Abolir a reencarnação como justificativa para a existência de gênios que os diversos campos da ciência conheceram ao longo da história da Humanidade é manter aberta a porta do convite ao materialismo, com todo o cortejo de idéias infelizes baseadas no princípio do salve-se quem puder.

Ricardo Orestes Forni
Extraído do Jornal O Clarim do mês de novembro/06

POSSESSOS

Este o título do terceiro assunto tratado entre as questões 473 e 480, no Capítulo IX de "O Livro dos Espíritos", "Intervenção dos Espíritos no Mundo Corporal", que nos propusemos a analisar há duas edições atrás.

Dividimos, para facilidade de nossa exposição, o estudo em itens:

1 — Demônios: O comentário de Kardec inserido à pergunta 474 nos explica que o termo "possesso" dá-nos idéia de seres voltados eternamente ao mal, os demônios. Ora, é mais que conhecido que o Espiritismo não aceita a existência de tais seres. Nossa Doutrina considera os demônios como Espíritos inferiores, passíveis de perfeição, que, provisoriamente, se comprazem no mal, visando, neste caso, a posse total do corpo de uma pobre vítima encarnada. Será que conseguem sucesso em tal objetivo? É o que vamos estudar a seguir.

2 — Negação da possessão: Já na 1.ª questão sobre o assunto, 1474, ficamos sabendo que qualquer Espírito não pode se apossar inteiramente do corpo de um paciente. Não pode tomar decisões, agir, deliberar em seu lugar; tais atos cabem ao dono do corpo, o encarnado. Mesmo que ocorra simbiose, propiciando obsessão em nível mais profundo, a última palavra ainda caberá à pretensa vítima; ela é quem decide. Citamos, a propósito, trecho da resposta: "(...) é sempre o Espírito que age como quer sobre a matéria da qual está revestido" (destaques nossos). O Espírito obsessor tem, assim, no máximo, preponderância relativa, o que caracteriza uma fase avançada, conhecida, no Espiritismo, como "subjugação". Ainda, segundo as instruções espirituais, há forte ligação entre a alma e seu corpo provisório, que perdura até a morte deste; o que explica porque um Espírito estranho não pode tomar o lugar do "proprietário".

3 — Subjugação: Pelo que vimos, o termo possessão significa subjugação, ou seja, o encarnado tem sua vontade tolhida, ainda que relativamente, pelo obsessor. Importante salientarmos que mesmo na subjugação deve haver uma espécie de consentimento do paciente, o que, naturalmente, irá fazer-se por sintonia, ao expressar falta de vontade, ou determinado desejo inferior, propiciando vínculo satisfatório para ambos.

4 — Poder da vontade: O encarnado, através de firme resolução, pode se libertar do domínio desse tipo de entidade. É o que depreendemos da instrução contida na questão 475. Claro está que tal deliberação pressupõe planejamento bem feito, e com a colaboração de terceiros, encarnados e desencarnados.

5 — Ação dos colaboradores encarnados: Para que a intervenção dos auxiliares de nossa esfera alcance êxito é necessária pelo menos uma condição: que seja pessoa de bem, detentora de algumas virtudes; porque só a ascendência moral convence Espíritos inferiores, ao mesmo tempo que propicia a aproximação dos superiores. Às vezes, o colaborador encarnado tem no paciente um parente, um amigo, um conhecido, e tem sincera vontade de ajudá-lo, nada além disto. Se não detém, então, nada de elevado, é ilusão perder seu tempo, os obsessores não o respeitarão; poderão, sim, aumentar sua revolta. Dizem os

Mentores, ao fim da questão 476, que quem não tem o coração puro não pode ter nenhuma influência sobre entidades inferiores. Evidentemente, tais referências são relativas, impossível no atual estágio evolutivo, aparecer alguém com pureza de coração, com absoluta influência sobre o obsessor. Seria exigir condições de santidade muito distantes ainda de nós. Raros teriam a prerrogativa de coadjuvantes no tratamento espiritual de subjugações. Necessário, sim, absolutamente necessário, o cultivo de virtudes, e o despojamento metódico de vícios.

6 — Interesse do paciente: Pressupõe-se que a "vítima" esteja interessada o máximo possível no êxito do tratamento, pois só ela sabe quanto essa situação lhe é penosa. Se não manifestar vivo interesse em colaborar, se não anuir, se chegar mesmo a repudiar o trabalho dos auxiliares encarnados, se se satisfaz com a simbiose, ninguém pode agir diretamente junto a ela. Em tais casos, a intermediação se reduz a ações indiretas, por meio de vibrações amorosas, logicamente com menor eficácia, que a intervenção direta, junto ao paciente.

7 — Ação da prece: Os Instrutores dizem no item 479: "A prece é poderoso socorro em tudo; (...) não basta murmurar algumas palavras (...) Deus assiste aqueles que agem e não aqueles que se limitam a pedir. É necessário, pois, que o obsedado faça, a seu turno, aquilo que é necessário, para destruir em si mesmo a causa que atrai os maus Espíritos. Há aqui, uso de força de expressão: lógico está que Deus assiste a todas as suas criaturas, orem ou não, façam pedidos ou não, ajam ou não. Por outro lado, para que a prece alcance bons resultados, é imprescindível que nela coloquemos o coração, que não recitemos palavras decoradas, ocas, vãs, apenas para desengano de consciência.

8 — Ação dos colaboradores desencarnados: É o auxílio a que os Espíritos se referem no item anterior; ou seja a "assistência de Deus", é traduzida pela assistência dos Espíritos superiores. A espiritualidade especializada em tais trabalhos tem necessidade premente de ressonância no mundo material; só agem quando as condições fornecidas por nós, encarnados, se tornem propícias. Não é vingança, é ciência: sem que uma das partes se ligue impossível a sintonia. Citamos, a propósito, o Prof. Pietro Ubaldi: "Sintonia quer dizer capacidade de ressonância; especialmente, sintonia é chamada simpatia, capacidade de sentir um uníssono. Seja acusticamente, tanto como elétrica ou espiritualmente, o princípio vibratório de correspondência é o mesmo, porque a lei é uma em todos os campos" (destaques nossos).

9 — Medicina: Ao final da resposta à questão 474, lemos: "Tem-se tomado, freqüentemente, por posses os epiléticos ou os loucos, que têm mais necessidade de médico que de exorcismo" (destaques nossos). De fundamental importância, tal referência. Chamam-nos a atenção, aqui, dois aspectos:

9.1 — Não atribuir determinados casos patológicos a influências espirituais, pura e simplesmente, banalizando-os.

9.2 — Não só o exorcismo é supérfluo, porém os próprios tratamentos prodigalizados em nossos centros, como passes, água fluidificada, atendimentos frateros, se não houver acompanhamento médico. São ótimos complementos, aliás, sumamente necessários,

mas perdem toda sua finalidade se o tratamento se torna apenas e tão somente espiritual, quando o caso, por ser patológico, exige mais.

10 — Exorcismos: Pura e simplesmente fórmulas, e sabemos que elas, porque exterioridades, nada representam para os Espíritos. Pelo contrário, são para eles motivo de chacota; sabem que coisas materiais não os atingem, e se divertem com invenções humanas, que nada conseguem. Mesmo porque o escopo de tais ações é vinculado ao imediatismo e tão somente ao encarnado; os Espíritos inferiores têm que ser expulsos, não há o mínimo interesse em saber o que os leva a agir assim. Ora, isto inspira-lhes revolta, às vezes, em lugar de divertimento. A origem desta prática está em acreditar que os causadores de obsessões são demônios, e contra tais seres há eficácia apenas em determinados rituais. Demônios, rituais, invenções humanas, exorcismos... A Doutrina Espírita neste, como em todos os assuntos relativos ao futuro espiritual, veio derrubar antigas concepções, e erguer as definitivas, ao mostrar a infantilidade de cerimônias e superstições, ao demonstrar que para os Espíritos só existe um tipo de convencimento, o

10 — Amor: Se vemos nos obsessores seres iguais a nós, cuja única diferença reside no fato de estarem desencarnados, e por isto livres para a prática de vinditas, temos de mudar nosso acanhado modo de interpretar as coisas. Quantos não temos idéia de vingança, que só não se efetivam por medo de sermos descobertos?

Daí termos o topete de discordarmos com o final da resposta ao item 476: "(...) os bons Espíritos os abandonam e os maus não os temem" (No caso dos auxiliares que não têm o coração puro). Não se quer, obviamente, que os obsessores nos temam. Os tempos da humanidade, material e espiritual, temente, já passou há muito, pertencem à Bíblia. Assim, o objetivo precípuo não é que os Espíritos se afastem, e que, muito menos, nos temam; e sim, a conversão de seu ideal de vindita em colaboração no bem, de rebeldia em abnegação, de egoísmo em altruísmo. Os inúmeros trabalhos de desobsessão provam, à sociedade, que tal preceito não é utópico, absolutamente; sim, realidade milhares de vezes conseguida. Mesmo porque, em várias ocasiões somos nós, os encarnados, os obsessores.

Portanto, não nos prendamos a formalidades, exorcismos, demonstrações de poder ou de fé (?), superstições, rituais vazios.

O verdadeiro escopo, ao enfrentarmos tais situações, deve ser, sempre e sempre, o de doar amor, o que fatalmente convencerá os algozes de nossa real e sincera intenção.

Alcir Orion Morato

Colabore!
Seja
assinante
do Jornal
A Nova Era
R\$ 30,00 anual
Ligue:
(16) 3721-6974

Número 2019
Ano LXXX
Franca — SP — Brasil

FEVEREIRO
2007

A NOVA ERA



Fundado por José Marques Garcia em 15 de novembro de 1927

Impresso
Especial

1.74.18.1051-2-DR/SPI
Allan Kardec

...CORREIOS...

Órgão mensal de
divulgação espírita

www.jornalanovaera.com.br



Sessenta anos de unificação em Franca

A criação do Grêmio Espírita foi um marco para a trajetória do movimento unificacionista do espiritismo em Franca e região.

Matéria à página 4 do Suplemento

História da psiquiatria brasileira é revisitada

Recente livro da Editora *Unifran* faz uma revisita na história da psiquiatria brasileira, salientando a verdadeira contribuição da Doutrina dos Espíritos no desenvolvimento e conceituações da saúde mental.

Editorial

Carnaval: vale a pena?

Várias matérias de nossa edição enfocam o alerta que se faz necessário: *Carnaval é festa das trevas.*

Páginas 6, 8 e página 3 do *Suplemento*



Chico Xavier: ainda presente



A presença do notável médium, ontem e hoje, ainda nos acena em efusões de muito amor e carinho. Chico se manifesta em Portugal — *página 3*
Chico na memória de cada um — *página 9*

Ainda nesta edição

- Pela infância, pelo amanhã
- A religião dos homens e a religião de Deus
 - As escrituras sagradas às avessas
 - A crise aérea no Brasil
 - A busca da felicidade
- Paciência — conquista da confiança
 - Forças psíquicas no passe
- A visão espiritual sobre o suicídio
 - Que ciência é essa?
- Necessidade de estudo de Kardec
 - Crianças índigo
 - Politeísmo
- O Consolador e o Pentecostes

O livro de Nadia Luz

Everton de Paula

Recém-publicado pela Editora Unifran, o livro intitulado *Ruptura na história da psiquiatria no Brasil: espiritismo e saúde mental*, autoria de Nadia Luz, fundamenta-se em dois pilares que lhe conferem profunda e indiscutível credibilidade: a abordagem acadêmico-científica do assunto e as pesquisas bibliográficas e documentais.

Tivemos a honra e a alegria de editar e prefaciá-lo obra, graças à gentil deferência da autora. Esboçamos, nas páginas iniciais, um pequeno texto que se pretende uma explicação, ou mesmo nota preliminar, desta publicação "incomum no âmbito do espiritismo", segundo Dionísio Vinha, pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da Universidade de Franca.

Vamos ao prefácio.

A história pode ser compreendida pelo exame de acontecimentos e momentos em que ocorre uma transformação ou melhoramento do modelo até então prevalente e o surgimento de uma nova maneira de atuação dos personagens nela envolvidos. É o que afirma Walmor Piccinini, autor de obras sobre a história da psiquiatria no Brasil e organizador de mais de 7 mil publicações científicas brasileiras sobre o assunto.

A psiquiatria é um ramo da medicina que se ocupa do diagnóstico, da terapia medicamentosa e da psicoterapia de pacientes que apresentam problemas mentais. Ao menos, este vinha sendo o conceito estabelecido antes da publicação de Nadia Luz.

Mudanças na história da psiquiatria no Brasil tornaram-se marcantes e conhecidas do público especializado. Vejamos: a construção do Hospício Pedro II, pelo decreto imperial de 1841. As instalações foram inauguradas em 1852. Um dos provedores era o líder maçom José Clemente Pereira.

A Proclamação da República, em 1889. Dá-se a entrada dos médicos na administração efetiva dos hospícios, embora continuem se registrando ações beneméritas da maçonaria.

A presidência de Rodrigues Alves, que enfrentou o processo de remodelação do Rio de Janeiro, até então uma cidade insalubre, assolada pela febre amarela e várias doenças. Entre outros episódios ocorridos na área da saúde, como o de Oswaldo Cruz ter enfrentado os problemas sanitários e iniciado a vacinação regular, o que provocou revolta popular. Juliano Moreira assumiu o Hospital Nacional dos Alienados e construiu as bases para o estabelecimento da psiquiatria no Brasil.

Um outro momento, nem sempre lembrado, foi o decreto de Getúlio Vargas em 1937, proibindo o

acúmulo de cargos estaduais e federais. Os psiquiatras tiveram que optar entre o hospital e a universidade. A partir daí, instituições foram implantadas e obras básicas publicadas. Cite-se a opção de Henrique Roxo pela Universidade do Brasil. Antonio Carlos Pacheco e Silva deixa a direção do Juqueri e assume a cátedra da USP, onde funda o Instituto de Psiquiatria. Luis Guedes deixa o Hospital Psiquiátrico São Pedro e desenvolve a cadeira de psiquiatria na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nos anos 60, é formulado o conceito de hospital dinâmico, comunidade terapêutica, equipe psiquiátrica, residência em psiquiatria, por Marcelo Blaya. Dá-se, ainda, a fundação do primeiro curso de Psiquiatria Dinâmica por David Zimmermann na Cátedra de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No final dos anos 70, Luiz Cerqueira, inspirado pelo italiano Franco Basaglia, questiona o macro-hospital psiquiátrico e o surgimento dos "trabalhadores em saúde mental", originando o movimento de reforma psiquiátrica.

E é exatamente em face destes acontecimentos históricos, neste âmbito da saúde mental, que se alevanta nossa fundamentada intenção de inserir entre estas notáveis contribuições a dissertação de mestrado de Nadia Luz, intitulada *Ruptura na história da psiquiatria no Brasil: espiritismo e saúde mental*, defendida a 1º de agosto de 2002, na Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp, campus de Franca.

De forma inédita, salvo manifestações mediúnicas havidas, a história da psiquiatria no Brasil é tratada com a inserção de atuações espíritas. E essas atuações dão-se não apenas no campo da manutenção física, mas notadamente no das intervenções espirituais. Dentre as palavras-chave do Resumo do trabalho original da dissertação, surgem "psiquiatria, espiritismo, saúde mental, higiene, obsessão...", o que é complementado pela síntese dos dois últimos parágrafos: "A loucura vista sob o prisma da obsessão provocou uma ruptura na concepção organicista, tornando-se passível de cura, justificando sob este aspecto, as fontes documentais da Casa de Saúde Allan Kardec de Franca, onde se caracterizou desde meados da década de 20, até a década de 70, a alta rotatividade de pacientes e o curto período de internação. A atual expansão dos hospitais psiquiátricos espíritas no Brasil caracteriza não só uma peculiaridade de nossa História Cultural, como também da História das Ciências da Saúde no

Brasil."

Numa linguagem acessível, pontuada pelo didatismo, Nadia Luz divide sua obra em três capítulos: 1 — aborda a higiene pública e a higiene mental, arquetizando uma revisão histórica. Levanta nomes de entidades como a Liga Brasileira de Higiene Mental, a Sociedade Brasileira de Eugenia, a Liga Pró-Saneamento, dentre outras. Relembra as fundações das Faculdades de Medicina e expõe o papel dos médicos como primeiros cientistas brasileiros. 2 — Trata do aparecimento das instituições espíritas com a finalidade de socorrer doentes ou desequilibrados mentais, bem como desenvolve diálogo entre obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier, ditadas pelo espírito de André Luiz. Neste segundo capítulo, faz referência aos conceitos da doutrina espírita, explica a obsessão e a terapêutica da desobsessão. Resgata a figura histórica do médico cearense Adolpho Bezerra de Menezes e seus antológicos artigos no jornal *O Paiz*, bem como sua obra *A loucura sob novo prisma*. Destaca, ainda, a figura e as obras do médico uberabense Inácio Ferreira, diretor do Sanatório Espírita de Uberaba. Segundo Dionísio Vinha, a autora "fez uso da metodologia sugerida por Michel Foucault, justificando a aplicação do método da ruptura ou descontinuidade na linearidade histórica, explicando minuciosamente as camadas arqueológicas do saber dentro do conhecimento histórico." 3 — Faz pesquisa de campo, pela consulta a velhos livros e arquivos da antiga Casa de Saúde Allan Kardec, atual Hospital Psiquiátrico de Franca, revelando iconografia que retrata os imigrantes e o alcance da terapia psíquico-espírita. Aborda questões novas como os conceitos de psiquiatria transcultural e etnopsiquiatria, explorando aspectos da antropologia ao questionar o normal e o anormal em determinada cultura. Relembra a terapia dos choques elétricos traumáticos e da ingerência dos laboratórios farmacêuticos na moderna psiquiatria.

De tudo, fica a certeza de um resultado impactante: inclui os hospitais de terapêutica alternativa espírita (passes, fluidificação da água, terapia desobsessiva, estudo e prática do Evangelho) na história da psiquiatria do Brasil.

Em auto-análise recente, a autora conclui: "... nosso maior esforço foi dissecar Michel Foucault em suas diversas obras e compor metodologia que ele indicou nas entrelinhas. Espero que muitos jovens possam fazer uso dela e, quando necessário, romper com o modo como a história vinha sendo narrada."

Farão, Nadia, porque "todo o Universo conspira". E, no seu caso, favoravelmente.



A Nova Era

Propriedade da
Fundação Espírita "Allan Kardec"

Este Jornal é democrático.
Contudo, os artigos
assinados não exprimem, necessariamente, a sua opinião.

REDAÇÃO

Rua José Marques Garcia, 675
Caixa Postal, 65

CEP 14401-080 - FRANCA - SP BRASIL
FONES (0XX16) 2103-3000 - 2103-3003
FAX (0XX16) 2103-3002

Site do Jornal: jornalanovaera.com.br

E-mail - editora@kardec.org.br ou

jornal@kardec.org.br

Assinatura anual: R\$ 30,00

PESTALOZZI®
Uma boa educação é para sempre.

Unidade I - 3711-0100 - Unidade II - 3720-0050
Conservatório Musical e Escola de Dança - 3722-2807



Anglo
SEMPRE EM LINGUAGEM

Educação Infantil
Ensino Fundamental
Ensino Médio

www.pestalozzi.com.br



Pela infância, pelo amanhã

Em setembro do ano passado a lente do repórter-fotográfico Severino Silva, do jornal "O Dia", do Rio de Janeiro, flagrou um menino brincando de guerra num blindado da Coordenadoria de Recursos Especiais (CORE) da Polícia Civil. Garoto franzino, que dormia faminto nas bancas de feira, subira no estribo do veículo, apelidado de "caveirão", e com uma arma imaginária "ameaçava" atirar nos agentes, em incursão na Rocinha, favela da Zona Sul carioca e uma das maiores da América Latina. Conhecido como Chefinho da Rocinha, pela liderança que exercia junto aos demais meninos da comunidade, C., numa das fotos, enquanto segura sua metralhadora fictícia, encobre com a cabeça a primeira letra da sigla do grupo policial pintada no blindado, ficando atrás dele a palavra "ORE", como a sugerir que a única salvação para a sua infância fosse uma prece. Se alguém atendeu ao apelo da imagem e orou pelo garoto pode ter certeza de que o pedido não tardou a ser ouvido. Depois da foto, dois anjos protetores surgiram na vida de C. O menino, hoje com 9 anos, agora sorri em cima de uma prancha, nas aulas de surfe do instrutor Ricardo

Ramos, o Bocão, responsável pelo projeto Rocinha Surfe Clube, que além das aulas mantém uma oficina onde 24 meninos carentes aprendem a consertar pranchas. "Me sinto gratificado em ajudar essas crianças a se afastar do crime" — diz Bocão, que sustenta o projeto com a ajuda de outros amigos surfistas e nas horas difíceis trabalha como pedreiro.

Mas o primeiro anjo a aparecer na vida de C. foi Vânia Maria Tavares, de 50 anos, mãe de três filhos e avó de dois netos. Ela, que sobrevive com uma pensão de R\$ 800,00, se sensibilizou com a situação do menino e o levou para casa a fim de criá-lo, depois de obter autorização da mãe biológica, que alegou ser incapaz de mantê-lo em casa e de sustentá-lo, já que possui mais quatro filhos, como mostra reportagem de duas páginas publicada em "O Dia", de 26 de novembro, assinada pelo jornalista Aluizio Freire.

C. hoje estuda numa escola e embora continue peralta, já não conserva mais no semblante aquele olhar de ódio e de deboche que tinha ao intimidar os colegas com suas brincadeiras ameaçadoras. Hoje estampa no rosto o sorriso típico da grande maioria das crianças de sua idade. "Fomos para casa de um parente em Búzios e levamos ele junto. Parecia a criança mais

feliz do mundo" — recorda Vânia, emocionada.

A propósito, vale recordar a página "Infância", de Emmanuel, inserida no livro "Família", psicografado por Francisco Cândido Xavier:

"(...) Como relegar a criança à vala da indiferença?"

Do berço humano surgem muitos santos e heróis, para tarefas sublimes, no entanto, em maior proporção, aí respiram, na moldura de temporária inocência, almas comuns que suspiram por libertar-se da ignorância e da delinquência.

Instinto à solta na infância é passaporte para o desequilíbrio.

Manino em desgoverno — celerado em preparação.

Hoje, criança livre — amanhã, problema laborioso.

Pequeninos refletem grandes.

Filhos imitam pais.

Os hábitos da madureza criam a moda espiritual para a juventude.

Esclareçamos nossos filhos no livro do exemplo nobre.

Nem freio que os mantenha na servidão, nem licença que os arremesse ao charco da libertinagem.

Em verdade, a criança é o futuro.

Mas ninguém colherá fruto melhor sem fruto de educação."

SEI

Mensagens agradecem acolhida em Portugal

Em 15 de outubro, durante as 1^{as} Jornadas Portuguesas de Medicina e Espiritualidade, promovidas pela Associação Médico-Espírita (AME) Internacional e Grupo Espírita Baturia (GEB), de Algés, em Lisboa, Marlene Nobre, presidente da AME, psicografou mensagem da protetora do país, a rainha Isabel de Aragão, assim como do médium Chico Xavier. O vice-presidente da AME-Brasil, Roberto Lúcio Vieira de Souza, também psicografou mensagem de Helil, o grande patrono das expedições marítimas portuguesas. No encerramento, a coordenação do evento e os médicos brasileiros distribuíram rosas vermelhas aos presentes, numa alusão à presença da Rainha Santa. Abaixo, transcrevemos a íntegra das mensagens de Isabel de Aragão, Chico Xavier e Helil, na ocasião, lidas para o público.

Ofereço-te esta rosa com todo meu amor. Para ti, ela transmite paz, lembra a presença de Deus em teu coração. Mas gostava bem que ela também te lembrasse a importância do amor em tua vida.

Amor que te une aos familiares de forma intensa e contínua.

Amor que te une à grande família humana e te faz irmão ou irmã daquele que sofre, que espera de ti compreensão e solidariedade.

Amor que te faz transmutar rosas em pães, a dar alimento a quem tem fome e a vestir os que estão nus.

Amor que te impulsiona a seguir os caminhos de Deus na tua vida. A fazer o bem a quem te devota o mal, a perdoar infinitamente a quem não te compreende.

Recebe esta rosa que te trouxe dos páramos celestiais para te dizer que te amo e que estou sempre junto de ti e que não te deixarei enquanto não reencontrares a suprema felicidade de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo.

Queridos irmãos portugueses,

Agradeço, comovido, a acolhida aos nossos caros irmãos, que vieram do Brasil, em missão de amor e paz.

Compartilhamos, com todos vós, a alegria desses minutos preciosos que passamos reunidos nesse conclave.

Deixo-vos o nosso coração, transformado em energias fraternas a envolver as pétalas aveludadas destas rosas.

Junto ao coração da rainha Isabel, recolhemos a própria inspiração de Maria Santíssima, nossa Senhora e Mãe, que nos convida a amar todos os seres humanos.

Que ela nos inspire no dia-a-dia de nossas vidas a sermos fiéis servidores da Obra Divina.

Recebei, cada um de vós, a minha gratidão e os melhores votos de muitas felicidades com Jesus.

Do servidor menor que muito vos ama e

Chico Xavier

15/10/06

Há aproximadamente cinco séculos, partiam nossas naus em direção ao novo mundo, na construção dos objetivos traçados pelo Cristo Jesus. Constituíam-se, então, novos laços e o sangue português espalhava-se nas terras da América, fazendo com que o Cruzeiro se encravasse, para que as Boas Novas fossem realmente compreendidas entre os povos.

Hoje, em naus diferentes, os nossos irmãos do Brasil retornam às terras portuguesas, trazendo as idéias para as quais foram um dia concitados a trabalhar. O ideal do Evangelho faz-se realidade. E a união com a Ciência é a construção de um portal para que o Velho Mundo compreenda finalmente a Mensagem do Amor, há muito esquecida.

Tenhamos a certeza e guardemos esta data como um marco para o ideal espírita, não só nestas plagas, mas por toda a Europa.

Que a paz, que nos envolve neste instante, caminhe convosco em direção aos vossos lares.

Que as luzes, que caem sobre vós nestes momentos, sejam benesses de saúde e tranquilidade nas vossas caminhadas.

Sinto-me imensamente honrado ao ver que a minha humilde contribuição faz-se frutos neste encontro de Amor.

Do servidor do Cristo,

Helil - 15/10/2006

"Tendes ouvido o que foi dito: Amarás o teu próximo e aborrecerás ao teu inimigo. Eu porém vos digo: Amai aos vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos Céus, porque Ele faz nascer o seu Sol sobre os bons e sobre os maus, e vir suas chuvas sobre os justos e injustos. Porque, se amardes aos que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos o mesmo? E se saudardes somente aos vossos irmãos, que fazeis de especial? Não fazem os gentios também o mesmo? Sede vós, pois, perfeitos, como o vosso Pai celestial é perfeito". (Mateus, V, 43-48.)

"Mas os fariseus, sabendo que Jesus fizera calar os saduceus, reuniram-se; e um deles, doutor da lei, para o experimentar, fez-lhe esta pergunta: Mestre, qual é o grande mandamento da lei?

"Respondeu-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. E o segundo semelhante a este é: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Estes dois mandamentos resumem toda a lei e os profetas". (Mateus, XXII, 34-40.)

A religião dos homens não é a religião de Deus. A religião dos homens se resume nos sacramentos: batismo, confissão, crisma, matrimônio, missas, extrema-unção, procissões, festas, dias-santos.

A religião de Deus é caridade, misericórdia, paz, paciência, tolerância, perdão, amor a Deus, amor ao próximo.

A religião dos homens é misericórdia sujeita ao numerário. A religião de Deus está isenta do dinheiro do mundo. A religião dos homens circunscreve a razão e o sentimento, prescrevendo a ignorância; não admite a evolução.

A religião de Deus reclama o estudo e proclama o progresso. A religião dos homens consiste em dogmas e mistérios que a consciência repele e o

A religião dos homens e a religião de Deus

sentimento repudia. A religião de Deus derruba as barreiras do sobrenatural e afirma que nunca disse, nem dirá a última palavra, porque é de evolução permanente.

A religião dos homens escraviza as almas, escraviza a inteligência, anula a razão, condena a análise, a investigação, o livre-exame. A religião de Deus manda ao indivíduo, como Paulo, examinar tudo, crescer em todo o conhecimento, fazer o estudo crítico do que lhe for apresentado para separar o bom do mau e não ter tropeço no "dia do Cristo".

A religião dos homens não tem espírito: para ela o Evangelho é letra-morta, não tem a palavra de Jesus; seus

a verdadeira fé. A religião dos homens é a aflição, o desespero, a morte; ao doente ela só oferece a confissão auricular; ao agonizante a extrema-unção e depois da morte o De-Profundis com as subseqüentes missas, que constituem um gravame eterno para a família do morto.

A religião de Deus é a consolação, a esperança, a vida: ao doente dá remédios, fluidos divinos para lenir o sofrimento; ao agonizante desvenda o reino da imortalidade e afirma o prosseguimento da vida independente da vida na Terra; dá de graça a misericórdia, cerca o paciente de amor e a todos recomenda a oração gratuita como meio de auxiliar os que sofrem.

A religião de Deus é caridade, misericórdia, paz, paciência, tolerância, perdão, amor a Deus, amor ao próximo.

santos são de pau e barro; suas virtudes, de incenso e alfazema; suas obras são folguedos, festanças com alarido de sinos, de foguetes, de fanfarra; seus ornamentos, de fitas e papéis de cores.

A religião de Deus é vivificada pelo Espírito da vida eterna, é acionada pelas Revelações sucessivas, baseia-se na palavra de Jesus, nos Evangelhos, nas Epístolas Apostólicas. Seus santos são espíritos vivos, puros, ou que se estão purificando e que vêm comunicar-se com os homens na Terra, para guiá-los à verdade; suas virtudes são as curas dos enfermos operadas por esses Espíritos, as manifestações de materializações, de transportes, de fotografia, que vem dar a certeza da imortalidade e estabelecer

A religião dos homens é composta de uma hierarquia que começa no pequeno cura de aldeia para se elevar através das dignidades de cônego, monsenhor, bispo, arcebispo, cardeal, ao caporal maior, o Sumo Pontífice Infalível, o Papa; cada qual se distingue pela tonsura, vestimenta, rubis, pedrarias de esmeraldas, brilhantes, diamantes e roupagens de seda, de púrpura, de Holanda: obrigando o hábito a fazer o monge.

A religião de Deus é ministrada pelo Espírito, por intermédio dos dons espirituais de que fala o grande apóstolo da luz em sua gloriosa Epístola, hoje de divulgação mundial; ela não distingue o religioso, o cristão, pelo hábito, pela

opa, pela batina, pelos anéis, pela coroa, pela mantilha, pelos rosários, pelas medalhas, pelas cruzes, porque qualquer tartufo ou "tartufa" pode usar essas insígnias; mas reconhece o cristão, o religioso pelo caráter, pelo critério, pela fé que dele emana, pela caridade que o caracteriza, pela esperança não fingida que manifesta.

A religião dos homens persegue, anatematiza, odeia e calunia os que são descrentes. A religião de Deus perdoa, ora, auxilia, serve e ampara seus próprios perseguidores, detratores, caluniadores e adversários.

A religião dos homens se ilumina à luz do azeite, da cera, da eletricidade.

A religião de Deus é a luz do Mundo e de todo o Universo. A religião dos homens é insípida, corruptível; usa o sal material. A religião de Deus é o sal da Terra: conserva, transforma, purifica.

A religião dos homens tem igrejas de pedra, de terra, de cal, de ferro, de madeira.

As igrejas dos homens são de matéria inerte, caem ao embate dos ventos, das tempestades, das correntezas.

Contra a Igreja de Deus os elementos não prevalecem; ela é imperecível e se nos mostra cada vez mais viva, mais luminosa. A religião dos homens é a opressão, o orgulho, o egoísmo, a mercancia.

A religião de Deus é a da liberdade, da humildade, do amor, do desinteresse. A religião dos homens não é a religião de Deus: a religião dos homens é a dos homens e para os homens. A religião de Deus é a luz universal que proclama a verdade, o caminho e a vida, repetindo a palavra do incomparável sábio e santo, Jesus o Cristo: Amai os vossos inimigos; orai pelos que vos caluniam; que a vossa justiça seja maior que a dos escribas e fariseus; amai a Deus e ao próximo, porque neste amor se fundam a lei e os profetas; sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai celestial!

Cairbar Schutel
Parábolas e ensinamentos de Jesus

As escrituras sagradas às avessas

Respeitemos todas as escrituras sagradas, pois suas mensagens do mundo espiritual ajudam a humanidade de todos os tempos a evoluir. Mas tomá-las, parcial e literalmente, e abusar de suas interpretações alegóricas é como que se nos vacinassemos contra a instalação do reino de Deus na Terra, que é de amor, fraternidade e paz plena. Realmente, as mensagens da Bíblia, do Alcorão e demais escri-

turas sagradas é de amor. A espada de Jesus e Maomé não pode ser tomada ao pé da letra. Ela é contra nós mesmos ou nosso ego. Mas uma minoria de cristãos e muçulmanos sempre cometeu e comete desatinos no mundo, por interpretarem erradamente suas escrituras.

Bento XVI foi infeliz ao citar uma frase do imperador bizantino Manuel 2º, paleólogo (estudiosos de línguas antigas) do século 15, contra Maomé e o Islamismo, principalmente em se

considerando a conjuntura internacional do momento atual. O Papa, como se diz, deu uma varada n'água! Será que ele se esqueceu do que ele é para o mundo? Ou teria sido ele vítima de seu próprio conservadorismo teológico católico? Ou quem sabe, ainda, por se ter considerado infalível? Porém ele afirmou, reiteradas vezes, que não teve intenção de ofender Maomé e o Islamismo. E creio que, doravante, a Igreja passará a ter um pouco mais de cuidado no trato com o Islamismo e, igualmente, com o Judaísmo e outros credos que, no passado, foram muito desrespeitados e perseguidos por ela. Meus pais e demais antepassados meus eram católicos, pelo que tenho uma simpatia especial para com a Igreja.

A ela, pois, desejo sucesso espiritual e moral, para que ela se torne um verdadeiro farol de Cristo a iluminar o mundo. Mas isso só acontecerá quando se vivenciar de fato a mensagem de amor do Mestre e de outros mestres, a qual, infelizmente, para a maioria dos líderes religiosos, tem ficado em segundo plano, porque eles estudam à saciedade as suas escrituras, mas as interpretam às avessas, ou de acordo com suas conveniências!

José Reis Chaves



A grave crise do controle aéreo nacional, deflagrada após o acidente com a aeronave da Gol, pode ser analisada sob diversos aspectos. Suas raízes podem estar mesmo nas condições de trabalho dos controladores, no sistema que requer atualização e mesmo nas demais apresentadas pelos órgãos competentes ou pela mídia que explorou o assunto em abundância, como já era de se esperar.

Considere-se, todavia, que a causa principal nem foi ventilada.

Há um problema sério no relacionamento humano: quando algo ocorre chamando a atenção ou provocando danos, busca-se um culpado e pouco se faz para corrigir as causas. Ficamos sempre na superfície das cogitações.

Ora, a crise aérea brasileira não é diferente da crise da saúde, da educação, da violência, do tráfico de drogas, da criança abandonada, da velhice desamparada, da corrupção ou de tantas outras questões que sobrecarregam as informações de cada dia.

É uma crise moral, na verdade. Imaginamos que as situações se resolvem por si mesmas, fechamo-nos na indiferença do próprio egoísmo e deixamos que

providências sejam esquecidas, culminando com as crises que afetam o equilíbrio social.

Assim é com a epidemia da dengue, com o desperdício de água ou com a poluição desenfreada dos rios através do lixo doméstico ou industrial.

A violência no trânsito, a desonestidade em alguns políticos e administradores, o abuso de poder, a omissão em qualquer área e a prática de pequenos gestos que roubam o patrimônio alheio ou prejudicam a coletividade (mesmo que seja apenas "furar" a fila ou subornar um funcionário para obter privilégios) situam-se na mesma questão.

Surgem todos como fruto do egoísmo que ainda caracteriza a natureza humana. É ele o causador das convulsões sociais, que rouba a tranquilidade coletiva, desvia a atenção dos objetivos principais da vida humana e gera o difícil panorama social em que nos encontramos, repleto de desafios e incertezas.

Pode apresentar-se nas decisões de uma autoridade, de um administrador de qualquer empresa ou mesmo no cotidiano de uma família, nos conflitos causados por uma postura autoritária e até coletivamente (recorde-se as imposições econômicas e sociais de um país sobre outro), com seus prejuízos decorrentes.

Seja lá qual for a causa principal, ou um conjunto de causas, da crise aérea no Brasil, haverá na essência atitudes de indiferença e desprezo com as necessidades do correto funcionamento do sistema como um todo, envolvendo pessoas e tecnologia.

Mesmo as repercussões do caso levam à mesma conclusão. Basta analisar-se que as longas filas do INSS ou a precariedade da saúde, os milhares de menores infratores, famílias inteiras vivendo sob viadutos, presídios lotados em condições subumanas ou outras graves questões do cenário nacional, não causam as mesmas repercussões do atraso dos vôos.

Por que?

Tratando-se de um meio de transporte que dificilmente será utilizado por aqueles que não tem o mínimo para a própria sobrevivência e servindo para quem pode pagar, chama mais a atenção. Claro! Envolve arrecadação.

Que se pode esperar de quem não pode pagar? Então, para que se preocupar? Novamente a presença do terrível inimigo humano: o egoísmo.

É ele que nos faz frios, indiferentes, calculistas.

Nessa (da crise aérea) e outras questões, a solução está em olharmos o papel que nos cabe, como cidadão ou administrador, investido de cargo público diretivo, responsável ou usuário de algum setor coletivo da sociedade, para uma atitude facilitadora da paz coletiva.

Pequenos gestos são capazes de alterar toda uma situação desagradável de conflito. Basta a vontade de agir, com ética e justiça. Sempre que respeitamos o direito alheio, agiremos de maneira justa. E agir de maneira justa e respeitadora com a condição humana é postura de combate ao egoísmo, verdadeiro verme a corroer a paz social.

A receita é simples e existe há muito tempo: basta nos colocarmos no lugar alheio. Se não é bom, se não serve para nós, também não será bom e nem servirá para outra pessoa. O que a consciência reprova, esqueçamos.

É pura ilusão acharmos que somos melhores. Não somos. Estamos todos no mesmo "barco" e devemos nos estender as mãos, mutuamente. Não há outro caminho para mudar o triste quadro social do país e do planeta.

A busca da felicidade

Se realizarmos pesquisa nos consultórios de neurologistas, de psiquiatras, de psicólogos e demais profissionais da área de saúde psíquica e mental verificaremos que todos estão sempre lotados por pacientes presos à distúrbios do gênero que os têm incomodado, impedindo-os de serem felizes.

Depois de percorrerem vários desses consultórios, cansados e sem resultado satisfatório, acabam por desabafarem ao profissional: "ah!... doutor! Ajude-me. Eu queria tanto ter saúde para poder ser um pouquinho feliz!"

Fazendo essa reclamação cometem o erro crasso da grande maioria dos que sofrem desses distúrbios, porque não se trata de procurar a saúde para ser feliz, e sim, de procurar ser feliz para ter saúde. Somente as pessoas em paz com a vida, que guardam em seus corações a euforia de viver, é que desfrutam do equilíbrio físico e mental que todos almejam.

Poderão afirmar tais pacientes: "como manter a euforia de viver, se a cada instante sou contrariado por aqueles que me rodeiam? Como sentir-me em paz com a existência se nunca alcancei a plena satisfação de tudo aquilo que sempre sonhei?"

Enganam-se todos os que assim pensam. Julgam que ser feliz é verem atendidos todos os seus desejos e necessidades. Mas, ainda que isso aconte-

cesse, continuariam infelizes, porque novos desejos e novas necessidades surgiriam. Quando nos acostumamos a pensar muito em nosso bem-estar, tornamo-nos insaciáveis. A felicidade não é nenhuma oferta gratuita da vida. Ser feliz é uma verdadeira arte a exigir, como todas as artes, muito esforço e dedicação para que a dominemos. Raros os que conseguem, porque os homens ainda se portam como crianças acostumados a bater os pés e reclamar, em altas vozes, quando não lhe dão o brinquedo desejado.

Para nos tornarmos adultos emocionalmente, é necessário aprendermos a olhar para dentro de nós mesmos, esforçando-nos para eliminar o que há de errado em nosso íntimo. É necessário refletirmos no epitáfio do templo de Delfos: CONHECE-TE A TI MESMO.

Se formos sinceros e usarmos da mesma acuidade que nos permite enxergar facilmente as deficiências alheias, acabaremos por identificar o mal maior de nossa personalidade, o grande culpado de nossa infelicidade. Chama-se egoísmo – sentimento desajustado que nos faz pensar muito em nós mesmos, com total esquecimento dos outros; que faz que exijamos respeito, afeto, compreensão, sem nunca oferecê-los a ninguém...

Se o mal está em nosso comportamento é preciso

termos coragem e vontade forte para mudar o que está errado em nós, pois se não mudarmos iremos continuar a sofrer o mesmo mal que vimos sofrendo. A boa vontade é ingrediente indispensável para esse procedimento, como encontramos no Evangelho de Jesus, quando os luminares da espiritualidade cantaram a mais linda canção de todos os tempos: "Glória à Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade." (grifo nosso).

A partir daí, sentindo o imenso prejuízo que o egoísmo nos dá, nos esforçando por eliminá-lo, começamos a ser adultos.

E o homem adulto, aquele que sabe ser feliz, é o que tem plena consciência de suas responsabilidades diante da vida e da sociedade em que vive, observando-as, integralmente...

É o que observa plenamente o velho ensinamento da sabedoria oriental: "Quando nasceste, todos sorriam e só tu choravas. Procura viver de tal forma que, quando morreres, todos chorem e só tu sorrias!"

OBSERVAÇÃO: O presente artigo está fundamentado em bela página de Richard Simonetti, do livro de sua autoria: **PARA VIVER A GRANDE MENSAGEM**, cuja leitura recomendamos aos estimados leitores.

Édo Mariani

Em pauta — a triste festa

Fevereiro é o mês do carnaval, que se constitui em uma série de folguedos populares, promovidos habitualmente nos três dias que antecedem o início da quaresma.

Em torno do mesmo centro de interesse — o disfarce, a dança, o canto e o gozo de certas liberdades de comunicação humana, inexistentes ou muito refreadas durante o resto do ano — a folia carnavalesca se apresenta com características distintas nos diferentes lugares em que se popularizou, vindo da Itália, especialmente de Roma, o modelo mais famoso.

De origem obscura, o mais provável é que se assente em raízes de festividades primitivas, de caráter religioso, em honra à volta da primavera. Mais concretamente, é possível se localizem suas origens em celebrações da Antigüidade, de caráter orgiaco, a exemplo das "bacanalia" da Grécia, festa em honra ao deus Dionísio.

Contudo, antes disso, os trácios se entregavam aos prazeres coletivos, como quase todos os povos antigos. E, em Roma, vamos encontrar estas festas como "saturnalia", quando se imolava uma vítima humana. Era uma festa de infeliz caráter pagão.

No Antigo Testamento, encontramos referências no Livro de Ester, especialmente no capítulo IX, que descreve como, graças à intervenção da rainha Ester junto ao rei Assuero os judeus acabam por massacrar os seus inimigos, atividade que durou dois dias inteiros, 13 e 14 do mês de Adar, cessando no dia quinze. Por essa razão, se estabeleceu que se solenizasse a data com banquetes e

regozijos, conforme se lê no versículo 19: "Os Judeus, porém, que habitavam nas cidades sem muros e nas aldeias, destinaram o dia catorze do mês de Adar para banquetes e regozijos, de modo que neste dia fazem grandes divertimentos, e mandam uns aos outros alguma coisa dos seus banquetes e iguarias."

A data ficou assinalada como dias de Furim, isto é, das sortes, referindo-se ao Fur, a sorte que fora lançada e da qual eles, os Judeus, haviam saído vitoriosos.

Na Idade Média, já era aceito o Carnaval com naturalidade, configurando o enlouquecimento lícito uma vez por ano. As relações dos carnavalescos com a Igreja não foram cordiais, tendo se pronunciado doutores e Papas contra os tantos desregramentos da festividade. Contudo, o que prevaleceu foi uma atitude geral de tolerância, ficando inclusive por conta da Igreja a fixação da data do período momesco. O carnaval antecede a Quaresma, finalizando-se num dia de penitência, com a tristeza das cinzas.

A festa tem vestígios bárbaros e do primitivismo reinantes ainda na Terra. No Brasil colonial e monárquico a forma mais generalizada de brincar o carnaval era o entrudo português.

Consistia em atirar contra as pessoas, não apenas água, mas provisões de pós ou cal. Mais tarde, água perfumada com limões, vinagre, groselha ou vinho. O objetivo sempre era sujar o passante desprevenido. Como se vê, uma brincadeira perigosa e grosseira.

A morte definitiva do entrudo se deu com o aparecimento do confete, a serpentina e o lança-perfume.

O que se observa nestes três dias

de loucura, em que a carne nada vale, é o afloramento das paixões.

Observam-se foliões que se afadigam por longos meses na confecção das fantasias. Tudo para viver a psicossfera da ilusão. Perseguem vitórias vazias que esperam alcançar nestes dias. Diversos se mostram exaustos, física e emocionalmente. Alguns recorrem a fortes estimulantes para o instante definitivo do desfile. Consomem tempo e dinheiro, que poderiam ser aplicados na manutenção da vida e salvação de muitas vidas.

Mergulham em um fantástico mundo de sonhos. Anseiam por dar autenticidade a cada gesto, a toda atitude. Usando vestimentas de reis e rainhas, nobres e conquistadores, personagens de contos, artistas, fariam inveja a todos a quem copiam. Isso se as vestes e as coroas, os cetros, os mantos e as posturas não fossem todos falsos, exatamente como falsas são as expressões e vitórias que ostentam.

Diversos desses foliões nem se dão conta que poderão estar a representar a própria personalidade de vidas passadas.

Uma grande perda de tempo, pois de um modo geral conquistadores, reis, rainhas e generais que foram, se ainda permanecem na Terra, é porque naquelas vidas faliram. E faliram feio.

Em toda essa festa de loucura, que deixa marcas profundas, pergunta-se se será mesmo manifestação de alegria, de descontração.

Que alegria é esta que exige fantasias, embriaguez e toda sorte de desregramentos para se manifestar?

Por isso, face às graves consequências do carnaval e suas origens de orgia



e loucura, reflexionemos na exortação do espírito Thereza de Brito: "Numa sociedade em que a vida familiar tem sido tão difícil, tão escassa, por que não aproveitar os dias carnavalescos para conviverem bem mais juntos, seja no lar, num sítio arborizado, nas paisagens refazentes do mar ou da montanha, estreitando os vínculos do carinho, prestando atenção a tantos lances importantes da vida dos nossos queridos, antes inobservados?"

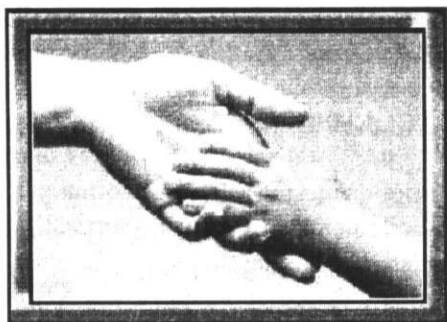
Não se permitam poluir, pais terrestres, e lutem por preservar os seus filhos dessa ilusão passageira.

O imediatismo de Momo, os gozos das folias, as alegrias do carnaval tudo isso se desvanecerá, como todo fogo fátuo, e deixará os que neles se locupletaram nas valas da frustração e do arrependimento, mais cedo ou mais tarde.

Vocês, pai e mãe, atentos à nobre tarefa de educar seus rebentos, envolvam-nos com seu amor e sua assistência para que eles amadureçam assim, e a harmonia atinja mais rapidamente os arraiais do mundo, transformando as paixões inferiores

Maria Helena Marcon
Extraído do Jornal Mundo Espírita
de fevereiro/2001

Paciência - conquista da confiança



Em todos os tentames da vida somos impulsionados à prática da paciência.

Nas negociações diárias necessitamos de serenidade, compreensão e tolerância, sem isso corremos sérios riscos de realizarmos péssimos negócios.

Na convivência com o próximo, muitas vezes somos convidados a calarmos para que o nosso silêncio seja o caminho da harmonia.

Todo trabalho profissional exige de cada um de nós paciência, no estudo, no estágio, no exercício legal da profissão, tudo na vida, naturalmente nos concita à paciência, até parece que ela deve ser a nossa eterna companheira.

No entanto não devemos confundir paciência com aprovação ao desequilíbrio, quando calamos diante

do agressor esfaimado, não significa que somos mais fracos do que ele e sim que não somos igual a ele, já acreditamos que podemos dar um tempo para ele

se refazer.

Quando perdoamos o delinquente, não queremos dizer que ele esteja certo, mas acreditamos que ele merece uma nova oportunidade.

Quando decidimos continuar junto ao familiar incompreensível e irritado, não queremos aprovar a sua personalidade equívoca, mas dizemos a ele com nossa vida que somos capazes de perdô-lo.

Ao sentirmos a necessidade do bem para todos, pautamos nossas atitudes numa posição confiante e superamos com mais facilidade as adversidades

da vida. Com paciência ou sem ela teremos que viver, já que nos facilita o entendimento e a compreensão do outro e de nós mesmos, é inteligível que a abracemos com sua função educadora. Melhor suportar hoje e sermos livres amanhã, do que volvermos à mesma experiência.

A paciência nos permite isso:

Diante da dor, paciência.

Diante da incompreensão, paciência.

Diante dos conflitos, paciência.

Diante do agressor, paciência.

Diante da vida, paciência.

Isso é possível, a paciência reflete toda a confiança que temos em Deus e nas Leis Divinas.

Joanira Necas Soares
(Extraído do site Portal do Espírita)

A Nova Era

SUPLEMENTO CULTURAL E BIBLIOGRÁFICO • FEVEREIRO • 2007



Eis o que divulgava A Nova Era em sua edição de 25.1.1957



ANUÁRIO DE SOCIEDADE DA
CASA DE GALILEU
ALLEN CARROLL

VOL. XXVII
N. 965

Direção: Rua José Marques Garcia, 101, Olinda, Av. Major Ildefonso, 377, C. Postal, 98.100, FRANÇA

Telefone: (51) 341-1407 e 341-4179. João Marques Garcia

Editor: Dr. Jonas Novellino. Gerente: Elzeu Ribeiro. Redator: Dr. Agostu Morale

O Consolador e os Fenômenos do Pentecostes

M. A. R. Novelino

Estava-se na última ceia, na Jerusalém distante, naquele recuado ano de 35. Os discípulos, chorosos, acabavam de ouvir dos lábios puros do Mestre a notícia de sua volta às paragens espirituais. Mágoa profunda dilacerava os corações daqueles homens rudes porém arraigadamente devotados ao Sublime Pastor; a alma se lhes rebentava de dor com a triste nova recebida. Que lhes restava no mundo se lhes faltasse aquele divino e incomparável Amigo? Conhecendo a extensão da amargura dos seus seguidores, Jesus então, naquela hora de profundas cogitações, promete outro Consolador, o Espírito de Verdade, que viria para ficar eternamente com eles, caso merecessem tal dádiva observando os mandamentos que lhes haviam sido dados. Não podemos deixar de transcrever aqui, por completo, este trecho da maravilhosa promessa do Cristo, conforme narra João, o Evangelista, cap. XIV de seu Evangelho, versículo 15 e seguintes: — "Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco. O Espírito de Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque o não vê nem o conhece; mas vós o conheceis porque ele ficará convosco e estará em vós." E mais adiante prossegue o Cristo: "Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que vos tenho dito".

Esta foi a promessa do Ungido do Senhor a seus seguidores amargurados. Poucas horas após sofre o Filho de Maria o suplício da crucificação no doloroso drama do Calvário, mas, conforme seu prometido, o Consolador devia vir. Procuraram alguns crentes achar o cumprimento dessa promessa nos fenômenos, no dia de Pentecostes, que era uma festa que os judeus celebravam cinquenta dias após o 16 do mês de Nisan. Primitivamente esta festividade era levada a efeito com o fito de agradecer a Deus a bênção das colheitas que havia concedido a seu povo, mas já no tempo de Jesus era consagrada somente à recordação da instituição da Lei. Naquele ano, estando os discípulos juntos, orando, no dia de Pentecostes, conforme narram os Atos dos Apóstolos, descem sobre eles como línguas de fogo, vindas não

se sabe de onde. No mesmo instante em que isto se deu, sentiam-se como que outros homens, com novas faculdades e percepções. Grande energia lhes inundava as deliberações, e se uns falavam línguas estranhas que nunca haviam aprendido, outros profetizavam e outros, ainda, foram tomados do dom de curar. Deste modo, observam hoje alguns, cumprira-se a promessa de Jesus a seus discípulos. No entanto, se observarmos bem as palavras do Cristo, encontraremos trechos que não se satisfazem com essas explicações.

Assim temos o seguinte: "O Espírito de Verdade a quem o mundo não pode receber... vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que vos tenho dito." Analisaremos: se o Espírito de Verdade não podia ser recebido no tempo da vida terrena de Jesus porque o mundo não estava apto para compreendê-lo, estaria este mesmo mundo em condições de recebê-lo cinquenta dias após? Por que? — perguntamos nós. Que houvera de extraordinário para tão rápida quão estranha transmutação? Ainda afirma o Mestre: "Ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar tudo o que eu vos tenho dito." Ora, se o Espírito de Verdade ensinaria todas as coisas é que Jesus não pôde tudo ensinar, naturalmente porque a época não comportava maiores doses de ensino. E no curto lapso de cinquenta dias apenas estaria ela pronta para mais amplas compreensões?

Por qual obra de taumaturgo isto se daria? E afinal, que pensar dos discípulos que já se haviam esquecido das lições do Mestre neste reduzido espaço de tempo, porque, conforme o dizer do mesmo, o Consolador viria lembrar aquilo que Ele havia dito? De mais a mais, se tal fora, segundo os dizeres de João, o Consolador não teria vindo, porque só viria se os discípulos guardassem os mandamentos, o que não teria acontecido, já que os tinham esquecido.

Assim não satisfaz completamente a aceitação dos fenômenos do Pentecostes como o da realização da vinda do Espírito de Verdade. Apesar da imponência e grandeza dos acontecimentos, foi aquela uma manifestação parcial que fez de um punhado de criaturas simples um púgilo de fortes capazes de bem lutar pelas novas idéias, prontos para se tornarem colunas inabaláveis onde se devia apoiar o grande templo do Cristianismo. A grande e lídima promessa, porém, precisava esperar que as mentes se amadurecessem mais, que as inteligências se desenvolvessem, que os horizontes se alargassem, que os anseios das almas se fizessem fortes em procura de uma crença que aliasse o sentimento à razão. Seria necessário que os telescópios rasgassem a abóboda celeste para além da qual devia se encontrar o trono divino e sua angelical corte, mas, ao contrário, encontrasse mundos e sóis imensos onde a antigüidade se habituara a ver minúsculas lampadzinhas; seria mister que o seio da Terra fosse devastado e os infernos jamais achados; seria preciso que o nosso planeta se deslocasse da condição de centro do universo, como era considerado, para se colocar em seu lugar de pequena e insignificante ilha a vogar na imensidão aterradora do Infinito, desse Infinito incompreendido e inexplicável ainda pela limitação de nosso entendimento. Seria também necessário, embora a verdade agora se faça mais dolorosa, que os ensinamentos do Rabi Galileu tivessem sido esquecidos, acobertados, sufocados, houvessem ficado irreconhecíveis. Esta, então, seria a hora prevista para a descida do Consolador. É pois interessante continuarmos o nosso estudo buscando provar que a promessa do Cristo teve seu cumprimento com o advento do Espiritismo.

FRANCA

Sociedade Espírita Veneranda comemora 36.º aniversário e inaugura novas instalações

Foi comemorado no dia 18 de novembro de 2006 o 36.º aniversário da Sociedade Espírita Veneranda e inauguradas as novas instalações, situadas à Rua Sacramento, 550, Jd. Pedreiras. O evento se realizou com grande alegria, com a participação da diretoria, departamentos, trabalhadores e participantes da casa. A instituição abre suas portas a todas as pessoas e oferece à sociedade uma excelente casa com atendimentos espirituais, estudos e atendimento às crianças carentes, com amplas e modernas instalações.

A entidade, que durante todos estes anos vêm prestando serviços à comunidade, se tornou uma tradição no meio espírita e graças à união de todos foi possível tornar realidade este progresso. Todos tiveram um papel importante, colaborando nas campanhas, nas promoções e nas orações para que acontecessem ampliações nas instalações e ampliações nas atividades dentro da doutrina espírita codificada por Allan Kardec.

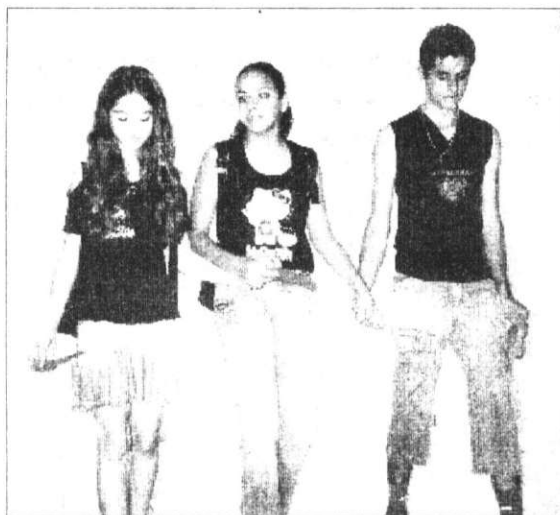
O evento foi aberto com apresentação artística das crianças da Evangelização Infantil e da Mocidade, composta por jovens da casa, e em seguida foi proferida uma palestra por Felipe Salomão, com o tema *Lei de Justiça, Amor e Caridade*. Após a palestra, que por sinal foi maravilhosa, a presidente da Instituição, Eliane Cadorim, prestou algumas homenagens às pessoas que colaboraram e sempre prestigiaram a entidade, e logo após foi oferecido a todos os presentes um chá fraterno muito agradável, e todos se deliciaram



Crianças da Evangelização fazendo apresentação teatral na abertura da comemoração dos 36 anos da Sociedade Espírita Veneranda. Lindo de se ver...



A jovem livia Hernandez, apresentou uma dança de Ballet, deixando a todos encantados. Ela representou a Mocidade Espírita da casa



Os jovens Carolina, Laiz e Thales, fazendo apresentação artística na noite do evento, representando a pré-mocidade. Parabéns!



A Presidente Eliane Cadorim prestou homenagens a Luciene Veríssimo, trabalhadora da casa e cooperadora das atividades doutrinárias. É reconhecidamente uma excelente pessoa



O orador da noite, Felipe Salomão, deixou a todos uma mensagem sobre amor, justiça e caridade e foi um dos homenageados da noite, pela sua competência, dinamismo e por ser um grande colaborador do espiritismo

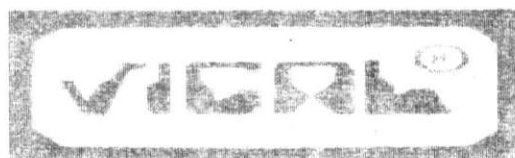


Pessoas que prestigiaram o evento e participaram da noite de confraternização

Farmácia Oficial
23 anos

Manipulação de Formulas, Homeopatia e Medicamentos com entrega em domicílio

Rua Voluntários da França, 1846
Fone: (16) 3723-3126
Posto Gato Branco — 7:00 horas às 20:00 horas



Fone: PABX (16)3727-4344

Avenida Brasil nº 3300
Jardim Paulistano - CEP 14.402-440

INFORMAÇÕES & CONVITES:

PEGLEV

SUPERMERCADOS

TODO TEMPO AO SEU LADO

www.peglev.com

Estação... 3723-2888
Ponte Preta... 3724-2888
Santa Cruz... 3724-3099
Av. Brasil... 3703-2888
Portinari... 3725-2888

COMPORTAMENTO

O Deus do ridículo



Rei Momo, o famoso personagem de nosso carnaval, deriva da mitologia grega. Momo, ou Momus, era o deus do ridículo. Mordaz, irreverente e atrevido, criticava Zeus — o deus dos deuses —, por não ter criado uma janela no peito humano onde se pudesse ver os sentimentos.

Sua petulância lhe rendeu a expulsão do Olimpo, morada dos deuses.

Zeus, o soberano deus grego, não conseguiu conviver com Momus, e ao receber críticas sistemáticas, tratou de desalojar do Olimpo aquele que se opunha à suas idéias.

É mesmo complicado, caro leitor, relacionar-se com quem não nutre simpatia por nossa figura.

Como confiar em alguém que sabemos não sentir afeição por nós?

Porém, forçoso admitir que em nossa vida não trocamos experiências apenas com quem nos ama; ao contrário, muitas vezes estamos inseridos dentro de um ambiente onde não somos bem aceitos e, no entanto, a vida, de uma forma ou outra, nos impele a ter esse contato.

E a natureza, em sua sabedoria, nos oculta sentimentos e pensamentos alheios, por saber que ainda não somos capazes de conviver tranqüilamente com adversários sentimentais.

Será que teríamos condições de manter a serenidade, se, por exemplo, fôssemos forçados

a conviver com alguém que não nos aprecia, e lêssemos em suas fibras íntimas, com toda nitidez; esses sentimentos?

Através da lei das afinidades, conseguimos captar onde somos mais ou menos queridos, isso é verdade, contudo, daí a ver e saber com toda clareza à antipatia que este ou aquele mantém por nós vai uma grande distância.

O ideal seria que nos preocupássemos apenas com nossos sentimentos e pensamentos em relação ao semelhante.

Todavia, ainda nos guiamos pelo sentimento que os outros nutrem em relação a nós.

Se gostam de mim, gosto também.

Se me tratam bem, retribuo o bom tratamento.

É a antiga cultura do olho por olho, dente por dente.

Apenas criaturas com o senso moral mais desenvolvido conseguem manter a serenidade e tranqüilidade diante daquele que lhe atira pedra.

Amadurecidas, já são senhoras de suas atitudes. Sem importarem-se com os sentimentos que o mundo tem em relação a elas, preocupam-se com o sentimento que elas têm em relação ao mundo.

Amam mesmo quando não são amadas, tratam com afeição mesmo quando são espezinhadas.

Diferente de Zeus, o eminente médico e político, que viveu na transição do século XIX para o século XX, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, se constitui em uma dessas figuras que amam mesmo quando são criticadas.

O chamado Médico dos Pobres, político de ilibada reputação, mesmo criticado por seus opositores da política, que não conseguiam compreender suas idéias voltadas ao bem coletivo, amou a todos, dedicando grande parte de sua existência a socorrer os aflitos de todos os matizes, independente de lhe admirarem ou não.

Assim são as criaturas amadurecidas: amam sem se importarem se são ou não amadas, sentem-se realizadas ao fazerem o bem desinteressadamente.

Nós também atingiremos esse patamar; cedo

Wellington Plasvipel

Natal no Hospital Psiquiátrico "Allan Kardec"



Esse ano o Natal começou mais cedo no Hospital...

Fizemos a comemoração no dia 17 de dezembro, com a entrega das camisetas, num total de 379, balas, biscoitos e sucos.

Como sempre, a alegria foi geral. Iniciamos os festejos com o tradicional "Parabéns pra você", com letra especial dedicada a Jesus, o dono do Natal.

"Parabéns pra Jesus!

O Natal é o Seu dia

E o que nós desejamos

É muita Paz e Alegria"

Nessa oportunidade, queremos agradecer a todos que colaboraram com mais essa Campanha das camisetas.

Que Jesus os abençoe, dando-lhes

Thermutes Lourenço



O CAFÉ TIO PÉPE,
nos seus 21 anos, agradece à
Família Espírita
pelo seu indispensável apoio

Rua Estevão Leão Bourroul, 1622 - CEP 14400-750
Franca - SP - Brasil - fone: (16) 3722-0050
e-mail tiopepe@francanet.com.br
www.cafetiopepe.com.br

HISTÓRIA DA UNIFICAÇÃO EM FRANCA: do Grêmio Espírita à USE

O objetivo deste artigo é demonstrar como começou a Unificação em Franca e como surgiu a USE local, destacando a importância do Grêmio Espírita, o trabalho valoroso de Tomás Novelino e Agnelo Morato. A História da Unificação do Movimento Espírita de Franca não se resume a este modesto trabalho.

O “Grêmio Espírita de Franca” foi fundado no dia 25 de fevereiro de 1943, na sede do Centro Espírita Esperança e Fé. Reuniram-se os senhores Agnelo Morato, Mário Nalini, Genésio Martiniano, João Alves da Silva e Antônio Carlos de Abreu, com o fim de fundarem uma agremiação espírita. Na reunião de fundação do Grêmio, Agnelo Morato, em rápidas palavras, pôs em evidência o significado daquela reunião, salientando assim a grande responsabilidade a uma iniciativa de objetivos tão elevados, como a que os presentes se propunham a realizar. Terminando a palestra, ele consultou os presentes, se estavam mesmo no firme propósito de fundar uma agremiação espírita, armando cada um com as responsabilidades decorrentes daquele ato. Era fundado o Grêmio Espírita de Franca, com a seguinte Diretoria: Presidente — Agnelo Morato; secretário — Genésio Martiniano, e tesoureiro — João Alves da Silva.

Na reunião do Grêmio Espírita de Franca, de 29 de abril de 1943, foi proposto pelo Sr. Mário Nalini a elaboração de um Estatuto e também a fundação de uma escola dominical. O Sr. Agnelo Morato achou por bem nomear, de acor-

do com a Diretoria do Grêmio, um dos membros, para fazer palestras nos centros espíritas da cidade. Nascia em Franca a idéia da Unificação, na medida em que haveria uma troca de oradores entre as Casas Espíritas, ou melhor, o “Grêmio Espírita” enviaria um orador para visitar os Centros Espíritas, quatro anos antes da fundação da USE - União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

Na reunião do dia 19 de agosto de 1943, o Sr. Antônio Carlos de Abreu apresentou uma norma de conduta extraída da Revista Espírita, onde o codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, deixou impresso os deveres de todos aqueles que, com seu exemplo, pretendem guiar a humanidade para um futuro mais promissor, cuja norma de conduta se traduz, nas seguintes palavras: Trabalho, Solidariedade e Tolerância. Essa sublime norma ficou também como lema do Grêmio, aprovada na reunião por unanimidade, e ela era lida em toda reunião como prece de abertura dos trabalhos.

Uma das finalidades do Grêmio era a visita aos centros espíritas de Franca e região. Podemos dizer que ele foi o embrião do movimento de unificação em Franca. Sobre esse assunto, encontramos na ata da reunião do dia 9 de setembro de 1943 o seguinte: “Discutiu-se os assuntos da ordem do dia, ficando aprovada a visita aos Centros Espíritas e a Campanha dos Livros. As visitas foram iniciadas no dia

10, na Liga D'Oeste, onde compareceu a maioria dos sócios do Grêmio, usando da palavra, nessa ocasião, o nosso coordenador”.

Na década de 40, houve uma propagação das idéias espíritas no Estado de São Paulo. Nessa época, os anseios de unificação do Movimento Espírita já despertavam os espíritas para uma mobilização. Surgiram no Estado algumas propostas de Unificação. No ano de 1945 as Entidades Espíritas que se destacavam na capital de São Paulo, a *Sinagoga Espírita Nova Jerusalém*, a *União Federativa Espírita Paulista*, a *Federação Espírita do Estado de São Paulo* e a *Liga Espírita do Estado de São Paulo*, se reuniram e, em comum acordo, decidiram pela criação de um organismo único para promover, em todo o Estado, a unificação do Movimento. No interior do Estado, muitas lideranças receberam com entusiasmo as primeiras propostas de Unificação. Começou-se o cadastramento dos Centros Espíritas, delegados foram constituídos para visitas às casas espíritas e comissões foram formadas. O Dr. Tomás Novelino foi convidado a ser Delegado Regional, para visitar os Centros Espíritas da cidade de Franca e região. Com o trabalho do Dr. Novelino, Franca estava com o Movimento de Unificação e no dia 27 de fevereiro de 1947, a USE/Franca foi criada, sendo Tomás Novelino seu primeiro presidente. No dia 5 de Julho de 1947, o Dr. Novelino e outros

trabalhadores da Unificação fundaram a USE (União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo), no “1º Congresso Estadual de Espiritismo”. A USE/Franca, antes UME (União Municipal Espírita) e UNIME (União Intermunicipal Espírita), foi criada antes da USE Estadual e, com o seu progresso, o Grêmio Espírita de Franca, que sempre apoiou este movimento, deixou de existir.

Em síntese, aí está a história da USE/Franca, tudo realizado nestes 60 anos de sua existência, merecendo, aqui, nossas homenagens aos seus abnegados idealistas que fundaram tão importante instituição, todos já desencarnados, mas, temos certeza, continuando sempre ao nosso lado com os mesmos ideais de sempre, nos ensinando que a USE somos todos nós e que juntos podemos fazer muito mais.

Adolfo Mendonça Júnior

Fonte bibliográfica:

Jornal Encontro, Ano 1, Nº 3 –

Abril de 1981.

Jornal Encontro, Ano 1,

Nº 4 – Maio/Junho de 1981.

Jornal Encontro, Ano 1,

Nº 6 – Agosto/Setembro de 1981.

MONTEIRO, Eduardo Carvalho,

D'OLIVO, Natalino. USE: 50 anos

de unificação. São Paulo:

Edições USE, 1997.

Registro das reuniões filosóficas do

“Grêmio Espírita de Franca”.

In: Livro de Ata do Grêmio

Espírita de Franca, 1943.

“USE/FRANCA: 60 ANOS”

No mês de Fevereiro de 2007 a USE Intermunicipal de Franca (USE/Franca) está comemorando os seus 60 anos de auxílio às Casas Espíritas, aproximando e unindo os espíritas. Para tal, realizará no próximo dia 24 de fevereiro, o evento “USE/Franca: 60 anos”, nas Escolas Pestalozzi Unidade 1, Rua José Marques Garcia, 197, Cidade Nova, Franca/SP. Durante a programação serão homenageados Tomás Novelino, o primeiro presidente da USE/Franca e um dos fundadores da USE (União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo), e Agnelo Morato, durante muitos anos representante de Franca e região, nas reuniões da USE em São Paulo; também será lembrada a história do Grêmio Espírita de Franca, o embrião da USE/Franca, e como nossa USE foi criada. O Presidente da USE

(União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo), José Antônio Luiz Balieiro, participará do evento fazendo uma palestra sobre o tema “60 Anos da USE”.

A USE é a entidade coordenadora e representativa do Movimento Espírita estadual, ela não é um Centro Espírita, mas a soma dos Centros Espíritas do Estado de São Paulo. A USE tem por finalidade unir as Sociedades Espíritas, difundir o Espiritismo no seu triplice aspecto: científico, filosófico e religioso, para realizar trabalhos que por sua natureza não possam ser realizados isoladamente pelas Casas Espíritas.

A USE possui órgãos que viabilizam a unificação nas regiões do Estado. Na Capital, os Centros Espíritas se reúnem em torno das

USEs Distritais. No interior, temos, as USEs Intermunicipais, que reúnem Centros Espíritas de cidades circunvizinhas e as USEs Municipais que reúnem Centros Espíritas de uma mesma cidade. A USE/Franca viabiliza a união e a unificação do Movimento Espírita local. O Estado é dividido em mais de 20 regiões, ou USEs Regionais, e a USE Regional de Franca abrange as USEs Intermunicipais de Batatais, Franca e Pedregulho.

Atualmente a USE/Franca reúne em seus quadros 77 sociedades espíritas, as quais lutam com o mesmo ardor, apresentam uma soma de serviços prestados à comunidade em geral nas mais variadas formas de assistência. A USE/Franca auxilia as Casas Espíritas a cumprir seus objetivos, oferecendo-lhes vários serviços, cursos, seminários e palestras. Ela tem um site na internet (www.usefranca.org.br) e o jornal Encontro.

O evento “USE/Franca: 60 anos” reviverá um passado não muito distante com algumas lembranças das atividades de Unificação e apresentação de algumas canções que marcaram os 60 anos da história da USE/Franca, como o “Hino Allan Kardec” e a “Canção da Alegria Cristã”.

Programação:

Dia 24/2/07

Sábado (Tarde)

14h – Abertura: Antônio Carlos Essado.

14:10h – Apresentações artísticas.

14:20h – Histórico do Grêmio Espírita de Franca: José Maria Alves.

14:40h – Palestra: “Tomás Novelino, discípulo de Eurípedes Barsanulfo”:

Cleber Rebello Novelino (Franca/SP).

15:40h – Intervalo.

16h – Apresentações artísticas.

16:10h – Palestra “Agnelo Morato, apóstolo da Comunicação e da Unificação”:

Alcir Orion Morato. (Franca/SP).

17:15h – Prece.

Sábado (Noite)

19:30h – Apresentações artísticas.

19:50h – Histórico da USE/Franca: Adolfo de Mendonça Junior.

20:10h – Memórias das atividades de Unificação: Felipe Salomão.

20:30h – Palestra “60 Anos da USE”: José Antônio Luiz Balieiro (Ribeirão Preto/SP).

22h – Encerramento

USE/Franca: 60 anos



Dia 24 de Fevereiro de 2007 - Horário: 14h; 19:30h
Local: Escolas Pestalozzi UNIDADE 1
Rua José Marques Garcia, 197 - Cidade Nova - Franca/SP

Temas:

“Tomás Novelino, o discípulo de Eurípedes Barsanulfo”, por Cleber Rebello Novelino (Franca/SP), Médico e Diretor da Fundação Educacional Pestalozzi.

“Agnelo Morato, apóstolo da Comunicação e da Unificação”, por Alcir Orion Morato (Franca/SP), e filialista do Jarral A Nova Era e Diretor do Centro Espírita Esperança e Fé.

“60 Anos da USE” por José Antônio Luiz Balieiro, fundador da Franca/SP, ree de atualmente em Ribeirão Preto/SP. Presidente da USE - União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo.

Evento em comemoração aos 60 anos da USE/Franca

U. S. E.

www.usefranca.org.br

Forças psíquicas no passe

A medida que se vulgarizam e recebem aceitação as terapias alternativas, objetivando a saúde real, a técnica do amor ganha prestígio, por constatar-se que o fulcro de irradiação do pensamento mantém estreito intercâmbio com a emoção. Quanto mais expressiva a quota de amor, irradiando-se em forma de energia positiva, mais favoráveis se fazem os resultados terapêuticos nos tentames de auxílio ao próximo.

O amor lúcido carrega forças plenificadoras que robustecem as áreas psíquica, emocional e física daquele a quem é dirigido.

Sendo a chave simbólica para a solução do mais intrincados problemas, ele exterioriza simpatia em sucessivas ondas de renovação que penetram o paciente, revigorando-o para o prosseguimento dos compromissos assumidos.

A canalização do amor é decorrência do pensamento que se sensibiliza pela emoção, exteriorizando força psíquica complementar, que se dirige no mesmo rumo da afetividade.

Toda vez que Jesus foi convocado a curar, procurou despertar o suplicante para a responsabilidade da saúde, para o compromisso com a vida. Invariavelmente, interro-

gava-o, se queria realmente curar-se, após cuja anuência, mediante o toque o amor. Ele recuperava os órgãos afetados, restabelecendo a harmonia no ser, cuja preservação, a partir daí, dependia do mesmo.

Tocando o doente, suavemente, sem complexidades no gesto, desejando e emitindo o pensamento curador, alongando-se, psiquicamente

Toda vez que Jesus foi convocado a curar, procurou despertar o suplicante para a responsabilidade da saúde, para o compromisso com a vida.

até o necessitado onde estivesse, o seu amor reabilitava, recompunha, liberava, sarava, enfim.

A incontestável força da mente ora demonstrada em inúmeras experiências de laboratório, decorre da sua educação e da canalização que se lhe oferece, favorecendo alcançar o alvo ao qual se dirige.

O sentimento de amor que o comanda é complemento essencial para o logro da finalidade a que se destina. Não obstante, na terapia através dos passes, além da energia mental e do sentimento de afetividade, são inestimáveis outros recursos que lhe formam e definem a qualidade superior.

Referimo-nos às aspirações

íntimas, aos anseios emocionais que devem vigor em todo aquele que se candidata ao labor da transfusão da bioenergia curadora.

O pensamento exterioriza o somatório das vibrações do psiquismo e, como é natural, torna-se indispensável que essas sejam constituídas de recursos positivos e saudáveis, sem as pesadas cargas

deletérias dos vícios e dependências perturbadoras.

Cada qual é o que cultiva; exterioriza aquilo que elabora. Não há milagre transformador de caráter vicioso, num momento produzindo energias salutares, que não existem naquele que pretende improvisá-las. Todo recurso é resultado do esforço e a força psíquica se deriva dos conteúdos das ações realizadas.

Quem, portanto, deseje contribuir na terapia socorrista mediante os passes, despreocupe-se das fórmulas e das aparências, perfeitamente dispensáveis, para cuidar dos recursos morais, espirituais que devem ser desenvolvidos em si mesmo.

Tabaco, alcoólicos, drogas adi-

tivas são grandemente perniciosos aos pacientes que lhes recebem as cargas de natureza tóxica. Igualmente, as emanções do desregramento sexual, dos distúrbios de comportamento emocional, da intriga, da maledicência, do orgulho, do ódio e seus famanazes, tornam-se de caráter destrutivo, que irão agravar o quadro daqueles que se lhes submetem.

Na terapia pelos passes, torna-se imprescindível a sintonia do doador com o passivo, a receptividade do paciente em relação ao agente, sem o que, os resultados se tornam iníquos, quando não decepcionantes.

A pedra que não tem poros, após milênios mergulhada no oceano, ao ser partida, apresenta-se seca no seu interior. Ame-se e cure-se, quem deseje participar da solidariedade humana, no ministério do socorro aos enfermos, a fim de melhor ajudar.

Exteriorize o amor e anele firmemente pela saúde do próximo, deixando-se penetrar pela energia divina de que se fará instrumento e, exteriorizando-a com a sua própria vibração, atenda os irmãos enfraquecidos na luta, caídos na jornada, desorganizados nas paisagens do equilíbrio.

*Manoel Philomeno de Miranda (espírito)
Psicografia de Divaldo Pereira Franco*

Amigos e confrade: anotem os nossos novos números telefônicos:



(16) 2103-3000

e

(16) 2103-3003

Lembre-se de seus amigos e seja lembrado por eles!

LIVRO ESPÍRITA:

presente ideal. Você encontra na

Livraria A Nova Era

Fone: (16) 2103-3003



AUTO CENTER
Funilaria - Pintura e Cristalização

Parceria com sua Seguradora

Tecnologia de Ponta... Saída do Trevo Franca/Patrocínio Paulista - Km 1
Qualidade e Preço, é só aqui
Bitão Tel. (16) 3701-6500

Xororó
ARTIGOS DE PESCA E LAZER

Av. Presidente Vargas, 127
Av. Orlando Donaghi, 2090
Franca - SP
Tels.: (0**16) 3723-8446 e
3704-2236



FÁBIO LIPORONI

Fluente de Contabilidade
e suas ações

Encaminhamento de
Assentamento e Pensões

TRAVESSA HIGINO ARCHETTI, SALA 17
CENTRO - CEP 14440-720 - FRANCA-SP



A visão espiritual sobre o suicídio

"A vitória da vida não consiste tanto no ganhar suas batalhas, como em saber sofrer suas derrotas" (P. C. Vasconcelos Jr. "In" - "Pensamentos").

O suicídio é o resultado do nosso desequilíbrio espiritual. Quando o cidadão perde o controle das suas forças psíquicas, torna-se alvo das trevas (dos maus espíritos), e acaba caindo no tremendo calabouço do suicídio. Há pessoas que chegam às portas do suicídio levadas pela ignorância das leis naturais da causa e do efeito. Algumas pessoas cometem o suicídio quando tangidas por doenças incuráveis ou quando atingem idade avançada. Não querem ser pesadas para as suas famílias e nem passarem por muitos sofrimentos. Essas pessoas não estão bem conscientes do aspecto espiritual de suas ações. Ignorando a Lei Maior da Vida Eterna, acham que podem estancar os achaques da velhice e que também podem interromper os seus sofrimentos, saindo desta existência pelas portas trágicas do suicídio. Entretanto, meus amigos, ninguém pode exercer o papel de Deus. Ele nos dá a vida, aqui no planeta Terra, e sabe, muito bem, o momento de nos transferir para o Plano Maior. Essas pessoas devem saber que o nosso Espírito, ao ingressar no corpo mais denso, por si mesmo escolheu as experiências cármicas para o seu burilamento íntimo. Nestas circunstâncias, durante nossas lutas, nossas provas e expiações, no planeta que nos acolheu, temos que batalhar até o fim, até a última gota de nossas forças. Temos que lutar até o fim, valendo-nos de todos os recursos para nossa sobrevivência. Só mesmo Deus,

nosso Criador, pode fixar o momento da nossa partida. Sabemos que todas as vezes que ocorre o suicídio, o Espírito deverá retornar para reaprender aquela experiência interrompida, ou seja, precisará voltar em outra existência e passar de novo pela mesma prova ou algo similar. A prova pode não ser tão extremada como a que experimentou na existência anterior, porque parte dela já foi vivenciada, entretanto, o Espírito precisará resgatar, até o último centil, as provas que se lhe antolham e que foram ocasionadas pelo suicídio. As leis da ação e da reação funcionam como um sistema de pesos e medidas. A situação, assim, fica bem mais complicada, porque o suicídio nada resolve, pelo contrário, é circunstância tremendamente agravante. Meus amigos, a morte física não resolve os problemas que se ligam às nossas responsabilidades. Nossos problemas de ordem sentimental, de ordem social ou de quaisquer naturezas, por certo, temos que resolvê-los e saná-los, aqui e agora, à luz da mais santa paciência e do trabalho incansável. Não tentemos fugir dos problemas porque eles nos seguem, como a sombra segue o nosso próprio corpo.

Sim, doí-nos o coração quando, em trabalhos mediúnicos, temos a oportunidade de constatar a situação de penúria e de angústia dos irmãos que se suicidaram. Abre-se uma exceção para os irmãos que cometeram o suicídio tangidos por doenças mentais ou por desequilíbrios bioquímicos. Aludidas pessoas estariam com sua capacidade de decidir comprometida. Então, quando passam para o outro lado, acordam em uma espécie de abrigo onde recebem o auxílio de que precisam para o restabelecimento. Entretanto, não deixam de responder pela gravidade da falta

cometida.

E podemos aduzir mais: que a natureza de uma alma a leva a crescer e a aprender. Por isso mesmo, trazemos, para a nossa existência terrena, determinadas situações que precisamos superar ou para as quais precisamos buscar o equilíbrio. Se nos dessemos conta de que, no plano terreno, é normal vivenciarmos algum tipo de sofrimento, seja físico, mental ou emocional; e de que o suicídio não eliminaria essa condição, acreditamos que haveria menos casos de pessoas tirando suas próprias existências. Precisamos nos conscientizar sobre o erro do suicídio e sempre acentuar a responsabilidade que temos de viver plenamente, porque a Vida, em síntese, é uma só, e as existências, neste plano-terra, são os degraus que devemos escalar. Se quebrarmos algum degrau, por certo teremos que descer de novo e reconstruí-lo. A queda, em qualquer circunstância, é sempre mais dolorosa.

Lembre-mo-nos sempre e procuremos vivenciar, "ab imo corde", os valiosos ensinamentos do Eminentíssimo Guerreiro-Filósofo Napoleão Bonaparte, (1769 usque 1821):

"Tão valente é aquele que sofre corajosamente as dores da alma como o que se mantém firme diante da metralha de uma bateria. Entregar-se à dor; sem resistir; matar-se e eximir-se à mesma dor, é abandonar o campo de batalha antes de ter vencido".

Domério de Oliveira

O outro lado da festa

Os preparativos para a grande festa estão sendo providenciados há meses.

As escolas de samba preparam, ao longo do ano, as fantasias com que os integrantes irão desfilar nas largas avenidas, em meio às arquibancadas abarrotadas de espectadores.

Os foliões surgem de diversos pontos do planeta, trazendo na bagagem um sonho em comum: "cair na folia".

Pessoas respeitáveis, cidadãos dignos, pessoas famosas, se permitem "sair do sério", nesses dias de carnaval.

Trabalhadores anônimos, que andam às voltas com dificuldades financeiras o ano todo, gastam o que não têm para sentir o prazer efêmero de curtir dias de completa insanidade.

Malfeitores comuns se aproveitam da confusão para realizar crimes nefastos, confundidos com a massa humana que pula freneticamente.

Jovens e adultos se deixam cair nas armadilhas viscosas das drogas alucinantes.

Esse é o lado da festa que podemos observar deste lado da vida. Mas há outro lado dessa festa tão disputada: o lado espiritual.

Narram os Espíritos superiores que a realidade do carnaval, observada do além, é muito diferente e lamentavelmente mais triste. Multidões de Espíritos infelizes também invadem as avenidas num triste espetáculo de grandes proporções. Malfeitores das

trevas se vinculam aos foliões pelos fios invisíveis do pensamento, em razão das preferências que trazem no mundo íntimo.

A sintonia, no Universo, como a gravitação, é lei da vida. Vive-se no lugar e com quem se deseja psiquicamente. Há um intercâmbio vibratório em todos e em tudo. E essa sintonia se dá pelos desejos e tendências acalentados na intimidade do ser e não de acordo com a embalagem exterior.

E é graças a essa lei de afinidade que os espíritos das trevas se vinculam aos foliões descuidados, induzindo-os a orgias deprimentes e atitudes grotescas de lamentáveis consequências.

Espíritos infelizes se aproveitam da onda de loucura que toma conta das mentes, para concretizar vinganças cruéis planejadas há muito tempo.

Tramas macabras são arquitetadas no alémtúmulo e levadas a efeito nesses dias em que momo reina soberano sobre as criaturas que se permitem cair na folia.

Nem mesmo as crianças são poupadas ao triste espetáculo, quando esses foliões das sombras surgem para festejar momo.

Quantos crimes acontecem nesses dias!... quantos acidentes, quanta loucura!...

Enquanto nossos olhos percebem o brilho dos refletores e das lantejoulas nas avenidas iluminadas, a visão dos espíritos contempla o ambiente espiritual envolto em densas e escuras nuvens criadas pelas

vibrações de baixo teor.

E as consequências desse grotesco espetáculo se fazem sentir por longo prazo. Nos abortos realizados alguns meses depois, fruto de envoltórios levianos, nas separações de casais que já não se suportam mais depois das sensações vividas sob o calor da festa, no desespero de muitos, depois que cai a máscara...

Por todas essas razões vale a pena pensar se tudo isso é válido. Se vale a pena pagar o alto preço exigido por alguns dias de loucura.

Os noticiários estarão divulgando, durante e após o carnaval, a triste estatística de horrores, e esperamos que você não faça parte dela.

Você sabia?

Você sabia que muitas das fantasias de expressões grotescas são inspiradas pelos espíritos que vivem em regiões inferiores do além?

É mais comum do que se pensa, que os homens visitem esses sítios de desespero e loucura durante o sono do corpo físico, através do que chamamos sonho.

Enquanto o corpo repousa, o espírito fica semiliberto e faz suas incursões no mundo espiritual, buscando sempre os seres com os quais se afina pelas vibrações que emite.

Assim, é importante que busquemos sintonizar com as esferas mais altas, onde vivem espíritos benfeitores que têm por objetivo nos ajudar a vencer a difícil jornada no corpo físico.

Textos extraídos do livro: *Chico Xavier, casos inéditos, de Weimar Muniz de Oliveira*

Chico Xavier e a Flor de Manacá



O Chico é um ser emocionante, eis a expressão que melhor traduz a sua personalidade.

Situa-se ele para muito além da dimensão que se possa conceber.

Muito haverá que se falar de Chico, no futuro, além do que agora se fala.

Casos sobre ele e relacionados com ele multiplicar-se-ão quase ao infinito.

Muitos há ignotos e, desses muitos, alguns vêm à tona de quando em vez.

O narrado em frente é um deles. E, dada a pureza e simplicidade de linguagem da principal protagonista, Maria Helena Falcão dos Santos, advogada e esposa de meu prezado colega, magistrado Clodoaldo Moreira dos Santos, ora na inatividade, transcrevo-o "ipsis litteris":

"Há dezesseis anos, mais precisamente no dia 13/4/75, sofri o maior golpe da minha vida.

Tinha verdadeira adoração por minha mãe. Nossa afinidade era muito grande.

Na manhã daquele dia fatídico, estava eu fazendo a mamadeira para o meu filho caçula, quando o neto mais velho de minha inesquecível

mãe e que com ela morava chegou em minha casa gritando: "Tia, a vovó está morrendo!"

Sem acreditar, pois a tarde do dia anterior ela tinha passado comigo e estava bem, corri até a sua casa, que era perto da minha, e a encontrei já sem fala, deitada em sua cama.

Peguei-a nos braços e, chegando ao alpendre da casa, pedi a um vizinho, que ia passando de carro, que, pelo amor de Deus, nos levasse

ao Hospital Santa Helena.

No banco de trás do carro eu sentia que todo o mundo desabava sobre mim. Minha santa mãe, com seus lindos olhos azuis, me fitava com todo o carinho que lhe era peculiar.

Eu, em desespero, passava a mão em sua cabeça e rezava.

De repente, ela estremeceu e aquela luz tão forte, que emanava de seus lindos olhos azuis, desapareceu. Os olhos ficaram opacos, sem vida.

Minha adorada mãe tinha acabado de desencarnar em meus braços.

Entrei em desespero e nada mais fiz conscientemente. Disseram-me, depois, que, na hora do sepultamento, tiveram que me tirar à força de cima do caixão.

Sofri demais. Não conseguia tirar da minha mente seus olhos opacos, sem o brilho que tanto os embelezava.

Com o passar dos anos, lendo muitas obras espíritas e cuidando de meu amado pai que, depois de três anos de sofrimento no leito, também retornou ao Além, pude ter outra visão do mundo, das pessoas, da morte. Porém, persistia em mim a lembrança sofrida dos olhos sem vida de minha mãe.

Acalentava o sonho de um dia ver o médium Chico Xavier.

Há seis anos, dez depois do

desenlace de minha adorada mãe, fui surpreendida com o telefonema de uma amiga, dizendo que o Chico estava em Goiânia e que estaria na Colônia Santa Marta, às 13 horas.

Fiquei muito feliz e pensei: hoje vou realizar o meu sonho de vê-lo! Pelo menos de longe!...

Troquei rapidamente de roupa e, ao sair de casa, senti um desejo incontrolável de pegar uma florzinha do pé de manacá que minha mãe adorava e havia plantado para mim. Peguei a florzinha e, fechando-a na mão, dirigi-me para a Colônia.

Ao ver Chico Xavier passar por mim, fui invadida por forte emoção e senti um desejo muito grande de falar com ele. Vi que ele se sentou em uma cadeira e as pessoas, que eram muitas, formavam fila para cumprimentá-lo. Entrei na fila. Sentia a florzinha na minha mão, que eu conservava fechada, e algo me dizia que continuasse assim. O Chico estendia a mão e cumprimentava um a um. Quando chegou a minha vez, para meu espanto, ele, cabisbaixo, estendeu a mão para mim, só que com a palma virada para cima, como à espera de que nela fosse colocado algo. Eu, imediatamente, sem saber porquê, coloquei em sua mão a florzinha de manacá, que só eu sabia estar fechada em minha mão. Ele, ainda com a cabeça baixa, abriu o paletó e me encarou. Sentia eu uma grande emoção. Meu rosto estava banhado pelas lágrimas. Queria dizer alguma coisa, mas não conseguia. Ele, então, me disse:

"Minha filha, os olhos dela brilham mais que a água marinha mais pura que possa existir neste planeta!" E olhava para o meu lado, como se visse alguém.

Eu, que já estava totalmente embargada pela emoção, entendi que ele estava vendo minha adorada mãe, ali, a o meu lado, mais viva do que nunca, e que os olhos opacos e sem vida, cuja lembrança tanto me doía e fazia sofrer, não existiam.

Dominada por intensa emoção, afastei-me daquele santo homem, sem dizer uma palavra, mas com a

Guardemos o cuidado

... mas nada é puro para os contaminados e infiéis.
(Paulo. Tito, 1:15)

O homem enxerga sempre, através da visão interior.

Com as cores que usa por dentro, julga os aspectos de fora.

Pelo que sente, examina os sentimentos alheios.

Na conduta dos outros, supõe encontrar os meios e fins das ações que lhe são peculiares.

Daí, o imperativo de grande vigilância para que a nossa consciência não se contamine pelo mal.

Quando a sombra vagueia em nossa mente, não vislumbramos senão sombras em toda parte.

Junto das manifestações do amor mais puro, imaginamos alucinações carnavais.

Se encontramos um companheiro trajado com louvável apuro, pensamos em vaidade.

Ante o amigo chamado à carreira pública, mentalizamos a tirania política.

Se o vizinho sabe economizar com perfeito aproveitamento da oportunidade, fixamo-lo com desconfiança e costumamos tecer longas reflexões em torno de apropriações indébitas.

Quando ouvimos um amigo na defesa justa, usando a energia que lhe compete, relegamo-lo, de imediato, à categoria dos intratáveis.

Quando a treva se estende, na intimidade de nossa vida, deploáveis alterações nos atingem os pensamentos.

Virtudes, nessas circunstâncias, jamais são vistas.

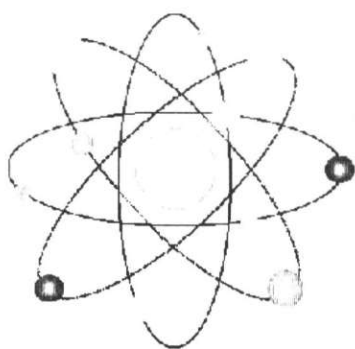
Os males, contudo, sobram sempre.

Os mais largos gestos de bênção recebem lastimáveis interpretações.

Guardemos cuidado toda vez que formos visitados pela inveja, pelo ciúme, pela suspeita ou pela maledicência.

Casos intrincados existem nos quais o silêncio é o remédio benedito e eficaz, porque, sem dúvida,

"A ciência infatigável procura, agora, a matéria-padrão, a força origem, simplificada, da qual crê emanarem todos os compostos, e é nesse estudo proveitoso que ela própria, afirmando-se atéia, descrente, caminha para o conhecimento de Deus."



Que ciência é essa?

Encarando-o por uma perspectiva puramente cultural, o Espiritismo é filho da era científica. No plano religioso, ele se apresenta como o desenvolvimento histórico do Cristianismo. Numa visão espiritual, é a III Revelação do processo judeu-cristão, prometida pelo próprio Cristo, para quando os homens estivessem em condições de compreendê-lo.

Esta colocação do problema espírita é suficiente para mostrar sua complexidade e, ao mesmo tempo, revelar a leviandade dos que procuram denegri-lo sem o conhecer. Proponho-me a tratar aqui do problema específico da Ciência Espírita, essa desconhecida. Mas, como é natural em se tratando de doutrina tão complexa e admiravelmente estruturada, serei obrigado, de vez em quando, a me referir aos problemas de outras áreas, que se ligam à questão científica.

Muitas pessoas me perguntam, quando me refiro a essa questão: "Que ciência é essa?" Em geral, considera-se o espiritismo como uma espécie de seita religiosa. Entre os próprios espíritas, fala-se muito em Ciência Espírita, mas ninguém sabe explicar

do que se trata. É natural que isso aconteça, num país em que só agora o nível cultural do povo está se elevando, o que não permitiu o real desenvolvimento dos estudos espíritas, sempre realizados de maneira canhestra, sem o método e o rigor necessários. Mas, o tempo chegou, e nele estamos, em que as imprecisões e as confusões devem ser superadas o mais depressa possível.

Não tenho a pretensão de ser mestre no assunto, mas estou seguro de conhecê-lo o suficiente para corresponder à confiança dos amigos do Jornal Espírita, que me convidaram a tratar do assunto. Tudo farei para acertar e me considerarei muito feliz, se os leitores quiserem me ajudar com suas sugestões e suas correções, no caso de algum deslize. No Espiritismo, somos todos aprendizes e devemos ajudar-nos mutuamente, sem vaidade e sem melindres, se quisermos tocar com a ponta dos dedos a fimbria da túnica da Verdade. Vamos aos fatos.

Parece-me bastante clara a posição de Kardec, ao afirmar que as Ciências, até o seu tempo, só tratavam de questões materiais, deixando às religiões os problemas espirituais. Essa anomalia chegou até os nossos dias, apoiada em pressupostos filosóficos, como os do criticismo de Kant, que negavam a possibilidade de conhecermos racionalmente as questões fundamentais do espírito. Mas agora, as coisas se modificaram, diante dos resultados surpreendentes do avanço científico do nosso século. E o importante é que esses resultados confirmam o acerto de Kardec, ao tratar

da necessidade de uma Ciência do Espírito que, segundo ele afirmava, deve andar de mãos dadas com a Ciência da Matéria.

A lógica de Kardec é irretorquível. Toda a realidade que conhecemos decorre de um processo dialético produzido pela relação constante e a universal interação de espírito e matéria. Nada é só espírito e nada é só matéria. Desde o átomo até às galáxias, às constelações no Infinito, o Universo conhecido se apresenta como o resultado da ação do espírito sobre a matéria e da reação desta sobre aquele. É um equívoco a luta ideológica entre Materialismo e Espiritualismo. A Ciência, no pleno sentido do termo, não pode limitar-se apenas a um dos aspectos da realidade.

Essa posição de Kardec seria suficiente para mostrar a grandeza do seu gênio, mas os homens de ciência, apegados a uma terminologia rígida, entenderam que Kardec se enganava, tomando o que chamavam de força ou energia por espírito, além disso, convencidos de que os problemas espirituais pertenciam ao passado supersticioso da humanidade, revoltaram-se com a pretensão de Kardec e passaram a tratá-lo como um visionário.

Um século depois, vemos a Ciência da Matéria tocando, com os dedos trêmulos de Tomé, as chagas da verdade crucificada, que ressuscita em seu corpo espiritual. Naturalmente, há resistência no campo científico e os sabichões (como Richet os classificou) continuarão ainda por muito tempo

a bater a cabeça contra o muro da evidência. Mas, o número de cientistas que aceitam hoje a tese de Kardec (mesmo sem conhecê-la) aumenta sem cessar em todo o mundo, até mesmo as áreas do materialismo estatal. Chegará o momento, já bem próximo, em que os sabichões também terão de curvar-se ante a verdade evidente.

A Ciência Espírita não tem por finalidade combater ou superar a Ciência da Matéria, mas apenas dar-lhe as mãos para um trabalho em conjunto. As questões científicas não se resolvem com palavras, através da pesquisa. E a pesquisa científica não pode furtar-se à realidade dos seus próprios resultados.

As conquistas mais recentes da pesquisa científica material levaram a cultura do século a uma encruzilhada decisiva. O fantasma do Espiritismo, que só assustava as religiões, está agora transformando os laboratórios científicos em casas mal-assombradas. Mas, como os cientistas em geral não acreditam em assombrações, nem tem o Diabo, é de esperar-se que o fantasma seja bem sucedido nessas incursões. Os verdadeiros cientistas acabarão fazendo-se amigos e companheiros desse intrujão. Como previu Sir Oliver Lodge, homens e espíritos passarão a trabalhar juntos.

J. Herculano Pires

Extraído do site: www.feesp.com.br

Necessidade de estudo de Kardec para discernimento doutrinário

Há muitas confusões, feitas intencionalmente ou não, entre o Espiritismo e numerosas formas de crença popular, inclusive as formas de sincretismo religioso afro-brasileiro, hoje largamente difundidas. Adversários da doutrina espírita costumam fazer intencionalmente essas confusões, com o fim de afastar do Espiritismo as pessoas cultas. Por outro lado, alguns espíritas mal-orientados, que não conhecem a própria doutrina, colaboram nesse trabalho de confusão, admitindo como doutrinárias as mais estranhas manifestações mediúnicas e as mais evidentes mistificações.

Alguns leitores se mostram justamente alarmados com a larga aceitação que vem tendo, em certos meios doutrinários, práticas de Umbanda e comunicações de Ramatis. E nos escrevem a respeito, pedindo uma palavra nossa sobre esses assuntos. Na verdade, já escrevemos numerosas crônicas tratando da necessidade de vigilância nos meios espíritas, de maior e mais seguro conhecimento dos nossos princípios, e apontando os perigos decorrentes do entusiasmo fácil, da aceitação apressada de certas inovações. Mas, para atender às solicitações, voltaremos hoje ao assunto.

Kardec dizia, com muita razão, que os adeptos demasiado entusiastas são mais perigosos para a doutrina

do que os próprios adversários. Porque estes, combatendo o que não conhecem, evidenciam a própria fraqueza e contribuem para o esclarecimento do povo, enquanto os adeptos de entusiasmo fácil comprometem a causa. O que estamos vendo hoje, no meio espírita brasileiro, não é mais do que a confirmação dessa assertiva do codificador. Espíritas demasiado entusiastas estão sempre prontos a receber qualquer "nova revelação" que lhes seja oferecida, e a divulgá-la sofregadamente, como verdades incontestáveis. Que diferença entre o equilíbrio e a ponderação de Kardec e essa afoiteza inútil e prejudicial!

No tocante à Umbanda, já dissemos aqui, numerosas vezes, que se trata de uma forma de sincretismo religioso, ou seja, de mistura de religiões e cultos, com a qual o Espiritismo nada tem a ver. As formas de sincretismo religioso são, praticamente, as nebulosas sociais de que nascem as novas religiões. A Umbanda já superou a fase inicial de nebulosa, estando agora em plena fase de condensação. É por isso que ela se difunde com mais intensidade. Já se pode dizer que é uma nova religião, formada com elementos das crenças africanas e indígenas, misturados a crenças e formas de culto do catolicismo e do islamismo em franco desenvolvimento entre nós. O Espiritismo não participou da sua formação, embora os nossos sociólogos, em geral,

exatamente por desconhecerem o Espiritismo, digam o contrário, pois confundem o mediunismo primitivo, de origem africana e indígena, com os princípios de uma doutrina moderna. Nós, espíritas, devemos respeitar na Umbanda uma religião nascente, mas não podemos admitir confusões entre as suas práticas sincréticas e as práticas espíritas.

Quanto às mensagens de Ramatis, também já tivemos ocasião de declarar que se trata de mensagens mediúnicas a serem examinadas. De nossa parte, consideramo-las como mensagens confusas, dogmáticas, vazadas na linguagem típica dos espíritos pseudo-sábios, a que Kardec se refere na escala espírita de O Livro dos Espíritos. Cheias de afirmações absurdas, e até mesmo contraditórias, essas mensagens revelam uma fonte que devia ser encarada com menos entusiasmo e com mais cautela pelos espíritas. Em geral, nossos confrades se entusiasma com "as novas revelações" aparentemente contidas nas mesmas, esquecendo-se de passá-las, como aconselhava Kardec, pelo crivo da razão.

O que temos de aconselhar a todos, pelo menos a todos os que nos consultam a respeito, é mais leitura e mais estudo de Kardec, e menos atenção a espíritos que tudo sabem e a tudo respondem com tanta facilidade, usando sempre uma linguagem envolvente, em que nem todos sabem dividir a verdade do erro. "O Espiritismo", dizia Cairbar Schutel, "é uma questão de bom-senso". Procuremos andar de maneira sensata, na aceitação de mensagens mediúnicas.

J. Herculano Pires

Extraído do site: www.espirito.com.br

Crianças índigo

"As crianças índigo estão chegando. Preparadas na espiritualidade, estão nascendo por toda parte. Sua missão é ajudar a construir um mundo novo. Questionadoras, percebem as verdadeiras intenções e as fraquezas dos adultos e os enfrentam de igual para igual, sem temer rejeições. A partir da década de 80, elas começaram a chegar, mais e mais. São crianças espetaculares. Elas estão chegando para ajudar na transformação social, educacional, familiar e espiritual de todo o planeta, independente das fronteiras e de classes sociais. São como catalisadores para desencadear as reações necessárias para as transformações. Elas possuem uma estrutura cerebral diferente no tocante ao uso de potencialidades dos hemisférios esquerdo (menos) e direito (mais). Isso quer dizer que elas vão além do plano intelectual, sendo que no plano comportamental está o foco do seu brilho. Elas exigem do ambiente em volta delas certas características que não são comuns ou autênticas nas sociedades atuais."

O texto acima sugere uma citação de obra espírita. Mas não é. Ele é parte do livro Crianças índigo, escrito pelos norte-americanos Jan Tober e Lee Carroll e publicado no Brasil pela Editora Butterfly, com tradução de Yma Vick. Nesse livro, que é best-seller nos

Estados Unidos e já foi traduzido para vários idiomas, "pais, educadores e psicólogos encontram tudo o que precisam saber para identificar e entender as crianças índigo e para conviver com os futuros líderes de um mundo em transformação".

Uma das estudiosas entrevistadas no livro é Nancy Ann Tape, a primeira pesquisadora a identificar e a escrever sobre o fenômeno. Segundo ela, "índigo" seria a "cor azul" que ela vê ao redor dessas crianças, que ela classifica em quatro tipos diferentes de índigos e cada um tem uma proposta. A seguir, um resumo de cada categoria.

O primeiro grupo é o dos índigos humanistas, que trabalharão com as massas e serão os futuros advogados, professores, vendedores, executivos e políticos. São hiperativos e extremamente sociais. Vêm depois os índigos conceituais, mais aptos para projetos do que para pessoas. Serão os futuros engenheiros, arquitetos, projetistas, astronautas, pilotos e oficiais militares. O terceiro é o grupo dos índigos artistas, muito mais sensível e freqüentemente menor em tamanho, embora isso não seja uma regra geral. São mais fortemente ligados às artes, criativos e serão os futuros professores e artistas. Caso optem pela medicina, serão cirurgiões ou pesquisadores. A última categoria é integrada pelos

índigos interdimensionais, que costumam crescer mais do que os outros índigos; de acordo com a pesquisa, na faixa de 1 a 2 anos de idade não se pode dizer nada para eles, porque responderão: "Eu já sei. Eu posso fazer isso. Deixe-me sozinho". Trarão novas filosofias e espiritualidade para o mundo.

Essas crianças estão abalando as estruturas dos modelos atuais de família e de ensino (público e privado), porque os adultos estão sendo forçados a mudar sua postura, interagindo democraticamente com elas, enquanto que o sistema educacional terá de ser radicalmente modificado para atender as características especiais dessas crianças, que também influirão nas futuras gerações de profissionais e nas instituições religiosas, porque os índigos usam preferencialmente o hemisfério direito do cérebro, responsável pela intuição e pelas emoções.

Esses estudos e pesquisas sobre as crianças índigo estão de acordo com a Doutrina Espírita, sobretudo no que se refere à transformação da Terra de um orbe de expiação e provas para um mundo de regeneração. A propósito, no último capítulo de A Gênese, tratando exatamente da geração nova, Allan Kardec analisa detalhadamente a mudança que está sendo operada em nosso planeta, dizendo que os homens serão felizes quando aqui só existir bons Espíritos, encarnados e desencarnados, voltados à prática do bem. Os Espíritos endurecidos irão encarnar em mundos inferiores ou entre raças terrestres atrasadas, que eles ajudarão a evoluir levando seus conhecimentos adquiridos. Simultaneamente serão substituídos por Espíritos melhores, que implantarão na Terra o reino da paz, da justiça e da fraternidade. Isso não ocorrerá através de um cataclismo devastador, que aniquilasse subitamente uma geração, mas a mudança já está ocorrendo de modo gradual e naturalmente, pois em cada criança que nasce está encarnando um Espírito mais adiantado e propenso ao bem.

Em suma, do ponto de vista espírita podemos concluir que as crianças índigo são esses Espíritos referidos por Kardec, encarregados de transformar a Terra em um mundo de regeneração. Quem merecer reencarnar aqui, comprovará isso pessoalmente!

Eliseu F. da Mota Jr.
Extraído da Revista RIE de dezembro/2006

Lançamento



As crianças índigo estão chegando. Preparadas na espiritualidade, estão nascendo por toda parte. Sua missão é ajudar a construir um mundo novo. Questionadoras, percebem as verdadeiras intenções e as fraquezas dos adultos e os enfrentam de igual para igual, sem temer rejeições. Neste livro — traduzido para vários idiomas, best-seller nos Estados Unidos — pais, educadores e psicólogos encontram tudo o que precisam saber para identificar e entender as crianças índigo e para conviver com os futuros líderes de um mundo em transformação.

Adquira já o seu na Livraria A Nova Era.
(16) 2103-3003

Prece de Cáritas

DEUS, nosso Pai, que sois todo poder e bondade, dai força àquele que passa pela provação; dai luz àquele que procura a verdade; ponde no coração do homem a compaixão e a caridade. Deus, dai ao viajor a estrela guia; ao aflito a consolação; ao doente o repouso. Pai, dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, ao órfão o pai. Senhor, que a vossa bondade se estenda sobre tudo que criastes. Piedade, Senhor, para aqueles que não vos conhecem, esperança para aqueles que sofrem. Que a Vossa bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda parte a paz, a esperança e a fé. Deus, um raio, uma faísca do Vosso amor pode abrasar a terra. Deixa-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita e todas as lágrimas secarão, todas as dores acalmar-se-ão. Um só coração, um só pensamento subirá até Vós como um grito de reconhecimento e amor. Como Moisés sobre a montanha, nos Vós esperamos com os braços abertos, oh! Poder... oh! Bondade... oh! Beleza... oh! Perfeição, e queremos de alguma sorte alcançar a Vossa misericórdia. Deus, dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até Vós. Dai-nos a caridade pura; dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará de nossas almas o espelho onde deve refletir a Vossa Santa e Misericordiosa imagem.

Mme. W. Krill.
Ditado pelo Espírito Cáritas. 25 de dezembro de 1873.

POLITEÍSMO

A crença no poder e ação de vários deuses tem suas origens no começo da humanidade. Neste período, os homens fenômenos que, para eles, eram sobrenaturais, e como incapazes que eram de entendê-los, e muito menos produzi-los, responsabilizaram entidades com poderes bem superiores aos seus, pela sua consecução. Por outro lado, como os fenômenos espíritos sempre estiveram presentes nestas, como em todas as épocas da humanidade, eram, para esta humanidade nascente, manipulados pelos mesmos deuses. Além disso, aquelas pessoas mais perspicazes, os gênios de então, ou aquelas que detinham poderes misteriosos, médiuns, por exemplo, após seu desencarne foram, por eles, transformados, também, em deuses.

Assim, como nos diz Kardec, ao comentar a resposta da questão 668 do Livro dos Espíritos, o termo "deuses" tinha um âmbito bastante elástico — "Não era, como em nossos dias, uma personificação do Senhor da Natureza, e, sim, uma qualificação genérica dada a todo ser colocado fora das condições de humanidade." O que, na verdade, há, é simples questão de terminologia: deuses para eles são espíritos para nós. Sendo os espíritos, como nós, encarnados, criaturas mais ou menos evoluídas, detentoras dos tipos mais diversos de paixão, os antigos deuses manifestavam, também, vícios. O estudo das entidades pagãs nos indica claramente que elas têm os mesmos atributos dos nossos espíritos, obedecendo aquela escala espírita incluída nas questões de n. 96 a 113 d'O Livro dos Espíritos. Tudo o que hoje sabemos do estado físico dos espíritos nos mundos mais avançados, as propriedades do perispírito tão exaustivamente estudadas e debatidas por nós; sua ação desde os fenômenos até nas coisas mais triviais do nosso planeta, era imaginado, se bem que sem as minúcias da atualidade, pelos politeístas. Daí idearem para seus deuses uma mistura de poderes divinos com paixões humanas, e não serem concebidos como entidades superiores, puras; grande parte deles, na verdade, apresentavam mais vícios do que virtudes.

E o que são, ainda, os santos da Igreja Católica, senão espíritos de uma certa superioridade, ou deuses de antanho? Mero problema de palavras. O que diferencia as respostas dadas pelos politeístas, pelos católicos, e por nós, espíritas, são as interpretações: enquanto que para os dois primeiros a questão toma

muito mais o aspecto misterioso e miraculoso, para o terceiro, que estuda os fenômenos sem preconceitos e superstições, há um universo novo que se descortina, plenamente explicável, claro, cujos estágios mais sublimes são perfeitamente acessíveis a qualquer um de nós.

Com o passar do tempo, a crença politeísta foi-se aproximando; tanto que ao chegar na Antiga Grécia era bastante sofisticada, com cultos, rituais, cerimônias bem fundamentados e organizados. Havia toda uma estrutura lógica, séria na mitologia grega. Esta nos apresentava um deus para cada fenômeno incompreensível, e dos quais não pressentiam senão os efeitos. Assim, tínhamos como deus do céu: Urano; da Terra: Ge; do Sol: Hélios; do inferno: Hades; do mar: Poseidon; do vento: Éolo; do tempo: Crono; do amor: Eros; da guerra: Ares; da agricultura: Demeter, etc, etc. Como dissemos, todos detinham paixões humanas, eram, antes de tudo, subornáveis, não só pelo ouro, mas por rituais, cerimônias e preces, como muitos de nós ainda fazemos. E foi justamente aí que entrou o interesse humano. Lá, também, havia espertinhos, exploradores da ingenuidade dos mais simples, e que se aproveitavam das dádivas mais valiosas aos deuses, transferindo-as para eles. Passaram, por interesse próprio, a estimular a crença e as ofertas, afim satisfazer os deuses, contanto que o lucro fosse seu. Como em todas as épocas da humanidade, e em todos os seus múltiplos aspectos, político, religioso, comercial, os atravessadores eram o que mais faturavam. Mas a seu lado havia os homens esclarecidos e de espírito arguto, bem intencionados, que notavam todas essas aberrações, desde o politeísmo até os excessos cometidos pelos sacerdotes. Diz-se, inclusive, que o politeísmo era crença para a população em geral, enquanto que os mais esclarecidos, mais bem aquinhoados, intelectualmente, eram iniciados em determinada ordem secreta, que praticava o monoteísmo. Assim, conclui-se que para espíritos mais ignorantes era necessária ainda a crença em vários deuses, não aceitariam sem muita resistência e até guerra, visto que esta e religião eram intuítos primordiais, a pretensa imposição do monoteísmo. Além disso, como vimos, era interessante, para uma minoria dominadora, mantê-los rústicos, para seus objetivos escusos. Entretanto, secretamente, era mantida, por espíritos de alto nível, encarnados, a crença no Deus único. Nada disso, porém, empana o esplendor dessa fase; foi uma das mais profícuas da

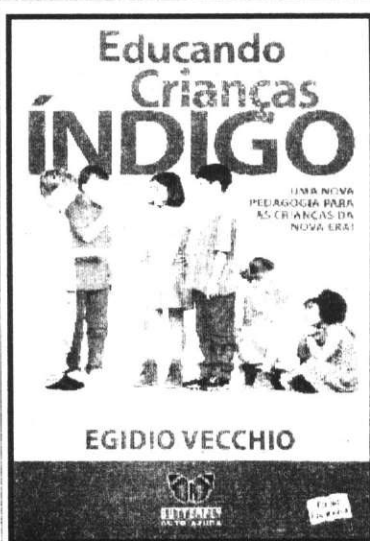
humanidade, e dela, a bem dizer, originou-se toda a nossa civilização ocidental. Esse período histórico vai marcar nossa política, nossa justiça, nossa filosofia e nossa arte. Concluimos, por isto tudo, que não deve-se simplesmente descartar o politeísmo como algo atrasado, indigno de estudos e considerações, por seremos monoteístas, e, assim, superiores.

Notamos, portanto, como em tudo na humanidade, os degraus de evolução, ou seja: primeiramente o politeísmo grosseiro, baseado exclusivamente no medo e na ignorância; depois, aquele bem mais apurado, produto de uma inteligência bem mais desenvolvida; mais tarde, a eclosão do monoteísmo, com um só comando rigoroso, vingativo, irascível e até parcial, isto é, antropomórfico; finalmente, a revelação, por nosso irmão maior, Jesus Cristo, de que o Comandante não era um general, mas um pai, aliás, O Pai, portanto, sem ódio, rancor, vingança e parcialidade. Lamentavelmente, os espertinhos estavam mais uma vez de sobreaviso, e o eterno interesse lucrativo, mesquinho, deturpou esta imagem bela, pura, mais que isso, verdadeira, e transformaram novamente Deus num ser vingativo e rancoroso, que prodigalizava castigos eternos por males cometidos por seus filhos, fossem mínimos ou máximos, a menos que se pagasse para que isto não ocorresse. A Codificação do Espiritismo veio resgatar a idéia inicial trazida pelo Mestre, a do Pai de Amor. Não mais imposições, injunções, punições, mas as exaltações da responsabilidade de cada um de nós. Nós é que nos impomos as obrigações e sofrimentos, e daí sermos os únicos responsáveis por punições ou recompensas; portanto, estes efeitos não provêm de Deus, mas de nós, que já somos bem crescidinhos para assumir responsabilidades. Outro aspecto importantíssimo que a Doutrina Espírita veio nos trazer é a do Deus imaterial, destituído totalmente do antropomorfismo, imaginável para nossa inteligência, ainda pequenina. Pois o Criador do Universo não pode absolutamente ter a imagem de suas criaturas.

Assim, "A conclusão pela existência do Deus único não poderia ser senão o resultado do desenvolvimento de seu (da humanidade) pensamento." (L.E. 667)

Vemos assim o imenso caminho percorrido nos vários e vários milênios, nos quais elaboramos nosso princípio evolucionista espiritual; desde os primeiros arroubos do raciocínio, ao imaginar entidades superiores misturadas com paixões inferiores, até alcançarmos a compreensão de que somos os artífices de nosso futuro.

Alcir Orion Morato



Lançamento

Quem são as crianças índigo que estão nascendo por todo parte e que tratam os adultos de igual para igual? Por que são tão questionadoras e rebeldes? Como educá-las e como desenvolver seus potenciais? Como discipliná-las para que cresçam saudáveis e integradas à família e à sociedade? Este livro, único no seu gênero — além de responder a essas e a muitas outras perguntas —, propõe uma educação voltada para os índigos. Trata-se de uma inédita Pedagogia de Valores, apropriada a essa geração, hoje considerada o embrião de uma nova humanidade. Pais, educadores e todos aqueles que convivem com esses jovens precisam deste verdadeiro manual, não apenas para entendê-los melhor, mas para encaminhá-los na direção da felicidade.

Adquira já o seu na Livraria A Nova Era.
(16) 2103-3003

Colabore!
Seja assinante
do Jornal
A Nova Era
R\$ 30,00 anual
Ligue:
(16) 2103-3003

Número 2020
Ano LXXX
Franca — SP — Brasil

MARÇO
2007

A NOVA ERA

Fundado por José Marques García em 15 de novembro de 1927

Impresso
Especial

1.74.18.1051-2-DR/SPI
Allan Kardec

...CORREIOS...

Órgão mensal de
divulgação espírita

www.jornalanovaera.com.br

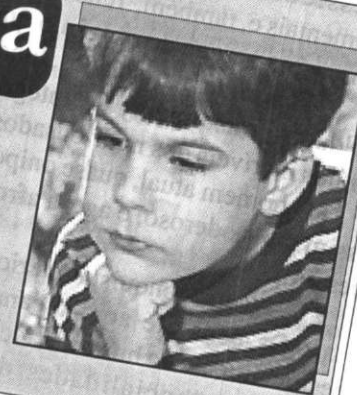
Servir a Deus e a Mammon

De que modo pode o homem viver a riqueza ou a miséria sem atritar com a lei divina? Este tema de muita importância e atualidade é enfocado no nosso EDITORIAL



Simpatia versus antipatia

Como entender as espontâneas manifestações da simpatia ou antipatia de espíritos para espíritos? Nosso articulista *João Batista Vaz* aborda essa questão com profundidade à página 7



Pedagogia Espírita: ferramenta ideal para melhorar o mundo

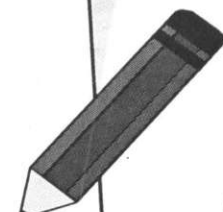


Dentre as várias ideologias pedagógicas, a educação calcada na Doutrina dos Espíritos desponta em sua importância como fórmula adequada a conduzir os terráqueos a uma desejada transformação moral.

Leia matéria à página 6

Leia também...

- Civilização/selvageria
- Chico na memória de cada um
- As penas futuras segundo o Espiritismo
- O Diabo, inimigo dos demônios
- Mensagem aos espíritos
 - Jóias devolvidas
 - Boa vontade e simpatia
 - Vítimas da época
- Curiosidade sobre a arte musical
 - A volta da Página Infantil
 - Ecos do Além
 - Parábola da semente
 - A música e o aborto



Não se pode servir a Deus e a Mamom

Começou o homem sua presença na Terra como um estranho, titubeante, agredido pela natureza. Usou e desenvolveu sua inteligência para sobreviver.

Sobrevivendo, sobrepujou e submeteu os elementos, gradativamente. O ser esquivo das cavernas alcançou o controle, dominou e pôs a seu serviço todos os recursos do mundo.

É o homem, sem dúvida, o grande conquistador da Terra!

Isto lhe possibilitou, multiplicando-se, estender e cobrir toda a extensão do planeta, vasculhando-lhe os seus mais íntimos escaninhos.

Orgulhamo-nos de nosso *status* humano.

Ainda ecoa aos nossos sentidos físicos o alarido dessa vitória exterior, como se fôramos senhores absolutos do orbe. Temos curvados, submissos diante de nós, os reinos da natureza:

— Os animais, nos alimentando, sustentando e emprestando-nos sua força;

— Os vegetais, suprimindo as nossas necessidades energéticas, medicamentosas, ornamentais e, também, renovando-nos a atmosfera, como usina perene de oxigênio que é;

— Os minerais, isolados, fundidos, temperados, moldados, misturados, desintegrados, realizam os sonhos incríveis dos mais ousados visionários!

O homem atual, quase onipotente, onipresente, assim tão poderoso, é agora afrontado por um novo desafio:

— A sua conquista interior!

Os bens até aqui alcançados distribuem-se desigualmente na humanidade.

As potencialidades das regiões também diferem.

As possibilidades intelectivas favorecem minorias em detrimento das massas.

Alastra-se a intranquilidade, a insatisfação, a inveja, a cupidez, a cobiça, a falsidade, a hipocrisia, a mentira, a violência, como meios falsamente compensatórios dessas diferenças.

O homem, apegado às suas conquistas materiais, desconhece ainda ser a vida física uma fração transitória, que funciona como alavanca em prol de metas definitivas.

Mamom: Deus da riqueza, entre os sírios. Nos Evangelhos, se designa o demônio da riqueza e os demônios em geral. A riqueza aqui considerada, em termos evangélicos, não se conta apenas em bens materiais. A cultura, os talentos artísticos, a saúde, a beleza física, etc., ainda que sejam conquistas do espírito, têm a mesma neutralidade da fortuna e, tal como esta, carece de uma destinação que o livre-arbítrio de cada um há de consagrar!

Seus esforços desesperados frustram-se quando não consegue harmonizar-se com os semelhantes; forçando-o à pesquisa de novas fórmulas, procurar outras opções.

É quando, voltando sobre si mesmo, redescobre a Mensagem do Rabi Nazareno:

"Meu reino não é deste mundo".

— E, coincidentemente, sentindo a falência das forças físicas, compreende ser tão somente imortal, como espírito;

— que os bens materiais não lhe acompanham quando deixa a vida terrena;

— que os verdadeiros valores, aqueles que lhe pertencem deveras, contam-se tão somente nas qualidades morais que haja adquirido, e no bem que tenha realizado;

— que a sua riqueza material, ilusória, é temporária. Esse empréstimo que a Providência lhe proporcionou para realizar o progresso também pode lhe causar dissabores quando não devidamente utilizado.

Conta o rico sempre com as benesses, a aprovação de seus atos, ao contrário de outras provas onde a crítica, a censura, sempre os expõe às retaliações e conseqüentes corrigendas.

Não obstante todas essas dificuldades, as riquezas, se superadas, maiores méritos trarão àquele que, em bem utilizando esses valores, soube cumprir os preceitos evangélicos.

Daí a afirmação do Cristo:

"É mais fácil passar um camelo no fundo da agulha do que entrar um rico no reino dos céus!"

Encarando a prova da riqueza sob o prisma da reencarnação, podemos afirmar que uma prova assim tão difícil não seria escolhida espontaneamente por espíritos fracos, como freqüentemente assistimos.

Como espíritas, não crendo no acaso, perguntamos:

— Que razão levaria a Providência, usando criaturas aparentemente despreparadas, a fazê-las enfrentar o testemunho da riqueza?

Ora, sabemos que a riqueza tem normalmente três origens principais:

A herança, o trabalho e a desonestidade.

Em qualquer delas houve um acúmulo de bens.

Estes, como elementos neutros, não são bons e nem maus, mas poderão ser bem ou mal utilizados, gerando, com isso, realizações positivas ou negativas que irão refletir o caráter de seu autor.

Também, como no caso da avareza, nada de bom é realizado.

Deixada a herdeiros, estes poderão minorar ou agravar o compromisso do mau servidor, pela destinação que lhes venham conferir.

Contudo, isso não lhes diminuirá a responsabilidade, pois continuam carentes desse aprendizado.

Dessa maneira, a Eterna Misericórdia do Pai não lhes negará uma nova oportunidade de resgate.

Sem dúvida, podemos mesmo afirmar não ser impossível à mesma criatura que imprevidentemente acumulou riqueza improdutiva, vir em nova encarnação tentar lhe conferir outra destinação.

Feliz pois aquele que, integrado nas suas responsabilidades, consegue fazê-lo a contento.

O resgate (aprendizado) permanece até o último ceitil.

É também de se conjecturar que em alguma reencarnação intermediária o mau servo da parábola venha a vivenciar a prova da miséria, aprendendo, pela privação, a valorizar os bens materiais como meios de alcançar o progresso espiritual.

"... mas ao que não tem, será tirado até aquilo que tem!" — assegurando-se assim melhor êxito na futura encarnação, em que a fortuna lhe voltar às mãos.

Portanto, não há maior mérito em se recusar prova semelhante, pois somente enfrentando as circunstâncias que a vida nos oferece realizaremos satisfatoriamente nosso aprendizado.



REDAÇÃO

Rua José Marques Garcia, 675
Caixa Postal, 65

Propriedade da Fundação Espírita "Allan Kardec" CEP 14401-080 - FRANCA - SP BRASIL
FONES (0XX16) 2103-3000 - 2103-3003
FAX (0XX16) 2103-3002

Este Jornal é democrático. Site do Jornal: jornalanovaera.com.br
Contudo, os artigos E-mail - editora@kardec.org.br
assinados não exprimem, jornal@kardec.org.br
necessariamente, a sua opinião. Assinatura anual: R\$ 30,00

ESCOLAS **PESTALOZZI**®
Uma boa educação é para sempre.

Unidade I - 3711-0100 - Unidade II - 3720-0050
Conservatório Musical e Escola de Dança - 3722-2807



anglo
SISTEMA DE ENSINO

Educação Infantil
Ensino Fundamental
Ensino Médio

www.pestalozzi.com.br

Ecos do além

O espiritismo cresce, aumenta sua influência sobre pessoas de alta renda e garante boa audiência na televisão. Ao mesmo tempo, mais celebridades acreditam em reencarnação e na comunicação com "entidades"

Os espíritos estão em todo lugar. Basta ligar a TV. Na novela *O Profeta*, eles dão o poder da premonição ao protagonista Marcos, interpretado por **Thiago Fragoso** — e uma antecessora recente, *Alma Gêmea*, que era sustentada por uma história de reencarnação, rendeu a maior audiência de uma novela das seis em dez anos. Em *Páginas da Vida*, a falecida Nanda (**Fernanda Vasconcellos**) visita o pai, Alex, papel de **Marcos Caruso**, e a filha com síndrome de Down, Clara. Nos canais fechados, então, há uma onda de séries sobre o sobrenatural. São 14, fictícias ou documentais, que exploram a reencarnação e a comunicação com outras almas. Uma delas, *Ghost Whisperer*, estreou nos Estados Unidos em 2005 com 11,4 milhões de espectadores. No Brasil, este ano, tem sido o programa mais visto no horário. O que também vale para *Psychic Detectives*.

Aqui, a crença em entidades do além é amparada principalmente pelo espiritismo e a onda vem acompanhada de uma mudança de perfil da religião. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o espiritismo tem hoje 20 milhões de adeptos — cresceu 40% em cinco anos, principalmente nos Estados mais ricos e escolarizados. Quem professa essa fé tem renda 150% superior à média nacional, e 52% ganham mais de cinco salários mínimos. Estes novos seguidores valorizam as explicações racionais para a vida após a morte. 'A leitura e a meditação se tornam mais importantes do que as sessões de mesa branca e as operações sem anestesia', afirma a antropóloga **Sandra Jacqueline Stoll**, da Universidade Federal do Paraná.

Com a mudança de perfil e o sucesso do assunto na mídia, não é de espantar que mais celebridades estejam declarando sua crença em espíritos. É o caso de **Juliana Paes**, **Raica Oliveira**, **Cleo Pires**, **Rosi Campos**, **Marcos Caruso**, **Carlos Vereza**, **Paola Oliveira** e **Samara Felippo**. A casa Lar de Frei Luiz, no Rio, é uma das que recebem várias celebridades toda semana. 'Carlos Vereza é um dos nossos conselheiros, e sempre vêm aqui **Elba Ramalho**, **Joanna**, a **Alcione**, **Toni Garrido**, **Cissa Guimarães**', diz a presidente, **Helena Mussi Gazolla**.

'Fiquei muito impressionado com os livros de **Allan Kardec**, com as apresentações lógicas e claras sobre nossa evolução espiritual. Ele explica muito bem esse conceito tão antigo que é a reencarnação', diz **Caio Blat**. Bem de acordo com essa nova tendência, o ator procura conciliar as explicações do fundador da doutrina espírita com a espiritualidade oriental do taoísmo. 'Sou seguidor de **Lao Tsé** e tento conciliar a busca por ser zen com a explicação racional do espiritismo', afirma. Algo parecido com o que o guru indiano **Deepak Chopra** tenta fazer em seu novo livro — mas seguindo o caminho inverso. Em *Life after Death: the Burden of Proof* (Vida após a Morte: o Fardo da Prova), Chopra defende sua fé na reencarnação e, a partir dela, busca explicações científicas para o fenômeno. Com a diferença de que, em geral, as religiões orientais não acreditam na comunicação direta com espíritos.

MEDIUNIDADE NATURAL

Allan Kardec era o pseudônimo do pedagogo francês Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869). Em 1857, ele sistematizou suas pesquisas sobre a comunicação com o além na obra *O Livro dos Espíritos*, o primeiro de seus cinco trabalhos que propõem uma explicação sobre para onde vamos depois da morte. Nos anos seguintes, o espiritismo saiu de moda na Europa, mas encontrou um terreno fértil no Brasil. Hoje somos o maior país espírita do mundo. 'Sou um devoto, acredito nas responsabilidades pelo que fazemos, que voltamos numa vida futura e que eu posso voltar melhor ou pior, dependendo do que faço aqui. Assim, encaro melhor a minha presença nesta vida', diz o ator **Marcos Caruso**. 'A divisão entre os mundos físico e espiritual não existe. Para mim, o mundo é um só', afirma **Thelma Guedes**, uma das autoras de *O Profeta*.

LINHA DIRETA

'Minha bisavó já era espírita, minha mãe se comunicava com entidades. Acredito que existem outras vidas e as pessoas se comunicam com muita força quando estão morrendo', diz o ator **Jorge Lored**. Há ainda quem se declare médium. 'Fui desenvolvendo a mediunidade de forma natural', afirma a atriz **Rosi Campos**, que interpreta uma cartomante em *O Profeta*. 'Quando cheguei ao centro espírita, eu não sabia se iria conseguir essa conexão. As pessoas é que mitificam, mas, se você acredita, não tem nada de anormal.'

Por **Tiago Cordeiro**

Extraído da Revista "Quem acontece" do mês de novembro/06

Carol Castro

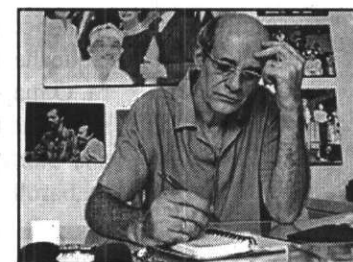
'Fui batizada, fiz a primeira comunhão, mas não freqüento a Igreja Católica. Quando eu era pequena, fui muito a um templo budista. Minha mãe morou no Japão dos 4 aos 9 anos e tem uma relação forte com a religiosidade oriental, que ela me transmitiu desde pequena. Minha mãe é astróloga, taróloga e terapeuta corporal. Ela se comunica com espíritos, já psicografou um livro do escritor **Camilo Castelo Branco**. Sou budista. Acredito em uma força maior e tenho certeza de que todos nós reencarnamos; temos várias vidas após a morte.'



Acredito que os espíritos voltam para ajudar ou atrapalhar as pessoas

Quando eu era criança, eu via muitos espíritos. Aos 3 anos, cheguei em casa falando que tinha visto Jesus. Minha mãe ligou na escola para reclamar que a professora estava influenciando minha formação religiosa, mas ninguém tinha falado nada sobre Jesus para mim. Aos 6 anos, contei para a minha mãe que, em uma vida passada, eu morei em um castelo e tinha uma mãe que fumava. O nome dela era Marcela. Todos daquela minha família morreram de febre. Na mesma época, vi a avó da minha mãe e saí correndo, assustada. Depois contei para ela e descrevi o vestido que o espírito estava usando. E era o vestido favorito dela. Com o tempo, você perde essa pureza de criança e deixa de ver coisas assim. Fui me desligando, mas ainda hoje valorizo muito a intuição, ela me ajuda a fazer as escolhas certas. Quero ser mãe, e vou respeitar e estimular os meus filhos a não perder esse contato com o espiritual. Bloquear as crianças nessa fase tão bonita da vida só vai atrapalhar o desenvolvimento delas.'

Marcos Caruso



'Tenho uma formação inicialmente católica, mas eu me converti ao espiritismo. Passei a ter uma relação muito forte com a filosofia kardecista a partir dos 27, 28 anos. Pauto minha vida pelo que o Evangelho me ensinou. Durante um longo tempo, li *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ia às sessões espíritas, mas praticava a religião católica. Hoje sigo à risca a doutrina espírita, que é a favor da reencarnação. Peguei alguns pontos da filosofia kardecista e levei para a minha vida, como a fraternidade, a humanidade, saber pedir perdão, fazer com que o sucesso aumente minha responsabilidade e não a minha vaidade, essas coisas. Sei que evolui, dos 27 aos 54 anos, pela filosofia espírita. Sou um devoto, acredito nas responsabilidades pelo que fazemos, que voltamos numa vida futura e eu posso voltar melhor ou pior, dependendo de como me comporto aqui. Assim, encaro melhor a minha presença nesta vida.'

Não tenho medo da morte, ela é inevitável, temos de aceitá-la

Eu só me preocupo com o possível sofrimento das pessoas quando elas se aproximam da morte. Nunca fiz regressão porque não me interessa pelo que passou. Tenho uma relação forte com o presente e o futuro.'

Torna-se cada dia mais evidente tudo quanto a doutrina espírita tem afirmado nesses seus 148 anos de vida (estamos no ano 2007).

Não foram os espiritualistas reencarnacionistas que vieram a público fazer tal afirmação, mas sim aqueles que não acreditavam em vida após a vida (na carne). Hoje são dezenas de médicos, psiquiatras, psicoterapeutas que vêm afirmar que seus pacientes revelaram, e de forma inconteste, que foram protagonistas de episódios existenciais ocorridos em outras vidas que não a atual.

É do domínio dos interessados que a TVP (Terapia de Vivências Passadas) corre o mundo todo, curando fobias, traumas psicológicos e muitos males de ordem psíquica, tanto em adultos quanto em crianças.

Queremos, nesta oportunidade, referir-nos às recordações de vidas passadas vividas por crianças.

Um livro nos chamou a atenção porque a sua autora era uma céptica em matéria de reencarnação e nunca havia imaginado entrar em processo hipnótico e ser conduzida à recordação de outras vidas. Queremos nos referir à norte-americana Carol Bowman e a seu livro "Crianças e suas vidas passadas", com prefácio de Brian Weiss, médico psiquiatra de fama mundial, bastante conhecido no Brasil. Aqui já esteve muitas vezes, e sua fama começou após lançar o livro best-seller "Muitas vidas, muitos mestres", oportunidade para relatar o caso de Catherine, uma de suas pacientes.

Carol Bowman também viveu, após entrar em estado hipnótico, episódios de vidas passadas, e com facilidade. Ela escreveu que se uma criança descreve, com tanta convicção, apesar de toda a inocência, haver vivido antes, serenamente descreve a sua morte e a sua viagem de volta à vida carnal, dá testemunho inequívoco de uma verdade insofismável: somos almas imortais, já vivemos e continuaremos sempre a viver. Afirma peremptoriamente que essas lembranças das crianças se constitui na maior evidência da reencarnação. Em outras palavras, ela quer dizer: os espíritos estão certos! Ali-

Vale a pena crer em Deus



ás, sempre estiveram.

Para esta escritora, quando uma criança fala espontaneamente de suas vidas passadas, sem serem colocadas em estado hipnótico, estão, na verdade, dando aos pais conselhos práticos para que eles reconheçam a existência da reencarnação, e que as ajudem a se curarem de seus medos através das revivências de certos fatos ocorridos no passado, os quais estão repercutindo negativamente em suas vidas, hoje. Pedem ajuda de seus responsáveis diretos, e de uma forma pouco comum, ainda.

Todo o processo de crença absoluta na reencarnação começou, para Carol, quando seu filho caçula Chase, principalmente, demonstrava um intenso terror, um medo fóbico de barulho de tiros, de fogos estourando, estrondos fortes, etc. Resolveu, após conselhos de uma amiga, procurar um hipnoterapeuta para livrar o filho do medo. Causando espanto a todos, o filho recorda ter sido um soldado na Guerra Civil americana, descrevendo fatos com detalhes impressionantes, os quais foram depois devidamente comprovados por um historiador, o que lhe havia acontecido durante a guerra. O mais notável viria após: ele curou-se de sua fobia em seguida à vivência de sua morte na guerra, ocorrida em meio de barulhento e terrível tiroteio.

A partir daí, Carol começou todo um trabalho de investigação das lembranças de vidas passadas em outras crianças, constatando que viveram também as

mesmas experiências verificadas com seu filho. Ela entrevistou pais que também estiveram perplexos diante dos filhos e de seus relatos de vidas passadas. Visitou bibliotecas em busca de autores que tivessem abordado o assunto que a estava fascinando. O resultado foi esse livro com um apreciável manancial de fatos incontestáveis mostrando as crianças descrevendo suas antigas vidas, espontaneamente, e também após serem levadas a uma visualização, fazendo-as entrar em estado de alteração da consciência.

Para não tornar longo este capítulo, deter-nos-emos em um único caso dos muitos registrados por Carol Bowman. Ele se encontra no final de seu livro, assim mesmo o faremos o mais resumido possível. Contudo, ele será mais do que suficiente para qualquer pessoa se convencer da realidade reencarnatória, das muitas vidas do espírito, desde que não seja tão céptica e não alimente tantas dúvidas sobre a nossa imortalidade.

Por mais terrível seja para os pais a morte de sua criança, com a crença na reencarnação essa dor será absorvida rapidamente, não precisando os pais perderem a fé em DEUS, em Sua Justiça e Compaixão pelas Suas criaturas.

A reencarnação oferece uma esperança plausível, a de que a própria criança que "morreu" retorne da "morte" para a vida, na mesma família.

A família Pollack, da Inglaterra, sofreu o que se costuma dizer na Terra uma tragédia inimaginável. Joanna e Jacqueline, de onze e seis anos, respectivamente, foram atropeladas e "mortas" quando estavam andando por uma calçada.

Bem antes do acidente, o pai, John Pollack, um católico convicto, acreditava firmemente na reencarnação. Na sua fé pedia a DEUS que lhe desse uma prova insofismável da reencarnação. Mal sabia ele o que lhe estava reservado, como veremos.

Após o acontecimento trágico, pedia agora a DEUS que lhe devolvesse as filhas.

Em menos de um ano a sua esposa, Florence, fica grávida e John assegurou a todos que as suas filhas iam voltar para a família, e como gêmeas. John contradizia até o ginecologista que afirmava ser a gravidez de apenas um bebê. No dia 4 de outubro de 1958, Florence deu à luz dois bebês, duas gêmeas idênticas, que receberam os nomes de Jennifer e Gillian.

Perceberam, de imediato, que Jennifer, mas não Gillian, tinha duas marcas de nascença — uma linha branca na testa e uma marca marrom na cintura — que correspondiam em tamanho, forma e localização a uma cicatriz e a uma marca congênita que Jacqueline tinha na testa e na cintura. Tal fato era notável, porque, segundo pesquisa do Dr. Ian Stevenson, gêmeas idênticas teriam que ter marcas de nascença idênticas, o que agora não se dava.

Crescidas as meninas, o suficiente para falarem, lembraram detalhes de suas "irmãs mortas", elas que não tinham meios de saber, absolutamente nenhum. Feito um teste pelos pais e parentes, elas identificaram com detalhes brinquedos que haviam pertencido a Joanna e a Jacqueline. Ao visitarem pela primeira vez a cidade onde haviam vivido (os Pollack se mudaram quando as meninas ainda eram bem pequenas), apontaram corretamente para a antiga casa da família, foram até o parque e o playground, tendo descrito a escola e os balanços antes de vê-los.

É um caso com todos os sinais característicos de lembranças de vidas passadas, especialmente as marcas de nascença.

John Pollack acreditava mais e mais em DEUS, ELE lhe havia restituído as filhas como resposta à sua fé e à sua crença na reencarnação. A prova que pedia a DEUS lhe fora concedida de forma incontestável. Vale, pois, a pena crer em DEUS, ou não?

Adésio Alves Machado

Vem dançar — uma versão espírita

Orson Peter Carrara

ASabedoria Divina determinou as experiências evolutivas para alcance do mérito da perfeição. Para isso, o processo das múltiplas existências coloca os espíritos em contato uns com os outros, simultaneamente com os desafios do auto-encontro, para que o amadurecimento complete o curso de aprimoramento de cada espírito.

Referida permuta de experiências entre os espíritos, de diferentes histórias e bagagens, habilidades, conquistas, méritos, deméritos e necessidades, promove esse longo e proveitoso curso de aperfeiçoamento individual e coletivo.

Convido o leitor a assistir o excelente e oportuno filme *Vem Dançar*, com Antonio Banderas, para meditar sobre a construção da dignidade, o alcance dos méritos, a superação das dificuldades e desafios próprios de nossa condição humana. Com a visão espírita que temos, o filme permite fazermos uma comparação mental sobre os sábios métodos da Providência Divina para nos ensinar viver.

Da mesma forma que Deus nos coloca na permuta de experiências para aprendermos uns com os outros, o filme mostra a dedicação de um professor de danças na recuperação de alunos pobres,

rebeldes e delinquentes.

Além de conseguir reerguer a auto-estima dos alunos, integrá-los à sociedade, o filme ensina o respeito, valoriza a dignidade humana e mais: tem o grande mérito de mostrar que todo ser humano precisa de estímulos, além da força interior que todos devemos desenvolver em nós mesmos. Mas, ao mesmo tempo, mostra também a questão da auto-superação, da fé, enfim do estímulo que podemos nos proporcionar mutuamente.

O lado do preconceito inútil, que muitas vezes desenvolvemos uns com os outros, é abordado e mostrado também com muita sabedoria e clareza.

Assistir o filme, com o conhecimento espírita, traz valiosa

oportunidade de refletir sobre os objetivos de Deus. É muito oportuno ser mostrado em grupos de jovens para debates, à luz do Espiritismo, ou mesmo para a educação juvenil, ainda que em ambiente não espírita. Muito bom mesmo. Não deixe de assistir.

Em síntese, você encontrará uma escola dominada pela violência e um grupo de alunos rejeitados, com um professor que assume o trabalho e desafio de recuperar tais alunos, por própria iniciativa pessoal, própria das almas enobrecidas. Baseado em uma história real, não resisti de recomendar com muita ênfase para uso e aproveitamento nos debates e estudos dos desafiadores temas da atualidade, à luz do Espiritismo.



"O reino de Deus é como se um homem lançasse a semente à terra, e dormisse, e se levantasse de noite e de dia e a semente germinasse e crescesse, sem ele saber como. A terra por si mesma produz frutos; primeiro a erva, depois a espiga e por último o grão cheio na espiga.

Depois do fruto amadurecer, logo lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa."

(Marcos, IV, 26-29.)

A terra é um prodígio de fecundidade. É dela que nos vem o alimento, e portanto, o corpo; é dela que nos vem a roupa. Tudo vem da terra; ela produz a erva, faz brotar a espiga, faz nascer e amadurecer o fruto; e, lançada a semente à terra, germina e cresce

sem se saber como!

É assim o Reino dos Céus; Trazido à terra pelo grande semeador, embora estivessem os homens alheios às coisas do céu e presos à terra, a Palavra de Jesus, que é a semente da árvore que dá frutos de Vida Eterna, atirada na obscuridade da Palestina, transformou-se, tornou-se um novo corpo cheio de fortaleza, deu a plântula, subterrânea mais perfeitamente organizada, cuja raiz se introduziu no coração de seus discípulos, e, fendida a terra produtiva, deixou sair a haste que vai crescendo viscosa, saudando a luz, aparecendo aos olhos de todos, com seus reflexos verdejantes da Esperança, que anuncia a produção do oxigênio espiritual indispensável à vida das almas! Com folhas já largamente abertas e flores perfumosas, mostra-se a árvore adulta e luxuriante, tal como fora prevista no Apocalipse pelo Cantor de Patmos; a árvore que serviria para a cura e vida dos Espíritos!

A força secreta que produz todas as transformações orgânicas também produz as transformações psíquicas.

E de onde vem essa força, esse poder? De Deus! E, embora os homens descurem seus deveres, assim como a semente se transforma em árvore,

a semente do Reino de Deus se transforma em reino de Deus pela força do progresso incoercível que domina todas as coisas!

Partindo do "germe", a palavra de Jesus ampliou-se, desenvolveu-se, e, por sua ação, fez desenvolver em seu seio uma genealogia inteira de entes que, diferentes na forma e grandeza, vão constituindo e anunciando a todos o Reino de Deus!

É assim a Semente da Parábola, que tem passado por todos os processos: germinação, crescimento, floração e frutificação, sem que a revelação deixasse um só instante de vivificá-la com suas benéficas inspirações.

A revelação é o influxo divino que ergue e movimenta todos os seres, que os eleva aos cimos da Espiritualidade. O Reino de Deus, substituído até há pouco pelo Reino do Mundo, já está dando frutos de amor e de verdade, que permanecerão para sempre e transformarão o nosso planeta de um inferno hiante em estância feliz, onde as almas encontrarão os elementos de progresso para a sua ascensão à felicidade eterna.

Cairbar Schutel

Extraído do livro *Parábolas e ensinamentos de Jesus*

A música e o aborto

Alemanha 1770, época de pouca tecnologia e poucas oportunidades. Nesse já distante momento, uma senhora infeliz, casada e mãe de 4 filhos, vê mais um motivo para chorar: sua gravidez do quinto filho.

Claro, a primeira coisa que lhe veio a mente foi o aborto; afinal, seu marido estava com sífilis, ela com tuberculose. Seu primeiro filho nascera cego e o segundo morrera; o terceiro nascera surdo e o quarto tuberculoso.

Que destino estava reservado para esse outro?

Certamente que nada de bom o esperava nesse mundo. Sim, o melhor seria mesmo o aborto.

Porém, algo não deixou que ela concretizasse seu intento.

E desde então o mundo deve reverência a essa mãe, pois de seu ventre foi gerado Ludwig van Beethoven – o maior gênio da música de todos os tempos e um dos mais prolíficos compositores.

Dificuldades daquela distante época, carente de possibilidades e oportunidades, frustrações como mãe que não conseguia gerar filhos saudáveis, problemas com o marido...

Imagine o que ia naquele coração!

Dúvidas e temores, medos e incertezas...

Aparentemente tudo conspirava contra ela; tivesse menos perseverança e certamente o mundo não conheceria o talento musical de Beethoven naqueles tempos.

A mãe, mesmo diante das pessimistas idéias, deixou fluir a gravidez e presenteou o mundo com a sensibilidade musical de seu filho.

Por isso, falemos sobre o aborto!

Ao adentrarmos o delicado assunto concernente ao aborto, logo pensamos em suas consequências espirituais e morais, contudo, esqueçamos um pouco esses tópicos para que atentemos em suas nuances sociológicas.

Sim, amigo leitor, o aborto, em todas suas

questões, é um contras senso!

Quando fala-se em legalizar o aborto equivale a descomprometer as pessoas perante suas atitudes. Sim, muito mais fácil livrar-se da gravidez do que assumir sua responsabilidade ante a criança que foi gerada.

E as consequências para a sociedade certamente são funestas, porquanto

Contribui para a proliferação da irresponsabilidade. Quem não assume a responsabilidade de um filho gerado certamente não se comprometerá com questões de cidadania.

Propaga o sexo sem compromisso, convidando as pessoas a se envolverem em relações superficiais e que, não raro, trazem dor, sofrimento e desilusão.

Banaliza a vida, não lhe dando a devida importância, o que muitas vezes pode criar uma cultura animosa e que a longo prazo desembocará em crimes de todas as ordens.

Desvaloriza a família, desorganizando os valores e iludindo as criaturas quanto aos reais sentimentos.

E as reações vêm em cadeia, desorientando pessoas e deteriorando comportamentos, travando o progresso e promovendo a desordem.

Impondo sanções cada vez mais dolorosas às sociedades que se acostumam em comprometer-se com equívocos advindos de uma visão embaçada pelo egoísmo.

O correto seria "legalizar" a educação!

Com educação instala-se a organização.

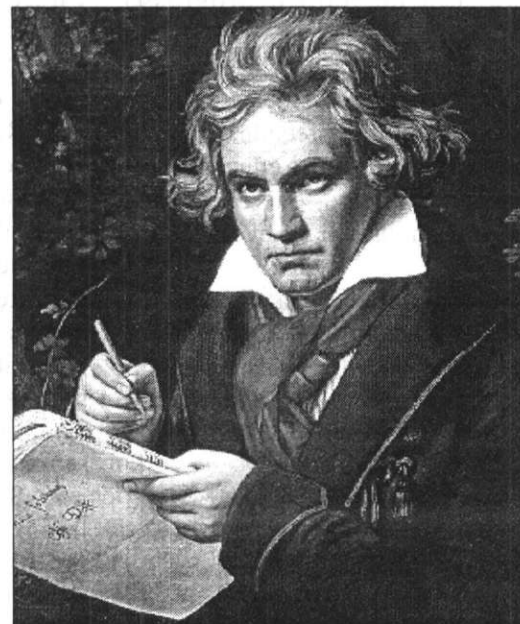
Um ser educado em padrões morais de dignidade arca com a consequência de suas atitudes.

Com educação:

Ninguém sairá da escola sem saber ler e escrever.

Nenhuma criança trocará os bancos escolares pelo trabalho pesado.

Crianças não precisarão ser mães de crianças, porque, instruídas, saberão respeitar cada etapa de sua vida, e se porventura vierem a se precipitar e queimar fases, respeitarão o sagrado direito à vida que assiste a



todos os seres deste planeta.

O aborto é apenas transferência de problema, acréscimo de responsabilidade, cedo ou tarde, se arcará com as consequências das atitudes, sejam elas quais forem.

Tenho certeza de que a história de Beethoven será tema de reflexão para muitos que se simpatizam com a idéia da legalização do aborto.

Amigo (a) leitor (a), o melhor é deixar a vida fluir e a natureza seguir seu curso.

E, certamente, ao deixar fluir a vida, ganharemos precioso presente; pode ser que nosso rebento não tenha o talento de um Beethoven, a habilidade esportiva de um Pelé, a visão acurada de um Thomas Jefferson, porém, com certeza nos dedicará o que tem de mais precioso: sua atenção, seu amor, sua presença, e uma amizade que repercutirá pela eternidade afora, nos envolvendo em doces vibrações de gratidão.

Pensem nisso!

Wellington Plasvipel

Pedagogia espírita

A Doutrina Espírita nos demonstra que existe, no indivíduo, o inatismo, as idéias inatas já construídas no passado e, ao mesmo tempo, também existe em estado latente o germe da perfeição que ainda irá se desenvolver pela interação com o meio físico e espiritual.

Embora como herdeiro de Deus (trazendo o germe da perfeição), o espírito somente desenvolve suas potencialidades através da vivência, do esforço próprio, num trabalho construtivo de si mesmo.

O espírito utiliza a bagagem que traz consigo do passado, através da ação no presente, para construir seu próprio futuro.

Nos albores do terceiro milênio, onde os prenúncios de uma nova era se fazem sentir por toda parte, clareando os recantos obscuros do planeta, tanto na ciência, na filosofia e na religião, a educação assume caráter da mais alta importância, como mola propulsora de todo o progresso humano.

Não nos referimos à educação apenas no seu aspecto intelectual, mas a educação que compreende o homem no seu sentido integral, a educação que atinge o sentimento, que eleva, que aprimora, que auxilia a evolução do espírito.

Esta educação, a verdadeira educação, a educação por excelência, é a educação que olha o homem como ser integral, como espírito eterno, criado para a perfeição; é o cerne da Pedagogia Espírita.

A visão que a Pedagogia Espírita se baseia no desenvolvimento progressivo das potencialidades do espírito, através do apelo à razão e ao bom senso, gerando confiança própria, esclarecendo a mente, iluminando a consciência, estimulando o sentimento superior, estimulando a vontade, auxiliando, enfim, o espírito a se tornar um ser que pensa, sente e age no bem.

A Pedagogia Espírita tem o poder de, através da razão, do raciocínio lógico, conduzir o espírito a analisar, pensar e escolher o melhor. E através do desenvolvimento do sentimento, despertar o amor, a bondade, que, pela vontade, energia propulsora dos atos, o espírito passará a agir no bem.

Este é o processo da verdadeira Educação, que, através da Pedagogia Espírita, levará o espírito a atingir gradativamente a sua autonomia intelectual e moral, desenvolvendo o pensamento intuitivo, entrando em sintonia com as Leis Divinas que regem mundos e seres.

Quando o espírito se aproxima do Pai, organiza sociedades mais dignas, onde a ciência, a filosofia e a moral caminham entrelaçadas no mesmo ideal.

Através da Pedagogia Espírita, a criatura aumenta sua capacidade perceptiva e receptiva. Vibrando em tons mais elevado, entra em sintonia com as esferas superiores, com as inteligências que vibram na mesma frequência.

A Pedagogia Espírita auxilia o espírito a atingir o estágio do pensamento intuitivo, que vai além da razão, pois desta se utiliza, bem como do sentimento, para ampliar sua capacidade vibratória e sintonizar em nível mais elevado.

Do egocentrismo o espírito atinge, gradativamente, o ser universal, o cidadão do Universo, sintonizando cada vez mais com o Pai, com as Leis Divinas que regem mundos e seres, rumando à perfeição.

A transformação da Humanidade é trabalho educativo, como bem frisou Kardec, em Obras Póstumas: "É pela educação, mais do que pela instrução, que se transformará a Humanidade".

Recordando ainda o comentário da questão 917 de O Livro dos Espíritos: "A educação, se bem entendida, é a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-á endireitá-los, como se endireitam as plantas jovens".

Com a Pedagogia Espírita, inicia-se uma nova fase para o ser humano.

Sua tarefa é de auxiliar a evolução integral, trabalhando as estruturas íntimas do espírito, levando-o a assimilar, analisar, comparar, refletir, sentir e iluminar-se, transformando-se gradual, mas integralmente, desenvolvendo harmoniosamente as faculdades que lhe são inerentes, filho de Deus que é.

Acrescentamos, ainda, que a tarefa da Pedagogia Espírita se destaca, pois está totalmente alicerçada na moral evangélica, nos ensinamentos de Jesus. É tarefa de educação com Jesus.

Sendo os princípios espíritas o cerne da Pedagogia Espírita, sua força está na própria lógica que a Doutrina Espírita nos oferece, fazendo-nos antever uma educação embasada nos conhecimentos profundos do espírito eterno.

Vivenciando os princípios espíritas, que nada mais são do que os princípios de Jesus, compreendendo os mecanismos da aprendizagem e da evolução, estaremos desenvolvendo o

sentimento cristão; vivenciando o Evangelho, estaremos habilitados a nos tornar trabalhadores dignos da seara do Mestre, responsáveis e co-participantes da renovação do Planeta.

Rousseau foi o marco inicial de uma reforma na educação no ocidente, denunciando uma falsa "educação" praticada na época, principalmente na França.

Com a obra *Emílio*, propõe uma nova educação, baseada no desenvolvimento natural da criança.

Pestalozzi, em sua visão avançada, percebe o espírito, que possui em germe um grande potencial interior, definindo educação como o "desenvolvimento harmonioso e progressivo de todas as faculdades do ser".

Define três estados ou etapas morais no homem, demonstrando a evolução do estado primitivo ao estado social e, deste, ao estado moral.

Tivemos Darwin, com a teoria da evolução, demonstrando a continuidade evolutiva entre os animais e o homem, abrindo caminho aos princípios evolucionistas que a Doutrina Espírita nos apresenta hoje e nos auxilia a compreender os processos de desenvolvimento e aprendizagem.

Decroly, em sua fabulosa *Escola da Ermiada*, procura preparar a criança para a vida, levando-a a observar, diariamente, os fenômenos da natureza e as manifestações de todos os seres vivos, em trabalho espontâneo e criador. Criou o "Centro de Interesse", estabelecendo um laço entre as disciplinas normais da escola, fazendo-as convergir ou divergir para um mesmo centro, tendo-se em conta o interesse da criança.

Rudolf Steiner, criador da Pedagogia Waldorf, destaca a importância de se trabalhar a vida sentimental da criança (sentimento), apelando para a sua fantasia criadora. A criança, segundo Steiner, não pode pensar nem aprender sem que esteja engajada emocionalmente.

A Pedagogia Waldorf é a única ciência pedagógica do ocidente que percebe a criança como um espírito reencarnado.

Claparède, ao criar o Instituto Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, destacou que a escola deve ser ativa, antes um laboratório que um auditório. Procurando estimular ao máximo a atividade e o interesse da criança, demonstra que a escola é um meio alegre, onde serão despertadas as necessidades intelectuais e morais. O professor não deve se limitar a transferir seus conhecimentos aos alunos, mas ajudá-los a adquiri-los por si mesmos,

através de trabalhos, pesquisas e ações.

Freinet, em pequena aldeia da França, promoveu a escola ativa, cheia de vida, introduzindo a aula-passeio, o jornal escolar, a imprensa na escola, o texto livre, onde as crianças escolhiam, por votação, o que ia ser impresso e elas mesmas faziam a correção. Criou a Cooperativa do Ensino Leigo e seus colaboradores forneceram material para diversas partes do Mundo.

Vygotsky demonstra a importância da integração social e do trabalho cooperativo entre as crianças.

Skinner afirma que a ciência do comportamento deve libertar, e não controlar, destacando a importância da vontade e propondo uma educação de natureza dinâmica, onde os indivíduos devem ser estimulados para que desenvolvam as suas próprias potencialidades, num clima de liberdade, auto-realização e consciência social.

Finalmente a Doutrina Espírita vem espalhar luz brilhantíssima, demonstrando a colaboração de cada um dos estudiosos do passado, sanando dúvidas e abrindo caminhos para os estudos do futuro.

Da psicologia evolutiva, do comportamento biológico dos seres, chegamos ao espírito eterno, podendo agora compreender com real facilidade os conceitos de desenvolvimento e aprendizagem.

Com o advento da Pedagogia Espírita, compreendemos que esse mesmo espírito retorna à nova experiência trazendo consigo uma bagagem do passado, ou seja, estruturas internas desenvolvidas em vidas passadas, reagindo com as experiências novas desta vida, e com necessidade de ampliar as possibilidades para a construção do seu futuro. A transcendência é o diferencial, isto é, uma pedagogia do espírito, que se projeta aquém e além de um trecho de vida terrena, porque é reencarnacionista,

Na Pedagogia Espírita, os mecanismos se mostram lúcidos e claros. Abre-se um imenso campo de conhecimento, embasado no ser espiritual que somos todos nós, com a sua existência agora não mais mera hipótese metafísica ou mera questão de fé.

A Pedagogia Espírita vem inaugurar nova fase na história da Educação, bem como restaurar o Evangelho de Jesus, como base fundamental do processo evolutivo do espírito.

A Nova Era

SUPLEMENTO CULTURAL E BIBLIOGRÁFICO • MARÇO • 2007



Eis o que divulgava A Nova Era em sua edição de 28.2.1957



ÓRGÃO DE PROPRIEDADE DA
CASA DE SAÚDE
ALLAN KARDEC

ANO XXVII
N. 965

Redação: Rua José Marques Garcia, 451-Oficinas: Av. Major Niloaclo 277-C. Postal, 65 - FRANCA

Diretor de 15-11-927 a 21-6-942: José Marques Garcia

Diretor: Dr. Tomaz Novellino — Gerente: Vicente Richinho — Redator: Dr. Agnelo Morato

Vítimas da época

Dentre os males que no momento afligem as criaturas em quase todas as camadas sociais, sem distinção de crenças e posições, estão, inegavelmente, as várias modalidades de psicose, segundo a psiquiatria oficial, de vez que, segundo o espiritismo, grande parte de perturbações mentais corre por conta da obsessão, que é influência invisível, porém forte, patente, desorientadora, de espíritos inferiores, ignorantes ou maus, tecendo intentos prejudiciais em torno de suas vítimas.

A ciência psiquiátrica, em sua classificação sistematizada, pretende solucionar todos os casos de moléstias nervosas e mentais, no âmbito de uma série de itens para todos os sintomas, não tomando conhecimento, como é natural, das perturbações de origem espiritual, quais sejam os vulgares e comuns casos de obsessão.

Não temos em mente menosprezar a ação valorosa e indispensável da psiquiatria, na cura das moléstias mentais, pois muito tem feito, cada vez melhor aparelhada para debelar a nova epidemia que arrebata o brasileiro, mormente a classe pobre, que luta e sofre carências de toda a sorte.

Os manicômios oficiais consomem uma verba fabulosa para manter milhares de enfermos, cujo número ascendente toma o aspecto de um flagelo humano. Os governos, honra lhes seja feita, não têm descurado desse problema social, não só promovendo maiores capacidades de alojamentos para amparar os insanos, como também, num ato digno de quem sente o peso da responsabilidade e o valor dos que colaboram espontaneamente, dando apoio moral e financeiro por meio de auxílios e subvenções aos hospitais particulares que se devotam ao bem público.

No desempenho de sua alta missão orientadora dos males humanos, da elucidação das leis de causas e efeitos que devem ser estudadas a fim de se conhecer a sublimidade da Justiça que preside os destinos das criaturas, o Espiritismo prossegue o seu trabalho de libertação da legião de obsediados, empregando recursos que a ciência não admite: tratamento espiritual, conforme prescreve a doutrina codificada pelo sábio Allan Kardec.

Se o contingente de dementes é elevadíssimo, superlotando todos os hospitais existentes, o alto número de recuperados nos hospitais e sanatórios es-

píritas ultrapassa todas as previsões, chegando mesmo, comparativamente com as estatísticas oficiais, a mais de 70%.

Em contato com confrades que dirigem hospitais espíritas, apenas no Estado de São Paulo, podemos informar aos nossos leitores o quanto se tem realizado em benefício dos enfermos da classe pobre.

Sabemos que os hospitais de Itapira, Marília, Araçatuba, São José do Rio Preto, Amparo, Pinhal, Ribeirão Preto, e outros tantos que nos escapam, acrescidos dos existentes e em franco funcionamento em diversos Estados, se encontram assoberbados, com as respectivas capacidades ultrapassadas, além dos sérios problemas financeiros, de vez que a grande parte da população internada pertence à classe que se denomina de indigente.

Em nosso setor, na Casa de Saúde "Allan Kardec", desta cidade de Franca, Estado de São Paulo, a quantidade de lugares solicitados mensalmente sobe a várias dezenas. Se maiores fossem os recursos de alojamentos e monetários, as internações se elevariam ao triplo da lotação permanente.

Não podemos, em boa lógica, e em virtude de observação contínua, deixar de considerar como fatores predisponentes aos distúrbios mentais o momento calamitoso que atravessamos, mui especialmente a legião de lutadores pelo pão de cada dia. Em nossa estatística interna, podemos dizer que o número de dementes pobres é bastante avultado. Por quê? — muitos inquirirão apreensivos. Por que está o pobre mais sujeito ou predisposto à insanidade mental?

A pobreza não está exposta à sanha dos males psíquicos. Todas as classes sociais estão sujeitas ao mesmo mal. Se os pobres são mais atingidos, é devido a falta de assistência, alimento, repouso, obrigados a trabalho permanente, esgotando-se e não se recuperando convenientemente, advindo daí, em grande parte, a enfermidade mental. Observamos de *visu in lóco*, doentes precedentes das zonas rurais, das fábricas, esfalfados em serviços rudes que exigem for-

ça a assiduidade, a causa mater da doença: alimentação deficiente, pobre e de má qualidade! Por outras palavras, que aliás expressam toda a triste verdade, a psicose dessa classe de doentes, tem na linguagem universal, a denominação de Fome!!!

Sim, tal afirmação é acabrunhante, bem o sabemos. Porém, a pobreza, nos dias atuais, sofre a pior enfermidade que é a fome! Dirão os felizardos e saciados que estamos fantasiando com exageros desmerecidos, dando causa diferente às doenças mentais. Infelizmente podemos afirmar que a fome é uma das causas mais fortes. Temos infinidades de exemplos, que não desejamos tornar públicos.

Entretanto diremos assim: quando essas vítimas da carestia alimentar chegam para serem internadas como dementes, portadoras de uma psicose, num exame rápido, contristador, retratam a causa — desleixados, descalços, quase em farrapos, à míngua de qualquer rudimento de higiene, estampam no rosto encaveirado e macilento, no olhar vago e distante, o estigma de prolongados jejuns! Fome! Fome, contribuinte de uma porcentagem de supostos dementes lotando os manicômios!

Semanas mais tarde, bem alimentados, forçados a umas férias que nunca tiveram na vida, a um repouso despreocupado, deixam o hospital completamente restabelecidos para enfrentarem novamente o pior inimigo eterno da pobreza que teima em viver, sustentando uma luta desigual numa tríade devastadora: Trabalho, Miséria, Fome!

A pobreza não pode comer, pois comida de pobre, baseada no arroz, feijão, alguma verdura e raramente uma pouca de carne, está por preço tão elevado que o seu salário não o alcança.

Forçosamente terá de passar necessidade, surgindo daí uma série de males, e dentre eles uma modalidade de psicose gerada pela fome!

José Russo

Curiosidades sobre a arte musical

Os espíritos formam no espaço, grupos ou famílias unidos pela afeição, simpatia e semelhança de inclinações. Felizes por estarem juntos, se procuram, freqüentemente se reúnem na mesma família ou círculo trabalhando para o seu mútuo adiantamento, os mais avançados

procurando progredir os retardatários. Se uns estão encarnados e outros não, encontram-se unidos pelo pensamento. Depois de cada existência, deram mais um passo no caminho da perfeição. Entenda-se aqui a afeição real de alma a alma, a única que sobrevive a destruição do corpo.

O Evangelho Segundo Espiritismo, cap. IV. Item 18



Você sabia?

Que *Schubert* era grande admirador do inesquecível *Beethoven*?

Que *Schuman* era seguidor de *Schubert*, por quem sentia profunda devoção?

Que *Mendelssohn* era quase tão precoce como *Mozart*, e que aos seis anos já compunha peças musicais?

Que *Franz Liszt*, considerado o maior pianista de todos os tempos, era incondicional admirador do músico polonês *Chopin*.

Que *Chopin* gostava de tocar em ambientes pequenos, pois se considerava tímido, tinha o toque comedido e que abria o seu coração apenas para o seu instrumento? (Piano)

Que do violinista e compositor italiano *Paganini*, por sua técnica e extremo magnetismo pessoal, dizia-se ter parte com o Demônio? Estudou com o pai, e logo superou em brilho tudo o que já havia sido estabelecido. Sua carreira febril minou-lhe a saúde. Quando sentiu que a morte se aproximava, pediu seu violino e improvisou divinamente até o supremo momento que seu corpo se desligou da matéria.

Que o bisneto do grande *Sebastian Bach*, era, no tempo de *Kardec*; um dos mais honrados e estimados professores de Piano, cujo nome ilustre, *N. G. Bach*, honrava com muita dignidade?

Na Revista Espírita de Julho de 1865, *Kardec* narra sobre ele o curioso episódio aqui resumido:

O seu filho Leon Bach, pesquisador e artista, trouxe ao seu pai um presente: uma espineta admiravelmente esculpida (pequeno instrumento de teclado da família do cravo).

O Sr. Bach contemplou-a encantado e adormeceu pensando nela.

Quanto já lhe haviam dedilhado em acordes sonoros?

Sonhou que um homem de vestes antigas se aproximou, lhe dizendo que a espineta lhe pertencera outrora, e que muitas vezes servira para distrair o seu Senhor, o Rei Henrique III. Que este compusera na mocidade uma ária em lembrança de uma mulher pela qual se apaixonara.

Afastaram-na dele, e a moça veio a falecer em grande sofrimento.

O Rei não mais a esqueceu e pedia que ele lhe tocasse sempre a triste ária. (Essa história, pesquisada por seu próprio



filho em documentos da época, foi deveras confirmada).

Ainda no sonho, o visitante tomou a espineta e tangeu-a, cantando com tanta emoção que Sr. Bach acordou em prantos.

Para sua surpresa, sobre a cama surgiu uma página escrita em grafia musical arcaica e diferente da de então. Palavras que ele reconheceu: Era a ária cantada no sonho.

Perplexo, ele reconheceu o papel: era de sua escrivaninha.

Mas quem a havia escrito?

Sabia perfeitamente que não viera de seu punho.

Conhecia alguma coisa do Espiritismo e achou que era esse o caminho para decifrar o mistério.

Leu, estudou, e acreditou que o mundo invisível é composto de almas que viveram na Terra e que podem se comunicar conosco.

Em uma sessão espírita em que participava o Sr. Bach, foi invocado o espírito que lhe aparecera em sonho e que dizia se chamar Baltazarini.

E ocorreu este extraordinário diálogo:

— *Porque o Sr. Bach foi escolhido para aquela manifestação e como foi produzido aquele fenômeno da escrita?*

— *Primeiro, pela forte simpatia que me une a ele; segundo pelo interesse pela doutrina, despertado em toda a sua família e em todos nós.*

— *E a partitura e as palavras, como apareceram no papel?*

— *O papel eu apanhei em sua escrivaninha. A música foi escrita pelo próprio Sr. Bach, servindo de seu corpo como meio de transmissão.*

— *Qualquer pessoa pode produzir tal fenômeno?*

— *O Sr. Bach viveu, em encarnação passada, como amigo do Rei Henrique III, e preferia a espineta a outro qualquer instrumento.*

Se o Sr. Bach não tivesse as qualidades requeridas, nem ele nem eu teríamos sido escolhidos para realizar o fenômeno.

Quando é chegada a hora, Deus se serve de todos os meios para fazer propalar a ciência divina.

Maritu



Você sabia?

Que no dia 31 de Janeiro de 1797 nascia *Franz Schubert*?

Há exatamente 210 anos, esse fabuloso compositor austríaco se revestiu de um corpo de carne, e aos 31 anos voltou para a erraticidade.

Embora se tenha dito que *Schubert* viveu à sombra de *Beethoven*, a história outorgou um lugar de destaque na obra desse grande compositor, livre de comparações com o genial *Beethoven*.

Desde a infância ele mostrou sua extraordinária aptidão para música, estudando piano, órgão, violino e canto, participando no coral da Capela da Corte Imperial.

Sua obra é vasta e bela, desde as Sinfonias, Música Orquestral, de Câmara, Coral, e mais de 600 Lieder (peças musicais).

Relembrando que entre os séculos XVIII e XIX, conviveram na Terra tantos outros espíritos geniais que sensibilizaram o nosso planeta com suas obras musicais, *Emmanuel* nos diz:

“No século XIX, desenrolava uma torrente de claridade na face do mundo, encaminhando todos os países para reformas úteis e preciosas em todos os departamentos da atividade intelectual.”

Na verdade, tais espíritos já deviam se conhecer em mundos mais elevados; comungavam o mesmo ideal, e apesar da inexperiência em planeta ainda grosseiro para a sutileza de seus talentos, lançaram suas sementes, desenvolvendo-nos o amor pela arte.



Aos cinco anos de idade, **Schubert** começou a sua instrução regular, com o pai. Aos seis anos, entrou na escola de Lichtenthal, onde passou alguns dos melhores anos da sua vida. A sua educação musical começou também por esta altura. O seu pai transmitiu-lhe alguns conhecimentos rudimentares sobre violino e o seu irmão, Ignaz, iniciou-o no pianoforte. Aos sete anos, como já tinha ultrapassado largamente a perícia dos seus mestres iniciais, foi entregue à guarda de Michael Holzer, o Kapellmeister — mestre de capela — da igreja de Lichtenthal.

Ludwig Beethoven nunca teve estudos muito aprofundados, mas sempre revelou um talento excepcional para a música. Com apenas nove anos de idade, foi confiado a Christian Gottlob Neefe (1748-1798), que lhe deu a conhecer os grandes mestres alemães da música. Compôs as suas primeiras peças aos onze anos. Os seus progressos são de tal forma notáveis que em 1784 já era segundo organista da capela do Eleitor. Pouco tempo depois é violonista na orquestra da corte. Em 1787 é enviado para Viena para estudar com Mozart, onde este reconheceu imediatamente o talento prodigioso de Beethoven e onde proferiu a célebre frase: "Não o percam de vista; um dia há de dar o que falar".

Na memória...

O baluarte Richinho

Realindo Júnior



Não por acaso o Hospital "Allan Kardec", assim como o jornal A Nova Era, e a própria Franca centenária, alcançaram tamanha tradição. E

Kardec?

Figuras de relevo participaram desta edificação, a cada pavilhão construído para ampliar o atendimento aos doentes mentais, a cada pedra buscada para reforçar o alicerce, a cada tijolo para erguer mais uma parede. Os nomes destes baluartes são conhecidos de todos os francanos. Mas destaco um deles, neste pequeno espaço, com personalidade singular, ao mesmo tempo que simples,

devotado e atento. Além de prestimoso trabalhador, era dedicado às letras e também nesse campo deixou expressiva colaboração. Foi o verdadeiro jornalista dos bons tempos, que hoje chamamos velha guarda. Sua trincheira era "A Nova Era", onde eu tinha o hábito de ler crônicas marcantes. Falo de Vicente Richinho. Doce personagem que o mundo maior designou para compor a equipe de construção do Hospital Allan Kardec e deste jornal. Escrevia com sabedoria. Suas frases marcantes tinham definição e alcance. Dizia ele que "Tudo nesta vida tem um começo e um fim. Tudo se inicia como Deus quer e termina quando menos se espera..." Vicente Richinho era simples, era sábio. Era amigo. Era verdadeiro. Uma sentinela sempre de prontidão em defesa do Espiritismo e do Hospital onde trabalhava. Tanto defendia que para viver construiu sua casa no quarteirão ao lado do Hospital. Como se à noite também precisasse continuar de plantão para zelar pela instituição que amava. Exemplo imorredouro, que tem sua imagem e sua história gravadas em nossa memória.

certamente isso se deve às mãos laboriosas de beneméritos cidadãos, cada um a seu tempo, em cada canto, cumprindo importantes papéis.

À geração atual, segundo nosso entendimento, cumpre ressaltar as figuras especiais que construíram nossas instituições e a tradição da cidade, que hoje conta mais de 320 mil habitantes.

Pois o Hospital "Allan Kardec", hoje reconhecido como de 1ª Classe, pelos relevantes serviços que presta, já foi chamado em décadas passadas de hospício, depois asilo de loucos, mais tarde casa de saúde, sempre subindo degrau a degrau, no conceito da prestação dos melhores serviços à comunidade, verdadeiro pára-raio onde a sociedade tinha lugar para confiar o tratamento dos enfermos seus entes queridos. Tempos, sem dúvida, muito difíceis.

E atravessou todas as crises, superou todos obstáculos, como entidade predestinada a cumprir importante papel. Por acaso pode-se imaginar Franca e a própria região sem os serviços do Hospital Allan



Acaba de ser lançado, pela Editora "Edições Leon Denis", do Centro Espírita Leon Denis, do Rio de Janeiro, a tão esperada 2ª. edição do grande sucesso editorial "O Livrinho dos Espíritos", cuja primeira edição se esgotou rapidamente. A obra é composta de

trechos selecionados, adaptados e comentados de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, para o jovem leitor. A autora é a escritora espírita **Laura Bergallo**, especializada em literatura para jovens, também autora de outro sucesso editorial espírita, "Uma História de Fantasma". Além disso, teve um livro, "A Criatura", consagrado com o Prêmio Adolfo Aizen de 2006, da União Brasileira dos Escritores, como o melhor livro juvenil dos anos 2004/2005, com premiação recebida na Academia Brasileira de Letras, em novembro de 2006. Outros livros da autora: "Os quatro cantos do mundo"; "Um trem para o outro mundo"; "Tem um elefante no meu quarto"; "Alice no espelho"; "A câmera do sumiço".

O livro pode ser solicitado pelo fone 16 2103-3003.

Os direitos autorais foram cedidos pela autora ao Centro Espírita Leon Denis, do Rio de Janeiro, para utilização em suas obras sociais.

Venha a nós o Teu Reino!

"Venha a nós o teu reino..." — assim rogou Jesus ao Pai Celestial, sabendo que só o Plano de Deus pode conceder-nos a verdadeira felicidade. Mas, o Mestre não se limitou a pedir; ele trabalhou e se esforçou para que o Reino do Céu encontrasse as bases necessárias na Terra. Espalhou, com as próprias mãos, as bênçãos da paz e da alegria, a fim de que os homens se fizessem melhores. Uma locomotiva não corre sem trilhos adequados. Um automóvel não avança sem a estrada



que lhe é própria.

Um prato bem feito precisa ser preparado com todos os temperos necessários.

Assim também, o auxílio celeste reclama o nosso esforço. É sempre indispensável purificar o nosso sentimento para recebê-lo e difundi-lo.

Sem a bondade em nós, não poderemos sentir a bondade de Deus ou entender a bondade de nossos semelhantes.

Quando é noite e reclamamos: — "Venha a nós a luz", é necessário ofereçamos a lâmpada ou a candeia, para que a luz resplandeça entre nós.

Se rogamos a Graça Divina, preparemos o sentimento para entendê-la e manifestá-la, a fim de que a felicidade e a harmonia vivam conosco. Jesus trabalhou pela vinda da Glória do Céu ao mundo, auxiliando a todos e ajudando-nos até à cruz do sacrifício, dando-nos a entender que o Reino de Deus é Amor e só pelo Amor brilhará entre os homens para sempre.

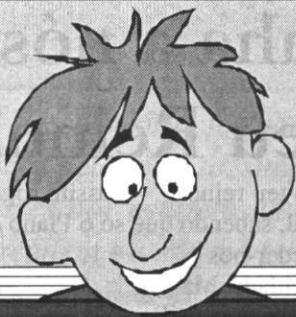
Chico Xavier, pelo espírito de Meimei

Farmácia Oficinal
23 anos
Manipulação de Fórmulas, Homeopatia e Medicamentos com entrega em domicílio
PABX (16) 3723-6766
Rua Voluntários da Franca, 1840 - Centro
Rua Diogo Feijó, 1963 - Estação
Posto Galo Branco - 7 às 00:00 horas

VICAL VIBOR
Vibor Borrachas Ltda.
FONE: PABX (16) 3727-4344
Av. Brasil, 3300 - Jd. Paulistano - Franca - SP

CAFÉ TIO PÉPE®
Da fazenda para você.

O CAFÉ TIO PÉPE,
nos seus 21 anos, agradece à
Família Espírita
pelo seu indispensável apoio
Rua Estevão Leão Bourroul, 1622 - CEP 14400-750
Franca - SP - Brasil - fone: (16) 3722-0050
e-mail tiopepe@francanet.com.br
www.cafetiopepe.com.br



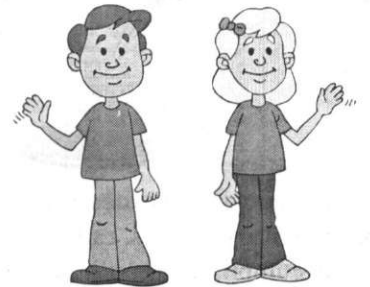
Página infantil



Olá, amiguinhos!... Depois de um longo período de ausência, voltamos aos nossos encontros mensais.

Estava com saudades de vocês...

Mas vamos aos nossos estudos...



Vocês sabem quem são os "pobres de espírito"? Sim ou não?

Pois abram O Evangelho Segundo o Espiritismo no Capítulo VII, "*Bem-aventurados os pobres de espírito*", e aprendam ou vejam se acertaram: pobres de espírito são os

Como distinguir os pobres de espírito? Quais as qualidades que eles possuem?

Leiam o texto que vocês saberão.

Vocês sabem o que é antônimo? Se não sabem, corram ao Dicionário, o amigo dos inteligentes, vejam o que é, e escrevam aqui: antônimo:.....

Façam agora uma comparação entre eles: pobres de espírito ou e o antônimo deles, os

.....e coloquem a conclusão, consequência para o Reino de Deus:

Este é o primeiro assunto tratado no Capítulo VII "*O que se deve entender por pobre de espírito*". Existem mais assuntos, também muito importantes. Anote os seus nomes aqui e iremos estudando-os depois:

Colaboradora: Thermutes Lourenço



Literatura Infantil

As sementes

Quando criança, era muito egoísta. Não gostava de repartir nada com ninguém. Quando ganhava doces, balas ou chocolates, comia o quanto sentia vontade e o resto guardava em minha gaveta, bem escondido.

Muitas vezes, esquecia que os tinha guardado e... passados alguns dias, encontrava tudo estragado!

Mamãe sempre me aconselhava a não fazer isso; eu, porém, não queria dar-lhe ouvidos.

Um dia, quando vovó foi guardar nossas roupas, encontrou minha gaveta cheia de formigas saboreando uns docinhos.

Vovó, já que sabia deste meu enorme costume, não se zangou comigo. Acabou de guardar as roupas e disse:

— Preciso que você me ajude um pouco a cuidar de alguns canteiros da horta. Venha comigo, mas antes, passe pelo armário da cozinha e pegue aquelas sementes de abóbora.

Imediatamente atendi e fomos, as duas, até a horta. Além de bonitos canteiros com verduras frescas, havia dois com a terra nua, já preparada

para o plantio.

Então disse vovó:

— Agora você vai me ajudar a plantar as sementes de abóbora e a cuidar bem destes canteiros.

Foi o que fiz com muita satisfação.

Quase todos os dias, ao entardecer, vovó e eu íamos cuidar dos pezinhos de abóbora que iam crescendo viçosos.

Um belo dia, que surpresa! Encontrei as aboboreiras cheias de lindas flores amarelas e algumas já mostravam paquenas e tenras abobrinhas.

Fiquei encantada com o magnífico presente que a natureza nos dava gratuitamente e não escondia a grande alegria e satisfação, falando muito sobre o que tudo aquilo representava.

Vovó ouvia-me atentamente e acompanhava minha euforia com um sorriso.

Foi então que, colocando a mão em meu ombro, disse:

— Minha neta, você já pensou se as sementes ficassem esquecidas no armário? Elas poderiam estragar e não nos proporcionariam esta grande satisfação.

Imediatamente lembrei-me da gaveta com os doces estragados! Senti que fiquei corada de vergonha, pois se dividisse os doces com meus irmãos, eles também ficariam contentes.

Esta lição ficou profundamente gravada dentro de mim. Quando sinto vontade de guardar aquilo de que não necessito, lembro-me das sementes e, antes que estrague, procuro dar para que outros também possam aproveitar. Também aprendi que dividir o que temos nos dá muita alegria, pois faz os outros mais felizes. Se os outros estão mais felizes, o mundo fica melhor!



Texto extraído do livro: *A vida ensinou*, de Maria Ida Bachega Balçone

No laboratório psíquico, portanto com definida participação dos arquivos perispirituais, é que vamos encontrar as fontes profundas das emanções fluídicas peculiares a cada criatura humana.

Há que se considerar que o homem é um Espírito mais uma vez reencarnado e, como tal, já experimentou muitas existências físicas, sempre como individualidade a carregar consigo os efeitos das próprias ações, razão para situarem-se no capítulo das ciências psíquicas as explicações para a variada gama de sentimentos que presidem as emoções de cada um, entre eles os que se manifestam atrativos ou repulsivos no campo do relacionamento.

É assim que, entre os humanos, existem o que chamaríamos de estranhas forças que, atraindo ou repelindo, se interpõem nas relações sociais, segundo as semelhanças ou diferenças de níveis de moralidade em que estagiam as partes. As raízes da simpatia e da antipatia estão na alma e podem manifestar-se no encontro de dois indivíduos completamente estranhos entre si, mas sujeitos de realidades íntimas afins, ou incompativelmente desiguais, tanto quanto podem revelar-se entre duas criaturas que, não obstante houvessem estado juntas no passado, não se reconhecem na atual encarnação, mas se denunciam amigos afetuosos, ou odiosos inimigos. No primeiro caso, não se registra relacionamento anterior entre as partes; já no segundo, a reação antipática ocorre em virtude da expressão das profundas marcas perispirituais resultantes de antigas experiências conjuntas.

Simpatia versus antipatia

A questão 386 do L.E., tratando da atração que se exerce entre duas pessoas que se amam, esclarece que é impossível dois Espíritos, enquanto encarnados, se reconhecerem como amantes do passado, graças à sábia utilidade da cortina do esquecimento, todavia, ainda que nutram preconceito contra a doutrina da reencarnação, via de regra, atribuem a autenticidade do seu afeto à hipótese de se amarem desde outras vidas. A resposta nega, categoricamente, a possibilidade do reconhecimento, mas afirma, com toda clareza possível, serem freqüentes as ligações íntimas e sinceras para as quais a única causa são antigos liames afetivos, sublinhando os casos em que, por circunstâncias aparentemente fortuitas, duas pessoas se vêem irresistivelmente atraídas em meio a milhões de outras. Ao providencial véu do esquecimento, que nos propicia aproximação conciliatória mesmo entre os desafetos de vidas anteriores, soma-se o fato de que, ainda que nos fosse possível lembrar do corpo que ocupáramos, a cada nova reencarnação o Espírito apresenta-se em novo corpo, que nada têm a ver com o anterior.

O véu que se interpõe, impedindo-nos de lembrar do passado, incomoda os que classificam de injusta a punição a quem não se lembra do delito que cometera, ou se teria mesmo cometido. Recordemos, todavia, que a Justiça Maior tem o seu corolário na renovação das oportunidades de nos corrigirmos e

na inexorabilidade do progresso espiritual. Com efeito, se estamos em

Há que se considerar que o homem é um Espírito mais uma vez reencarnado e, como tal, já experimentou muitas existências físicas, sempre como individualidade a carregar consigo os efeitos das próprias ações (...)

processo de ascensão moral, a posição em que nos encontramos representa avanço em relação à anterior. Hoje somos melhores do que fomos ontem; amanhã teremos evoluído em relação à posição em que nos achamos hoje. São avanços maiores ou menores, conforme sejamos mais ou menos empenhados. Ademais, não nos é necessário recordar o que fomos, o que fizemos ou o que deixamos de fazer. Basta que nos conscientizemos de que as nossas atuais tribulações nada mais são que o resultado da nossa sementeira de ontem, tanto quanto devemos entender que o nosso futuro será o resultado do que plantamos hoje. Seremos ou não seremos dotados de elevação bastante para que de nós emanem fluidos simpáticos não exige saber erudito, mas vulgar sabedoria. A sabedoria do amor.

No livro *O Consolador*, a respeito do assunto, o preclaro instrutor espiritual

nos brinda com as seguintes considerações: "A simpatia ou a antipatia têm as suas raízes profundas no espírito, na sutilíssima entrosagem dos fluidos peculiares a cada um e, quase sempre, de modo geral, atestam uma renovação de sensações experimentadas pela criatura, desde o pretérito delituoso, em iguais circunstâncias..." E mais: "Devemos, porém, considerar que toda antipatia, aparentemente a mais justa, deve morrer para dar lugar à simpatia que edifica o coração para o trabalho construtivo e legítimo da fraternidade." (Emmanuel, psicografia de Chico Xavier, 16. ed. FEB, questão 173).

Os que já se beneficiam da luz do entendimento que se deixem motivar pelo sentimento do amor, que dêem ensejo à intuição a lhes rogar enobrecimento, como agentes comprometidos em construir certezas também nas consciências que reagem, por carecentes, ainda, de disposição para a tolerância, a aceitação e o empenho na marcha evolutiva.

Não obstante contabilizem-se fatores reconhecidamente determinantes, como se depreende destas notas, não se justifica que criaturas humanas se indisponham, umas contra outras, dando azo a sentimentos herdados de si mesmas, ao tempo em que deveriam esforçar-se, os mais evoluídos, por neutralizar, ante os seus inferiores, incompatibilidades fluídicas geradas por desigualdades, usando-se a força decisiva da caridade na expressão moralizante.

João Batista Vaz

**Amigos e confrade: anotem os nossos
novos números telefônicos:**



(16) 2103-3000

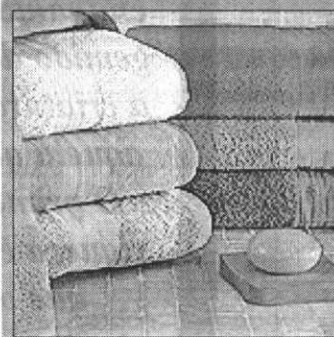
e

(16) 2103-3003

**A Fundação Espírita Allan Kardec está em
campanha de
Toalha de Banho.**

**Colabore doando uma
toalha para o Hospital.**

**Informações pelo telefone:
(16) 2103-3000**



BIT CAR
AUTO CENTER
Funilaria - Pintura e Cristalização

Parceria com sua Seguradora

Tecnologia de Ponta... Saída do Trevo Franca/
Qualidade e Preço, é só aqui Patrocínio Paulista - Km 1
Bitão Tel. (16) 3701-6500

Xororó
ARTIGOS DE PESCA E LAZER

Av. Presidente Vargas, 127
Av. Orlando Dompieri, 2090
Franca - SP
Tels.: (0**16) 3723-8446 e
3704-3236

FÁBIO LIPORONI

Escritório de Contabilidade
à suas ordens.

Encaminhamento de
Aposentadoria e Pensões.



TRAVESSA HIGINO ARCHETTI, SALA 17
CENTRO - CEP 14440-720 - FRANCA-SP



Ao prosseguir, depois de um período de afastamento obrigatório, nossos estudos sobre “O Livro dos Espíritos”, deparamos com a questão 755, que se relaciona com o título por nós escolhido para este artigo.

Já, de início, nos surgem dúvidas: será realmente avançada a civilização, e os selvagens, necessariamente, cruéis? Não criam, os civilizados, por sagacidade, a maioria dos defeitos morais como orgulho, egoísmo, falsidade, ganância, que resultam na calamidade maior que assola a humanidade, as guerras? Os selvagens não são, por sua vez, os ingênuos, por sua espontaneidade, por sua autenticidade, aparecidas, justamente, por se exporem a manifestações da natureza? Estas manifestações não farão com que, por acaso, sejam afastados das propensões corrompidas dos civilizados? Não desconhecemos que as desavenças sempre estiveram presentes em todos os povos, desde os primitivos, mas eram quase que instintivas, não provocadas, sobretudo, por ambições exageradas e despropositadas.

Ocorrem-nos, por oportuno, determinadas citações de Aldous Huxley: “Todas as sociedades civilizadas são aguerridas. Levanta-se, pois, a questão se a correlação entre a guerra e a civilização é necessária e inevitável. A evidência dos estudos arqueológicos parece levar à conclusão de que a instituição da guerra deu-se em particular momento da história de recentes civilizações”. Mais adiante cita: “Constitui uma das tragédias da história o fato de que a ocidentalização da China devesse significar a progressiva militarização de uma cultura que, durante praticamente três mil anos, pregara, com firmeza, o ideal pacifista.” [i]

A destruição das culturas inca, maia e asteca deveu-se, evidentemente, à civilização européia, espanhola, mais especificamente, com o consentimento da Igreja, representada pela “Companhia de Jesus”, que desejava atrair os habitantes do Novo Mundo, antes que os simpatizantes da Reforma o fizessem. Nossos indígenas originais foram praticamente dizimados pela civilização portuguesa. Em todas as circunstâncias, tanto das culturas estrangeiras como na nossa, saquearam seu patrimônio, figurado principalmente pelo ouro. Por causa do ouro, exterminaram-se culturas inteiras. Casos que refletem a ganância, a premeditação maldosa, a insensibilidade de seres ditos “civilizados”.

Diante do que expusemos, se torna lícito questionar: quem representa os “bons frutos”, os

“bons”, “os lobos”, “as ovelhas”, “os avançados” e “os atrasados” citados na questão? Os civilizados ou os selvagens? Fácil de perceber!

Ela (a questão) reflete o imaginário predominante do Século XIX, quando se pensava que a civilização estava compulsoriamente muito acima da selvageria, e que esta última tinha de ser obsoleta e cruel. Era, realmente, uma sociedade chauvinista e preconceituosa.

Não somos ingênuos a ponto de achar que todo civilizado é necessariamente egoísta e hipócrita, e todo selvagem inocente e cômico. Nem nos assiste o direito de pensar que o progresso do homem, e, mormente, do espírito, representa, por si só, um mal; muito pelo contrário, entendemos que ele é-nos intrínseco. Muito menos defendemos a “volta às origens”. Porém, considerar que o simples fato de ser civilizado expressa, já, fator preponderante sobre o indígena, significa ignorar o assunto, simplismo.

Temos a impressão de que quando os Instrutores citam que “Espíritos de uma ordem inferior e muito atrasada podem se encarnar entre os homens avançados”, não querem dizer, obviamente, que os “atrasados” são os selvagens e os “avançados” são os ocidentais; os primeiros, subentende-se, são os assassinos, os bandidos, os traficantes, os criminosos em geral, bem piores que os selvagens, e, o mais grave, produtos da própria civilização, quando não Espíritos inferiores. Ao completar a resposta, dizem que eles têm a oportunidade de progredir ao estabelecer contato com os que lhe estão acima. Mencionam, ainda, que muitos não o fazem, pois sua inferioridade fala mais alto; suas atrocidades se revelam nos comoções que sentimos, ao tomar conhecimento de incêndios de coletivos ocupados por pessoas, matança indiscriminada de seres inocentes, prática sistemática do terrorismo, seqüestros, etc. São Espíritos para quem a vida de irmãos em Deus tem pouco ou nenhum valor, sem o mínimo respeito para o mínimo direito de cada um, o de viver. Cabe a nós não nos ufanar, pois, em verdade, nos situamos, mais ou menos, num nível semelhante, visto habitar-mos o mesmo planeta, o que

quer dizer que nos encontramos, todos, em provas e resgates.

Por outro lado, é necessário sempre lembrar que somos criados simples e ignorantes, e que o progresso de cada espírito é obrigatório, isto é, mais cedo ou mais tarde, por amor ou pela dor, ele chega; sair do estado de torpor ou de inércia é imprescindível a cada um, tem de acontecer, não importa quando; o tempo é questão de somenos.

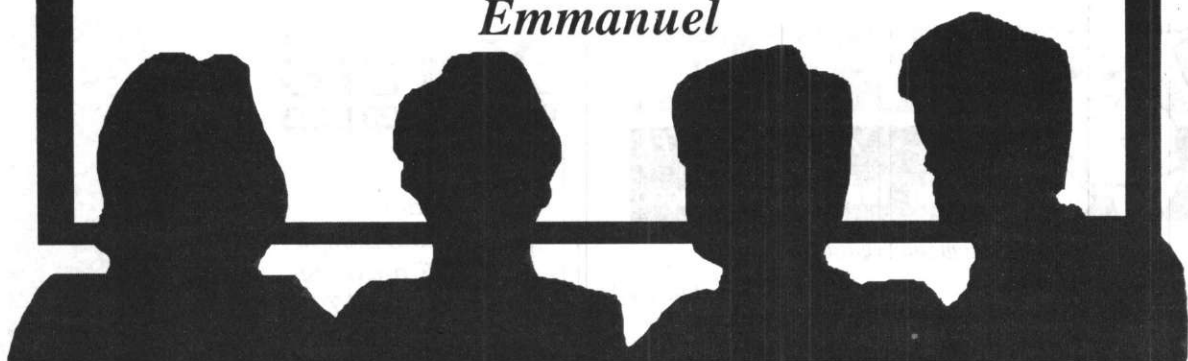
É sobre este assunto que versa a questão 756, em que tomamos conhecimento de que a sociedade ficará indene aos Espíritos Inferiores. Poderão existir duas atenuantes para que isto se dê: os Espíritos se melhoram, pois ninguém gosta de sofrer por culpa própria, ou se reencontram em outros planetas, para que dores maiores os conduzam à evolução. A sociedade, como um todo, progredirá, também, porque, nós, suas células, teremos de fazê-lo. Cada um fá-lo-á, mais ou menos depressa, e para isto temos o livre-arbítrio; mas, não resta dúvida de que, um dia, fá-lo-emos. Importante lembrar que constitui uma idéia preconcebida ou preciosismo achar que irmãos atrasados impedem nosso progresso. Já vimos que estamos num mesmo barco, e se estamos é porque o merecemos.

Há a Justiça Divina que prevalece sempre. Ninguém, para ela, é melhor ou pior; isto é, apenas, situação transitória, de momento. Aos que estão, atualmente, em estágios inferiores, serão dadas, constantemente, novas oportunidades de se nivelar com os superiores. É na reencarnação que se encontram tais ensejos; por isto, ela reflete a Justiça e o perdão divinos. Por conclusão, nota-se que Deus perdoa através do propósito que oferece a cada um para reparar erros. Deus não usa o perdão como “quebra-galho”, mas, sim, através da oportunidade que oferece; a cada um de nós, de corrigir, experimentar, aprender, evoluir, por nossos próprios vontade e esforço. E isto se dá na reencarnação. Por isto temos certeza absoluta que sem o processo palingenético faltaria a Deus um de seus atributos essenciais: a Justiça.

[i] - em “O Despertar do Mundo Novo” - Editora “Hemus”, págs. 90 - 92

“A felicidade que pode realmente não existir na Terra, enquanto a Terra padecer a dolorosa influência de um só gemido de sofrimento, pode existir na alma humana, quando a criatura compreender que a felicidade verdadeira é sempre aquela que conseguimos criar para a felicidade do próximo. O primeiro passo, porém, para a aquisição de semelhante riqueza é o nosso entendimento das leis que nos regem, para que o egoísmo e a ambição não nos assalem a vida.”

Emmanuel



Textos extraídos
do livro:
*Chico Xavier,
casos inéditos, de
Weimar Muniz
de Oliveira*



Vale a pena ver o cuidado que Chico tem com o movimento espírita, com as obras criadas e dirigidas pelos espíritas.

Prima ele pela máxima atenção aos postulados doutrinários, com carinhoso destaque pelo aspecto religioso da Terceira Revelação, em

Sanatórios Espíritas

observância à divisa:

"Fora da Caridade não há salvação".

Quem já teve a feliz oportunidade de privar com Chico, sabe a que ponto chega sua dedicação ao Consolador Prometido.

Não há dúvida de que ele, Chico, é um grande líder do movimento restaurador, não apenas de âmbito nacional, mas mundial.

É um grande líder cristão na mais alta acepção da palavra.

Com relação ao censo demográfico, por exemplo, não perde ele o ensejo de recomendar aos companheiros de doutrina que não

deixem de se identificar como espíritas.

No que toca às casas espíritas, à administração das mesmas e ao trabalho evangélico que realizam, o depoimento de Cássio Ribeiro Ramos, ex-Presidente da Federação Espírita do Estado de Goiás, é elucidativo.

Contou-nos Cássio que, em conversa com o Chico, por ocasião da inauguração da sede definitiva do Sanatório Espírita "Eurípedes Barsanulfo" ou "Casa de Eurípedes", disse-lhe ele:

— Cássio, sanatório de espíritas temos muitos, mas sanatórios espíritas temos poucos!...

As pétalas de rosa

Conforme já relatei em páginas pretéritas, o Dr. João Moreira Marques, Juiz de Direito aposentado, residente nesta capital, teve a venturosa oportunidade de conviver com Chico Xavier, em Pedro Leopoldo. Moreira Marques engraxava-lhe os sapatos, semanalmente, e fazia-lhe os cabelos uma vez por mês.

E assim foi por muitos anos, o que justifica o fato de Moreira Marques ter conhecimento de inúmeros casos relacionados com o famoso, conceituado e querido mediano do Plano Maior entre nós.

Conta-nos Moreira Marques que,

estando em sua casa, à noite, naquela cidade mineira, isso por volta do ano de 1945, lá chegou Lourdes Marques Moreira, sua irmã, entusiástica e eufórica, dizendo que estava vindo do Centro Espírita em que Chico trabalhava.

E lá havia acontecido um fato extraordinário!

Naquela noite, houve um corte inesperado de energia elétrica, ficando a cidade às escuras.

Estavam todos no Centro Espírita àquela hora, quando tudo ficou escuro. Chico presidia ao trabalho. Havia muita gente no recinto.

De repente, uma linda luz azul



surgira de um dos cantos do salão, iluminando-o, encantada e brandamente, a todos transmitindo inexplicável bem-estar, ao mesmo tempo em que ocorreu uma verdadeira chuva de perfumadas pétalas de rosa, recendendo por todo o ambiente, em agradável fragrância. E assim permaneceu até ao término da sessão!

E, no outro dia, foi um comentário generalizado por toda a pequena Pedro Leopoldo de então!

Lourdes conservou consigo, por muito tempo, algumas das pétalas de rosa, diz Moreira Marques.

Lar de Jesus

empregando toda a sua clarividência, do cérebro e do coração, procurando estimular os companheiros de Doutrina em todos os rincões da Pátria do Cruzeiro, quicá de outros países onde o Consolador tem lançado suas bases.

Temos sido testemunha dessa assertiva. De alguns fatos, temos sido testemunha ocular.

Mais de uma vez fomos objeto desses estímulos, conforme já relatamos precedentemente.

No que diz respeito a nós, lembramos que, cerca de sete anos atrás, Cleuza, em conversa com ele, em

Uberaba, sobre o "Lar de Jesus", que estava ainda em construção, dissera:

— Ah, Chico, não sabemos como fazer, porque a obra é tão grande... Não podemos diminuir a área de construção, porque assim foi projetada!...

Chico, tomando a palavra, retrucou:

— Cleuza, se vocês estivessem construindo uma casa desse tamanho para vocês, eu diria que vocês não iriam dar conta. Mas lembre-se de que o lar é de Jesus!



Compaixão e auxílio

Existem criaturas na Terra tão extremamente agarradas à idéia de posse dos bens de que dispõem no mundo e das pessoas a que se dedicam, que, freqüentemente, em favor de nossa própria paz, necessitamos praticar, mais amplamente, os princípios da compaixão.

Esse companheiro foi indicado pela Divina Providência para exercer a justiça, temperada de misericórdia; entretanto, apesar da autoridade de que disponha, precisará da compaixão alheia, traduzida em atitudes e palavras, para que o poder não se lhe converta nas mãos em bastão de tirania.

Aquele recebeu do Senhor o dom de falar com desembaraço, de maneira a conduzir multidões para o caminho do bem; no entanto, em pleno fastígio do verbo, necessitará da compaixão dos semelhantes, a fim de não desmandar-se em paixões violentas.

Outro, em nome do Mais Alto, guarda o depósito de grande fortuna, de modo a administrá-la, criteriosamente, criando trabalho, em benefício dos irmãos do mundo, chamados à sustentação própria; contudo, não prescindirá da compaixão dos outros para que não venha a aniquilar o patrimônio que a vida lhe confiou.

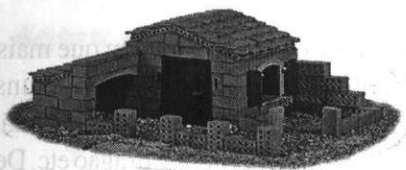
Aquele outro ainda recolheu da Divina Bondade grande ciclo de proações, a fim de lecionar com elas paciência e humildade, fé e coragem, no auxílio espiritual aos companheiros do mundo; entretanto, não dispensará o apoio da compaixão de quantos o assistem para que o sofrimento não se lhe faça veneno ou desespero, nos recessos da alma.

Do livro *Inspiração*
Chico Xavier/Emmanuel



"Não encarcere o próprio espírito no apego aos bens transitórios do plano material que, muitas vezes, não passam de sombra coagulada em torno do coração."

Emmanuel



Chico assumira na Espiritualidade, como mediano, a enorme e bela tarefa de complementar a Codificação Kardequiana, codificação essa que materializou, na Terra, o cumprimento da nobre promessa de Jesus, quanto ao CONSOLADOR. Disso não se tem nenhuma dúvida nos arraiais da Doutrina Espírita.

No cumprimento desse mandato, Chico tem-se desdobrado, com esmero,

As explicações do Espiritismo sobre a crença na vida futura não se fundamentam em teorias nem em sistemas preconcebidos, mas nas constantes observações oferecidas pelas almas que deixaram a matéria e gravitam na erraticidade nos diferentes planos evolutivos.

Há quase século e meio, essas informações são cuidadosamente anotadas, comparadas e selecionadas e formam um compêndio que esclarece devidamente o estado das almas no mundo espiritual.

Quando levamos em conta a universalidade das informações, observamos que as pessoas que viveram em diferentes raças, credos, condições sociais ou intelectuais, religiões, e mesmo ateus, confirmam que a sua situação atual é decorrência do seu próprio passado.

Ao reencarnar, o espírito vem com uma programação geral, tendo como base os velhos erros e acertos, sem que isso determine um destino fatalista. Submete-se às provas e expiações que mais possam ajudá-lo a livrar-se do passado delituoso e fazê-lo avançar na escala espiritual. Há vezes que, além dos fatos da encarnação imediatamente anterior, há outros pendentes de outras passagens pelos planetas que já podem ser enfrentados. Porém, se forem penosos, só poderão ser atendidos por um espírito amadurecido e com capacidade para vencer problemas mais graves. Se ele ainda não tem condição, as provas e as expiações serão ainda suaves, em atenção à pouca capacidade do espírito, no atual momento, e as mais difíceis ficam para outra oportunidade.

A vida do espírito na erraticidade e a sua intenção ou não, conhecimento ou não, aceitação ou não de encarnar depende da situação em que se encontra. A maioria dos que desencarnam na Terra continuam imperfeitos e sofrem na espiritualidade todas as conseqüências dos defeitos que carregam. É este grau de pureza ou impureza que o faz feliz ou infeliz no plano espiritual.

Para ser ditoso o espírito necessita da perfeição. Como isso é raro neste mundo, é fácil concluir-se que a erraticidade que circunda o planeta é ainda um vale de lágrimas, semelhante ao mundo material. É essa comunidade que nos rodeia e influencia os nossos pensamentos, exigindo de nós muita oração e

vigilância.

A compreensão e a crença nessa verdade farão os homens melhorar para sofrer menos. Cada um tratará de construir com sabedoria seu próprio futuro para ficar livre das dores.

Estas notícias deixam claro que não há castigo de Deus porque Deus é a Lei. Não pune nem dá prêmios. Toda imperfeição, e as faltas dela nascidas, embute o próprio castigo em condições naturais e inevitáveis. Assim como toda doença é uma punição contra os excessos, como da ociosidade nasce o tédio, não é necessária uma condenação especial para cada

Os espíritos advertem, também, que não é suficiente que o homem se arrependa do mal que fez, embora seja o primeiro e importante passo; são necessárias a expiação e a reparação.

falta ou para cada pessoa em particular. Quando segue a lei o homem pode livrar-se dos problemas pela sua vontade. Logo, pode também anular os males praticados e conseguir a felicidade.

A advertência dos espíritos nessa nossa escala é objetiva e segura. Dizem que “o bem e o mal que fazemos decorrem das qualidades que possuímos. Não fazer o bem quando podemos, é, portanto, o resultado de uma imperfeição.” Observem que não basta não fazer o mal. É preciso fazer o bem.

Os espíritos advertem, também, que não é suficiente que o homem se arrependa do mal que fez, embora seja o primeiro e importante passo; são necessárias a expiação e a reparação.

Quando falta ao espírito a crença na vida futura, fica difícil ele lutar por algo que não acredita e, nesse caso, pratica o mal sem preocupar-se com futuras conseqüências. Por isso, é comum aos espíritos atrasados acreditarem que continuam vivos, materialmente, mesmo após a desencarnação. Continuam com as mesmas necessidades que tinham quando eram humanos. Sentem fome, frio e enfermidades, como qualquer encarnado.

Tudo o que acontece a qualquer um de nós está inscrito na nossa consciência. Dela não podemos fu-

No capítulo VII da primeira parte do livro “O Céu e o Inferno”, encontramos interessantes questões sobre a vida futura.

As penas futuras segundo o Espiritismo

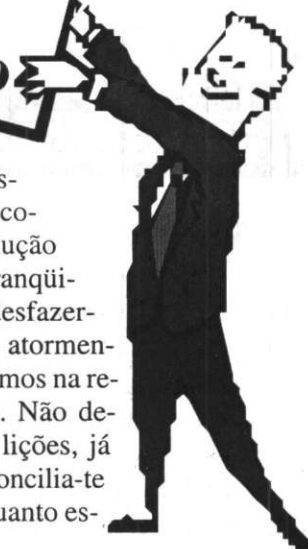
gir por mais longe que estejamos do lugar onde cometemos as faltas. A solução para ter a consciência tranqüila é reparar os erros e desfazer-se do presente que nos atormenta. Quanto mais demoramos na reparação mais sofremos. Não devemos adiar. Nas suas lições, já nos ensinou Jesus: “Reconcilia-te com teu adversário enquanto estás a caminho.”

No próprio capítulo em questão de “O Céu e o Inferno”, há uma indagação que todos nós certamente já fizemos algum dia: Por que tanto sofrimento? “Deus não daria maior prova de amor às suas criaturas criando-as infalíveis, perfeitas, nada mais tendo a adquirir, quer em conhecimento quer em moralidade?” Mas a resposta é óbvia. Deus poderia tê-lo feito, mas não o fez para que o progresso constituísse uma lei geral. Deixou o bem e o mal entregue ao livre-arbítrio de cada um, a fim de que o homem sofresse as dores dos seus erros, mas também o prazer dos seus acertos. E dando “a cada um, segundo as suas obras, no Céu como na Terra.” Esta é a Lei da Justiça Divina. Se assim não fosse, a vida não teria tempero.

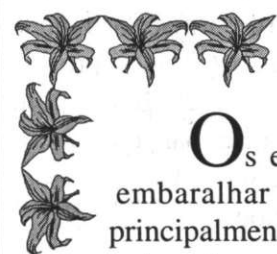
O sofrimento, em resumo, é inerente à imperfeição. Livre-se o homem da imperfeição pela sua própria vontade e anulará os males dela decorrentes; conquistará nesse momento a sonhada felicidade.

Octávio Caúmo Serrano

Extraído do site: www.espirito.com.br



O Diabo, inimigo dos demônios



Os escritores estão sujeitos a embaralhar algumas de suas idéias, principalmente se elas forem filosóficas, envolvendo causas e efeitos. E até os autores hagiógrafos da Bíblia cometeram esses deslizes. Exemplificando: há na história metafórica

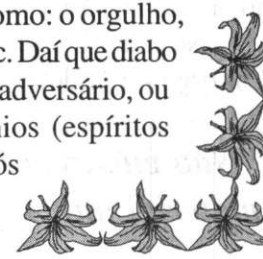
de Adão e Eva duas questões que saltam aos nossos olhos, ou seja, o intelecto e o pecado do casal. Mas o autor do texto coloca o pecado como causa do efeito intelecto, quando é o contrário, pois o intelecto é que é causa do pecado. Adão e Eva tiveram



primeiro o intelecto ou o chamado conhecimento da Árvore do Bem e do Mal, e só depois é que puderam adquirir condições de pecar. Realmente, enquanto eles tinham uma inteligência rudimentar, como a dos animais irracionais, sem terem ainda o uso da razão, eles não poderiam pecar. Não há pecado sem conhecimento e consentimento. Se essas confusões estão nos escritos até da Bíblia, entre os escritos e ensinamentos dos teólogos nem se fala, pois o número deles, ao longo dos séculos, é incomparavelmente muito superior ao dos autores bíblicos. E assim é que os teólogos escreveram muitas verdades, mas também muitas questões polêmicas, pois ainda não faziam o uso da chamada hermenêutica no estudo da Bíblia. A essas questões teológicas duvidosas reagiram os teólogos hereges, mais sábios, geralmente, do que os teólogos da ala ortodoxa da Igreja. Mas os ortodoxos, contando com o apoio do poder civil, venceram os hereges. Se, ao contrário, fossem os hereges os vitoriosos, a história do

cristianismo seria outra. E um erro, em que mais incidiram os teólogos ortodoxos e até alguns heréticos, foi o relativo aos demônios, diabos, satã, satanás, anticristo, Lúcifer, serpente, dragão etc. De todos os nomes citados, só os demônios são espíritos (humanos), que, obviamente, podem ser neutros, bons, atrasados (obsessores) e até aqueles que tomam posse de suas vítimas. Muitos teólogos nem acreditam em demônios e diabos, satanás, Lúcifer etc., tal a confusão dos diabos que os teólogos fizeram com esse assunto. Os substantivos diabos, satanás, Lúcifer (intelecto) não se referem a espíritos maus, como muita gente ainda pensa, mas aos pecados nossos, tais como: o orgulho, o ciúme, a inveja, o crime etc. Daí que diabo e satã significam opositor, adversário, ou seja, inimigo dos demônios (espíritos humanos), portanto, de nós mesmos!

José Reis Chaves



Lições de Vida

Jóias devolvidas

Narra antiga lenda árabe que um rabi, religioso dedicado, vivia muito feliz com sua família. Esposa admirável e dois filhos queridos.

Certa vez, por imperativos da religião, o rabi empreendeu longa viagem ausentando-se do lar por vários dias.

No período em que estava ausente, um grave acidente provocou a morte dos dois filhos amados.

A mãezinha sentiu o coração dilacerado de dor. No entanto, por ser uma mulher forte, sustentada pela fé e pela confiança em Deus, suportou o choque com bravura.

Todavia, uma preocupação lhe vinha à mente: como dar ao esposo a triste notícia?

Sabendo-o portador de insuficiência cardíaca, temia que não suportasse tamanha comoção.

Lembrou-se de fazer uma prece. Rogou a Deus auxílio para resolver a difícil questão.

Alguns dias depois, num final de tarde, o rabi retornou ao lar.

Abraçou longamente a esposa e perguntou pelos filhos...

Ela pediu para que não se preocupasse. Que tomasse o seu banho, e logo depois ela lhe falaria dos moços.

Alguns minutos depois estavam ambos sentados à mesa. Ela lhe perguntou sobre a viagem, e logo ele perguntou novamente pelos filhos.

A esposa, numa atitude um tanto embaraçada, respondeu ao marido: deixe os filhos. Primeiro quero que me ajude a resolver um problema que considero grave.

O marido, já um pouco preocupado perguntou:

— O que aconteceu? Notei você abatida! Fale! Resolveremos juntos, com a ajuda de Deus.



— Enquanto você esteve ausente, um amigo nosso visitou-me e deixou duas jóias de valor incalculável, para que as guardasse. São jóias muito preciosas! Jamais vi algo tão belo!

— O problema é esse! Ele vem buscá-las e eu não estou disposta a devolvê-las, pois já me afeiçoei a elas. O que você me diz?

— Ora, mulher! Não estou entendendo o seu comportamento! Você nunca cultivou vaidades!... Por que isso agora?

— É que nunca havia visto jóias assim! São maravilhosas!

— Podem até ser, mas não lhe pertencem! Terá que devolvê-las.

— Mas eu não consigo aceitar a

idéia de perdê-las!

E o rabi respondeu com firmeza:

— Ninguém perde o que não possui. Retê-las equivaleria a roubo! Vamos devolvê-las, eu a ajudarei. Faremos isso juntos, hoje mesmo.

— Pois bem, meu querido, seja feita a sua vontade. O tesouro será devolvido. Na verdade isso já foi feito. As jóias preciosas eram nossos filhos! Deus os confiou à nossa guarda, e durante a sua viagem veio buscá-los. Eles se foram.

O rabi compreendeu a mensagem. Abraçou a esposa, e juntos derramaram grossas lágrimas. Sem revolta nem desespero.

Os filhos são jóias preciosas que o Criador nos confia a fim de que as ajudemos a burilar-se.

Não percamos a oportunidade de enfeitá-las de virtudes. Assim, quando tivermos que devolvê-las a Deus, que possam estar ainda mais belas e mais valiosas.

Fonte: livro "Quem tem medo da morte?"
Cap. Jóias devolvidas.

Boa vontade
e
simpatia



Um homem adquiriu uma fazenda, e dias depois encontrou-se com um de seus novos vizinhos.

— O senhor comprou esta propriedade? — perguntou-lhe o vizinho em tom quase agressivo.

— Comprei-a sim, meu amigo!

— Pois sinto lhe dizer que vai ter sérios aborrecimentos. Com as terras, comprou também uma questão nos tribunais.

— Como assim? Não compreendo!

— Vou explicar. Existe uma cerca, construída pelo proprietário anterior, fora da linha divisória. Não concordo com a posição dessa cerca. Desejo defender os meus direitos, e assim irei fazer!

— Peço-lhe que não faça semelhante coisa — pediu o novo vizinho. — Acredito na sua palavra. Se a cerca não está no lugar devido, iremos e consertaremos tudo de comum acordo.

— O senhor está falando sério? — exclamou o antigo morador.

— É claro que estou!

— Pois se é assim — respondeu o reclamante —, a cerca fica como está. O senhor é um homem honrado e digno. Faço mais questão de sua amizade do que de todos os alqueires de terra.

Assim, os dois vizinhos tornaram-se amigos inseparáveis.

Que virtude magnífica é a boa vontade!

Quantos conflitos poderão ser evitados, se nosso coração aprender a ouvir, a entender um pouco no outro!

Que virtude magnífica é a simpatia! Esta maneira alegre e respeitosa de receber as pessoas, quando podemos exercitar a gentileza, quando podemos exercitar o sorriso.

Tais virtudes estão dentro de uma maior, a mansidão.

A mansidão que não permite que a ira encontre guarida em nossa alma.

A mansidão que não se enfada por bagatelas, e nem toma como ofensa o que na realidade não é.

A mansidão que nos prepara para o perdão, evitando qualquer pensamento de vingança.

A mansidão que nos ensina a ser afável, gentil, com todos, para que assim possamos colher bons frutos.

Aqueles que são simpáticos, aqueles que são gentis, naturalmente são mais amáveis, isto é, mais fáceis de ser amados.

Aqueles que procuram resolver as crises através do diálogo equilibrado, da boa vontade, facilmente escapam de criar para si inimigos, e assim vivem mais felizes.

Desta forma, recebamos sempre com simpatia e boa vontade aqueles que se aproximam de nós.

"Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra."

"Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus."

Jesus foi a lição maior de brandura, de mansuetude.

Seu bondoso coração encontrou resistências sem fim na alma dos homens da Terra. Foi injuriado, desrespeitado, agredido, mas conservou-se sempre pacífico e calmo.

Que Seu exemplo possa inspirar a modificação de nossas vidas, direcionando-as para a conquista de mais esta virtude.

Redação do Momento Espírita, baseado nos livros: Lendas do Céu e da Terra, Malba Tahan, cap. Boa vontade e O Evangelho segundo o Espiritismo, Allan Kardec, cap IX

ALÔ EMPRESAS!

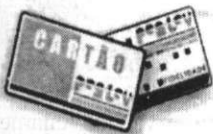
Agora sua empresa pode contar com um atendimento diferenciado no fornecimento de produtos com qualidade, economia, variedade e agilidade na entrega do que você precisar.

www.peglev.com.br SUPERMERCADOS E ATACADO



- Descartáveis;
- Sucos em Pó e Líquido;
- Produtos de Limpeza;
- Carnes e Frios;
- Cestas Básicas;
- E muito mais....

SERVIÇOS:



peglev

SUPERMERCADOS

TODO TEMPO AO SEU LADO

Atacado em Franca-SP c/ Atendimento p/ Toda a Região:
R. Carlos de Vilhena, 4280 - Imperador.....3721-2888

Loja 1: R. Voluntário Mário Mazini, 1902 - Estação.....3723-2888

Loja 2: Av. Antônio R. Netto, 1105 - N. Sra. das Graças..3724-2888

Loja 3: Av. Sta. Cruz, 2319 - Jd Sta. Cruz.....3724-3099

Loja 5: Av. Dr. Abrahão Brickmann, 1315 - Portinari..3725-2888

Fundação Espírita Allan Kardec

Palestras públicas nas quintas-feiras, das 20 às 21 horas

De 8/3/2007 a 3/5/2007

CAPÍTULO

TEMA

PALESTRANTE

DATA

V - Bem-aventurados os aflitos

Justiça das aflições e Causas atuais das Aflições - itens de 1 a 5	Leondeniz Oliveira Borges	8/3/2007
Causas anteriores das aflições - itens 6 a 10	Gleide Maria Freitas Cunha	15/3/2007
Esquecimento do passado e Motivos de Resignação itens de 11 a 13	Nara Carloni	22/3/2007
O Suicídio e a Loucura itens de 14 a 17	Flávio Indiano de Oliveira	29/3/2007
Bem e Mal sofrer e O mal e o Remédio - itens 18 e 19	Leondeniz Oliveira Borges	5/4/2007
A Felicidade não é deste Mundo - item 20	Luziane Miglioranza Thimóteo	12/4/2007
Perdas de pessoas amadas, Mortes prematuras e Se fosse um homem de bem, teria morrido - itens 21 e 22	Sandra Freire	19/4/2007
Os Tormentos voluntários, a Felicidade real e a Melancolia - itens 23 a 25	Valdete Paula e Silva	26/4/2007
Provas voluntárias. O verdadeiro cilício - itens 26 a 31	Leondeniz Oliveira Borges	3/5/2007

O Conselho Federativo Nacional, que reúne os representantes das 27 entidades estaduais responsáveis pela coordenação do movimento espírita em todo o Brasil, em sua reunião de 10 a 12 de novembro, elaborou mensagem aos espíritas a respeito de nossas responsabilidades como praticantes e dirigentes de atividades e instituições, levando em conta o respeito à Doutrina Espírita, assim como foi organizada por Allan Kardec, a que costumamos nos referir como "fidelidade doutrinária".

Mensagem aos espíritas

Assunto: Preservação dos Princípios Doutrinários na Prática Espírita

"É indispensável manter o Espiritismo, qual foi entregue pelos Mensageiros Divinos a Allan Kardec, sem compromissos políticos, sem profissionalismo religioso, sem personalismos deprimentes, sem pruridos de conquista a poderes terrestres transitórios". Bezerra de Menezes (Mensagem "Unificação", psicografia de Chico Xavier - Reformador, agosto 2001)

Considerando que as idéias espíritas, tais como reencarnação, imortalidade, comunicação com os Espíritos e vida após a morte, têm sido alvo de interesse geral, propiciando à mídia a divulgação de filmes, teatro, livros e notícias de fatos ocorridos, que mostram, cada vez mais, a certeza dessas verdades que a Doutrina Espírita revela há 150 anos;

Considerando que essa promoção é perfeitamente compatível com os propósitos do Movimento Espírita que é o de colocar ao alcance e a serviço de todos a mensagem consoladora e esclarecedora da Doutrina Espírita, dando

à vida e trazendo respostas às inquietações de muitos seres humanos com tendência ao suicídio, à violência, ao uso das drogas e à desagregação familiar;

Considerando que, com a divulgação feita pela mídia, independentemente da ação do Movimento Espírita, é natural que um número cada vez maior de pessoas procure os núcleos espíritas, interessado em aprofundar-se no conhecimento dos ensinamentos doutrinários e em receber a assistência, o esclarecimento e a orientação de que necessita, bem como preparar-se para o trabalho voluntário, na assistência e promoção social, no atendimento aos que necessitam de amparo espiritual e em outras atividades;

Considerando que esta circunstância oferece ao trabalhador espírita a oportunidade de intensificar o desenvolvimento de suas tarefas voltadas ao estudo, à difusão e à prática do Espiritismo, consciente de que a convicção

do ser humano quanto à sua condição de Espírito imortal é fundamental para ajudá-lo a atravessar esta fase de transição em que nos encontramos, quando se prepara a Humanidade para ascender à condição de mundo de regeneração;

Considerando que o Centro Espírita continua a ser o núcleo básico da difusão espírita, propiciando espaço para todas as atividades de atendimento e de estudo aos interessados em receber os benefícios da Doutrina Espírita, tal como foi revelada pelos Espíritos Superiores a Allan Kardec e nas obras que, seguindo suas diretrizes, lhe são complementares e subsidiárias,

O CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL, EM SUA REUNIÃO DE 10 A 12 DE NOVEMBRO DE 2006, RECOMENDA:

1 — que os dirigentes e trabalhadores espíritas intensifiquem os seus esforços no sentido de colocar a Doutrina Espírita ao alcance e a serviço de todos os homens,

divulgando os seus ensinamentos com o propósito de esclarecer fraternalmente, sem impor e sem pretender converter a quem quer que seja;

2 — que procuremos aprimorar, ampliar e multiplicar os núcleos espíritas, utilizando toda a sua potencialidade no atendimento às necessidades de assistência, de conhecimento, de estudo e de orientação que os seres humanos apresentam;

3 — que no desenvolvimento da tarefa de estudo, difusão e prática da Doutrina Espírita:

3.1 — estudemos constantemente a Doutrina Espírita, não só para o nosso próprio aprimoramento, como também, para manter o trabalho doutrinário dentro dos princípios espíritas, sem as influências nocivas de interpretações pessoais distorcidas;

3.2 — trabalharemos juntos e unamos os nossos esforços, impondo silêncio aos nossos ciúmes e às nossas discórdias, para não prejudicar e nem retardar a execução do trabalho, em qualquer área de atividade em que nos encontremos;

3.3 — mantenhamos o Espiritismo com a pureza doutrinária própria do Cristianismo nascente, sem incorporar à sua prática qualquer forma de ritual, de sacramento ou de idolatria, incompatível com os seus princípios. É lícito, justo e conveniente orarmos em benefício de alguém que nasce, de um casal que assume compromissos matrimoniais ou de alguém que retorna à vida espiritual. Não é lícito, todavia, sacramentarmos esses gestos, chamando-os de "batizado espírita", "casamento espírita" ou "funeral espírita", mesmo quando se apresentam sob aparente legalidade. As instituições que se classificam como espíritas, têm o dever decorrente de pautar a sua prática dentro dos princípios contidos nas obras básicas de Allan Kardec, que constituem a Codificação Espírita, e tem o direito constitucional de preservar a sua autonomia e liberdade de ação na execução desses princípios. O Espiritismo não tem sacerdotes e nas atividades verdadeiramente espíritas a ninguém é dado o direito de consagrar atos ou fazer concessões, seja em nome de Deus, de Jesus, dos Espíritos Superiores ou da própria Doutrina Espírita;

3.4 — colaboremos com os órgãos públicos e com a sociedade em geral, em todas as suas ações marcadas pelos propósitos de solidariedade e de fraternidade, visando a assistência e a promoção material, social e espiritual do ser humano, preservando e praticando, todavia, a integridade dos princípios e objetivos doutrinários espíritas que caracterizam a instituição;

3.5 — relacionemo-nos com os representantes e seguidores de todos os segmentos religiosos, procurando construir a base de um convívio salutar, marcado pelo respeito recíproco e pela fraternidade, base fundamental para a construção de uma sociedade em que a multiplicidade de convicções sociais, filosóficas ou religiosas não seja impedimento para a coexistência fraterna.

Com isto estaremos vivenciando e preservando plenamente os princípios da Doutrina Espírita.